

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

Jaciara do Couto Rocha Alvim

GÊNERO E JORNALISMO: um estudo dos textos informativos e de opinião sobre a morte de mulheres famosas na editoria Ilustrada da Folha de S.Paulo

Juiz de Fora
2024

Jaciara do Couto Rocha Alvim

GÊNERO E JORNALISMO: um estudo dos textos informativos e de opinião sobre a morte de mulheres famosas na editoria Ilustrada da Folha de S.Paulo

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Kérley Winkes.

**Juiz de Fora
2024**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Alvim, Jaciara do Couto Rocha .

Gênero e Jornalismo : um estudo dos textos informativos e de opinião sobre a morte de mulheres famosas na editoria Ilustrada da Folha de S.Paulo / Jaciara do Couto Rocha Alvim. -- 2024.
95 f.

Orientadora: Kérley Winkes

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2024.

1. Gênero. 2. Jornalismo. 3. Mulheres famosas. 4. Morte e noticiabilidade. 5. Trabalho de Conclusão de Curso. I. Winkes, Kérley , orient. II. Título.

Jaciara do Couto Rocha Alvim

GÊNERO E JORNALISMO: um estudo dos textos informativos e de opinião sobre a morte de mulheres famosas na editoria Ilustrada da Folha de S.Paulo

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Jornalismo, da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Aprovada em (dia) de (mês) de (ano)

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Kérley Winkes – Orientadora
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dr. João Paulo Carrera Malerba
Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Ma. Júlia Pessoa Varges
Centro Universitário Academia

AGRADECIMENTOS

A conclusão desta fase carrega o sabor salgado dos muitos sentimentos e sensações que me acompanharam durante o curso e da dedicação empenhada semestre após semestre durante os últimos cinco anos. Mas, carrega também uma renovadora alegria e os sentimentos de gratidão e alívio por ter chegado até aqui e ter realizado mais um sonho.

À Universidade Federal de Juiz de Fora, por quem me apaixonei desde quando cruzei seus portões pela primeira vez ainda no ensino médio, meu agradecimento pela oportunidade de vivê-la, tendo acesso ao conhecimento público, gratuito e de qualidade, bem como pela possibilidade de notar em mim transformações tão profundas a partir desse acesso. Aos professores e professoras da Faculdade de Comunicação que enriqueceram minha trajetória, o meu muito obrigada.

Agradeço em especial à Profa Dra. Kérley Winkes por ter sido a melhor orientadora que eu poderia ter tido. As orientações, a parceria e o tratamento respeitoso e empático durante o processo solitário de pesquisa e escrita foram combustíveis potentes e fundamentais. Seu apoio, incentivo, escuta e olhar atencioso durante a construção deste trabalho tornaram o percurso até aqui mais leve, prazeroso e criativo.

Agradeço à minha família por todo apoio e, principalmente, à minha querida mãe por não medir esforços em me ajudar a realizar meus sonhos. Sua atenção, carinho, apoio financeiro e o cuidado com os meus amores de quatro patas foram imprescindíveis para eu me manter firme em meus objetivos.

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para minha entrada na universidade pública, entre elas a professora Hilana Ribeiro, que durante o ensino médio foi uma grande incentivadora de que nós, alunos e alunas de escola pública, não desistíssemos do ensino superior. Guardo com carinho na memória as lembranças de sua generosidade, força e paixão pela profissão.

Agradeço também à espiritualidade e às forças divinas que me acompanham por prepararem o meu caminho até aqui, me acolherem em cada dor e colocarem doses de alegria e esperança em meus dias. Por fim, agradeço a todas as mulheres que inspiraram minha trajetória e me ajudaram a enxergar a oportunidade de viver e escrever novas narrativas por meio do conhecimento.

“O que eles falam é científico
quando nós falamos, é não científico.
Quando eles falam, é imparcial.
Quando nós falamos, é parcial.
Quando eles falam, é objetivo.
Quando nós falamos, é subjetivo.
Quando eles falam, é neutral.
Quando nós falamos, é pessoal.
Quando eles falam, é racional.
Quando nós falamos, é emocional.
Eles têm fatos, nós temos opiniões.
Eles têm conhecimento, nós temos
[experiências.
Não estamos a lidar aqui com um simples
[jogo de p-a-l-a-v-r-a-s
Mas sim com uma violenta hierarquia
[que define:
quem pode falar
e sobre o que se pode falar.”

RESUMO

Este trabalho reflete sobre o impacto do jornalismo na perpetuação do machismo, da misoginia e dos preconceitos em relação às mulheres, questionando a possibilidade de desenvolver narrativas jornalísticas mais humanizadas e plurais. Para contribuir com o fortalecimento do debate acerca das temáticas relacionadas a gênero no jornalismo, esta pesquisa busca compreender os enquadramentos dos textos jornalísticos da Folha de S.Paulo sobre a morte de mulheres famosas em obituários, textos de opinião e informativos da editoria Ilustrada. O embasamento teórico apoia-se nas Teorias Construcionistas e no Feminismo Decolonial, estabelecendo diálogo com diversos autores e autoras para compreender o papel da objetividade e subjetividade, dos critérios de noticiabilidade e dos limites do gênero jornalístico opinativo na contação de histórias. A metodologia qualitativa, guiada pela análise de conteúdo e análise de enquadramento, foi empregada para revelar o que está implícito em cada texto. Ao todo, foram analisados 18 textos publicados entre 2021 e 2023, abordando as cantoras Marília Mendonça, Gal Costa, Rita Lee e Sinéad O'Connor, a jornalista Glória Maria e a atriz Aracy Balabanian. Como resultado, é possível afirmar que a repetição de visões hegemônicas em diversos textos, mesmo quando se optava por ressaltar comportamentos e características disruptivas, demonstra que o jornalismo ainda tem dificuldade para enxergar e construir narrativas sobre mulheres que se distanciem dos ideais patriarcais que regem a sociedade brasileira.

Palavras-chave: Jornalismo. Gênero. Subjetividade. Mulheres famosas.

ABSTRACT

This work reflects on the impact of journalism on the perpetuation of machismo, misogyny and prejudices towards women, questioning the possibility of developing more humanized and pluralistic journalistic narratives. To contribute to strengthening the debate on themes related to gender in journalism, this research seeks to understand the framing of Folha de S.Paulo's journalistic texts about the deaths of famous women in obituaries, opinion texts and newsletters from the Ilustrada editorship. The theoretical basis is based on Constructionist Theories and Decolonial Feminism, establishing dialogue with several authors to understand the role of objectivity and subjectivity, newsworthiness criteria and the limits of the opinionated journalistic genre in storytelling. Qualitative methodology, guided by content analysis and framing analysis, was used to reveal what is implicit in each text. In total, 18 texts published between 2021 and 2023 were analyzed, covering singers Marília Mendonça, Gal Costa, Rita Lee and Sinéad O'Connor, journalist Glória Maria and actress Aracy Balabanian. As a result, it is possible to affirm that the repetition of hegemonic views in several texts, even when they chose to highlight disruptive behaviors and characteristics, demonstrates that journalism still has difficulty seeing and constructing narratives about women that distance themselves from the patriarchal ideals that govern the Brazilian society.

Keywords: Journalism. Gender. Subjectivity. Famous women.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Objetos de investigação	47
Tabela 2: Categorias e códigos de análise	54
Tabela 3: Relação de textos	55
Tabela 4: Relação de enquadramentos	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1	18
GÊNERO E JORNALISMO: POR QUE PAUTAR?	18
1.1 MASCULINO: O GÊNERO DO JORNALISMO	19
1.2 ABAIXO CENSURA: UM JORNALISMO QUE DÁ VOZ À DIVERSIDADE	24
CAPÍTULO 2	29
DENTRO DA PROFISSÃO: CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE E GÊNEROS JORNALÍSTICOS	29
2.1 NAS ENTRANHAS DA NOTÍCIA: OS CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE E A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA	30
2.2 A MORTE COMO CRITÉRIO DE NOTICIABILIDADE	33
2.3 GÊNEROS JORNALÍSTICOS: ONDE ENTRA O OPINATIVO?	37
CAPÍTULO 3	42
METODOLOGIA: CAMINHOS QUE CONDUZEM À REFLEXÃO	42
3.1 QUEM É A FOLHA DE S.PAULO?	42
3.2 O PROCESSO E OS CRITÉRIOS DE ESCOLHA DOS OBJETOS DE INVESTIGAÇÃO	45
3.3 METODOLOGIA: ANÁLISE DE CONTEÚDO E ENQUADRAMENTO	48
3.3.1 Como analisar o Enquadramento a partir da Análise de Conteúdo	52
CAPÍTULO 4	55
UM DIAGNÓSTICO: QUAIS CAMINHOS SÃO PERCORRIDOS PARA FALAR SOBRE MULHERES?	55
4.1 CORPO, ESTÉTICA E JUVENTUDE (CEJ)	57
4.2 CARREIRA E SUCESSO (CS)	64
4.3 RELAÇÕES AMOROSAS E FAMILIARES (RAF)	70
4.4 FEMINISMOS (FS)	75
4.5 DROGAS E ENTORPECENTES (DE)	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
REFERÊNCIAS	91

INTRODUÇÃO

A primeira carta do apóstolo Paulo aos Coríntios traz uma série de recomendações para as pessoas que desejam seguir e cultuar o Messias, dentre elas encontram-se várias recomendações dadas às mulheres, destaco uma que se encontra em 1 Coríntios, versículos 33 e 34: “As mulheres estejam caladas nas igrejas, porque lhes não é permitido falar... se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos” (Bíblia Sagrada, 2017). Os textos que emitem restrições às mulheres não são característicos apenas do Cristianismo, há na literatura, nas letras de músicas, nas narrativas teatrais e cinematográficas e em muitos outros campos, vários exemplos que despertam a atenção e demonstram como o grupo pode ser percebido em diferentes épocas, culturas, religiões, campos do saber e senso comum.

Como estou inserida em uma sociedade machista, cresci ouvindo que o comportamento das mulheres tinha que proporcionar e manter privilégios históricos dados aos homens, principalmente, os cis, héteros e brancos. Todavia, uma curiosidade para tentar compreender o porquê de o mundo ser como é e o porquê das desigualdades, em relação a diferentes marcadores sociais, serem tão discrepantes e uma insatisfação com isso tudo saltitavam em mim. Esses sentimentos, tão caros ao exercício do jornalismo, me moveram em direção a construção desta pesquisa.

Embora as mulheres tenham muito mais direitos reconhecidos e assegurados na contemporaneidade, as estruturas patriarcais ainda têm força e insistem em tentar limitar direitos, em conter a potência e em ditar os comportamentos delas. No Brasil, por exemplo, existem inúmeros casos que nos permitem perceber machismo e misoginia de formas bem evidentes. Um desses casos diz respeito ao fatídico momento em que o ex-presidente Jair Bolsonaro disse, entre risos, que a jornalista Patrícia Campos Mello, “queria dar um furo”. O uso do jargão jornalístico, que indica que um assunto está sendo noticiado em primeira mão, com conotação sexual dito por um chefe de estado, eleito democraticamente, em relação a uma profissional que só estava fazendo o seu trabalho, é um indício vergonhoso de que ainda há muito o que se combater para assegurar os direitos dessa minoria.

As estruturas e poderes que organizam a nossa sociedade nutrem um ódio escancarado por mulheres. Veja bem, em setembro de 2023, o prefeito de Barra do Piraí, interior do Rio de Janeiro, Mário Esteves, sugeriu que as meninas do município fossem castradas para controle da população. Entre as diversas falas problemáticas, ele disse “é muita responsabilidade colocar filho no mundo” e “haja creche para ser construída ao longo dos anos”. O que parece

faltar no prefeito é a noção de que planejamento familiar e reprodução humana não são responsabilidades apenas de mulheres e meninas.

Segundo o Portal AzMina, em Minas no ano de 2020, uma jovem brasileira, preta e pobre, que tentou interromper a gestação, foi levada às pressas ao Sistema Único de Saúde (SUS), depois de sofrer uma hemorragia. Ela foi denunciada pelo médico e algemas foram colocadas enquanto ela sangrava na maca do hospital. Durante três dias, ela ficou presa e sangrando. Apesar do sigilo médico ser protegido por lei, muitos médicos e profissionais de saúde denunciam suas pacientes quando desconfiam de uma tentativa de aborto.

Em oposição aos casos citados, a violência e discriminação contra mulheres pode ser latente, sendo, por vezes, bem difíceis de perceber, como quando elas são cobradas para se encaixar em padronizações estéticas; quando não podem viver seus desejos e liberdade sexual da forma como gostariam; quando escutam comentários maldosos por não quererem casar ou ter filhos; ou, até mesmo, quando estão mortas e não podem se defender dos comentários que recebem sobre suas decisões pessoais, carreiras ou seus corpos. Esta pesquisa vai refletir sobre o último exemplo, buscando compreender qual é a contribuição ou o impacto do jornalismo na manutenção da violência e preconceitos contra as mulheres.

Meu anseio neste trabalho consiste em entender onde o jornalismo se situa dentro dessa trama complexa. O gênero do jornalismo (Veiga, 2010) ainda é o masculino? Poderia passar a ser uma preocupação da profissão contribuir para o abalo das estruturas machistas e tentar promover narrativas mais plurais? Tem como produzir jornalisismos que estejam atentos à diversidade? Apesar da rotina corrida, como algumas mudanças na forma de enxergar e ler o mundo podem impactar a profissão? É fundamental, devido ao impacto do jornalismo e da comunicação, que temáticas tão importantes socialmente, como a de gênero, sejam objetos de pesquisa e colaborem para a evolução das abordagens e narrativas fomentadas por este setor.

Para compreender esse cenário, me debrucei sobre dezoito textos da *Folha de S.Paulo* que abordavam aspectos da vida e carreira de seis mulheres artistas famosas após suas mortes. As matérias foram publicadas durante os anos de 2021 a 2023. Elas falam da cantora Marília Mendonça, falecida em 2021, da cantora Gal Costa, falecida em 2022, da jornalista Glória Maria, das cantoras Rita Lee e Sinead O'Connor e da atriz Aracy Balabanian, todas falecidas em 2023.

Objetivos: aonde essa menina quer chegar?

Tendo em vista os questionamentos e inquietações mencionados, esta pesquisa foi empreendida com o objetivo de compreender os enquadramentos dos textos jornalísticos da *Folha de S.Paulo* sobre a morte de mulheres famosas publicados na editoria Ilustrada, visando contribuir para o fortalecimento do debate acerca das temáticas relacionadas a gênero no jornalismo. Assim, os objetivos específicos almejam:

- Traçar um panorama sobre a objetividade e a subjetividade e suas conexões com um jornalismo humanizado e plural;
- Compreender concepções do gênero jornalístico opinativo;
- Debater sobre os sentidos da morte como critério de noticiabilidade;
- Identificar e analisar as visões de gênero nos textos jornalísticos da *Folha de S.Paulo*.

Metodologia: gestando um corpo não humano

Antes de um corpo humano deixar o útero e se deparar com os desafios da existência, há um período relativamente grande, se comparado a outras espécies, para a sua nutrição, formação e o seu desenvolvimento. Optei nestas páginas por uma gestação diferente daquela frequentemente associada às mulheres e ao feminino: a gestação de conhecimento. Uma pesquisa, se me permites a comparação, passa também por um processo de gestação antes de deixar a mente e as inquietações de um pesquisador ou pesquisadora. E a metodologia é parte fundamental desse processo, sendo o conhecimento e a reflexão o sistema venoso que conduz o sangue para todas as regiões do corpo.

Feita essa consideração, esta pesquisa utiliza a metodologia qualitativa, pois, conforme afirma Minayo (2010), através dela pode-se estudar a história, as relações, as representações, as percepções e outros elementos que são frutos da elaboração humana. Essa abordagem não se prende à mensuração de elementos, mas se dedica à compreensão de uma realidade e, além disso, ela pressupõe que o conjunto das interações que envolvem sujeito e objeto pode produzir o conhecimento (Winques, 2022).

A análise de conteúdo é o instrumento que viabiliza a análise dos objetos escolhidos para esta pesquisa. Sampaio e Lycarião (2021) destacam o conceito defendido por Downe Wamboldt (1992) de que essa ferramenta proporciona meios objetivos e sistemáticos para fazer inferências de modo válido sobre dados verbais, visuais ou escritos, podendo descrever e quantificar determinados fenômenos. Com ela, é possível identificar sutilezas nas narrativas jornalísticas que contribuem para entender o que está por trás da história contada pelos profissionais. Para Sampaio e Lycarião (2021), essa técnica possibilita a interpretação de um fenômeno através de seus significados, intenções, consequências ou contextos.

Nesta pesquisa, a análise de conteúdo é usada em conjunto com a técnica de enquadramento. Ott (2022) mostra, com base em Entman (1993), que enquadrar é selecionar e destacar algumas informações no texto, de acordo com a definição de problemas, diagnósticos, julgamentos morais e propostas de soluções. Ainda baseada em Entman (1993), a autora mostra que os e as profissionais da comunicação fazem julgamentos de enquadramento quando escolhem o que dizer e que essas escolhas são dirigidas por enquadramentos que ordenam seus conjuntos de crenças. Além disso, ressalta que o sistema de crenças que regem a tomada de decisão não está preso à consciência individual, sendo fruto de sentidos partilhados por meio da interação comunicativa (Mendonça; Simões, 2012 *apud* Ott, 2022). Para que se pudesse fazer uma análise mais detalhada, optou-se por esses métodos.

Tendo isso em mente, no Capítulo 1, “*Gênero e jornalismo: por que pautar*”, reflete-se sobre as questões de gênero e suas implicações no fazer jornalístico, discutindo, no tópico “*Masculino: o gênero do jornalismo*”, como essa temática é tratada neste campo, e, em “*Abaixo censura: um jornalismo que dá voz à diversidade*”, analisando quais são as alternativas e possibilidades para a promoção de narrativas mais plurais no fazer jornalístico. Nessa parte, as autoras e os autores base são Márcia Veiga da Silva, Fabiana de Moraes, Cláudia Lago, Jéssica Gustafsson, Nelson Traquina, Adelmo Genro Filho, Simone de Beauvoir, Marcia Tiburi, Lélia Gonzalez, Karina Janz Woitowicz, Muriel Emídio Pessoa do Amaral, Paula Melani Rocha, Monica Martinez, Eduardo Meditsch, Mara Coelho de Souza Lago, Cláudia Nonato e Evelyn Kazan.

Uma análise sobre os gêneros jornalísticos e os critérios de noticiabilidade toma o Capítulo 2, “*Dentro da profissão: critérios de noticiabilidade e gêneros jornalísticos*”. Nele, busca-se compreender os critérios de noticiabilidade, o gênero opinativo e a morte enquanto critério de noticiabilidade em dois tópicos “*Nas entranhas da notícia: os critérios de noticiabilidade e a produção jornalística*”, “*A morte como critério de noticiabilidade*” e “*Gêneros jornalísticos: onde entra o opinativo?*”. Temáticas essenciais para a análise dos objetos já mencionados no tópico anterior. Os autores e autoras base para este capítulo são Gislene Silva, Nelson Traquina, Mauro Wolf, Paula Rocha, Goiamérico Santos, Jair Antonio de Oliveira, Anderson Lopes da Silva, Fabiana Pelinson, José Marques de Melo, Francisco de Assis, Augusto Acosta de Vasconcelos, Camila Mont’Alverne, Francisco Paulo Jamil Marques e Maria Stella Galvão Silva, que colaboram para a compreensão de questões mais técnicas que envolvem a rotina e a produção jornalística.

O Capítulo 3, por sua vez, é voltado para a Metodologia e se intitula “*Metodologia: caminhos que conduzem à reflexão*”. Os tópicos “*Quem é a Folha de S.Paulo?*”, “*O processo e os critérios de escolha dos objetos de investigação*”; “*Metodologia: análise de conteúdo e enquadramento*” e “*Como analisar o enquadramento a partir da análise de conteúdo*” trazem as últimas informações essenciais para embasar as análises dos objetos realizadas no capítulo seguinte. Ancoram a discussão neste capítulo as autoras e os autores Fabiane Barbosa Moreira, Kérley Winkes, Rafael Cardoso Sampaio, Diógenes Lycarião, Everton Cardoso e Maria Clara Sidou Monteiro e Síntia Mara Ott.

O Capítulo 4, denominado “*Um diagnóstico: quais caminhos são percorridos para falar sobre mulheres*”, traz os tópicos “*Corpo, estética e juventude (CEJ)*”; “*Carreira e sucesso (CS)*”; “*Relações amorosas e familiares (RAF)*”; “*Feminismos (FS)*” e “*Drogas e entorpecentes (DE)*”. No último capítulo, vem as considerações finais sobre a análise realizada neste trabalho. Esses dois últimos capítulos relacionam as ideias e os conceitos apontados pelos diversos autores e autoras trabalhados.

Como resultado desta análise, foi possível perceber que a repetição de visões hegemônicas em diversos textos demonstra que o jornalismo ainda tem dificuldade para enxergar e construir narrativas sobre mulheres famosas que se distanciem dos ideais patriarcais que regem a sociedade brasileira ainda que sejam ressaltados comportamentos e características disruptivas.

CAPÍTULO 1

GÊNERO E JORNALISMO: POR QUE PAUTAR?

Tudo o que se produz parte de uma compreensão e lugar social (Boff, 1999), inclusive o interesse em pesquisar e refletir sobre algo, assim como a escolha do embasamento teórico que sustenta os argumentos. É impossível abordar tudo sobre um tema e utilizar todas as teorias ou autores e autoras que poderiam embasar uma determinada discussão. Identificar ou estabelecer os limites de uma pesquisa é uma tarefa desafiadora, mas que permite o desenvolvimento de um trabalho sólido.

Assim sendo, refletir sobre o impacto das *compreensões de gênero* nas produções jornalísticas, mesmo sendo um campo ainda pouco abordado nas pesquisas de comunicação, é essencial para compreender o papel da objetividade na manutenção das estruturas sociais de poder, no fortalecimento de visões preconceituosas e na desvalorização de mulheres através de visões de mundo e recortes parciais da realidade embasados nos valores que os e as profissionais que produzem o material jornalístico carregam.

Para compreender esse fenômeno complexo e, por vezes, sutil, este primeiro capítulo se apoia nas teorias construcionistas do Jornalismo, mostrando como se dá o processo de elaboração dos produtos jornalísticos, e no feminismo decolonial, que reconhece diferentes formas de opressão a que mulheres e outros grupos minoritários podem ser sujeitados, inclusive a imposta pelo pensamento colonialista. Nas teorias construcionistas, porque nesta vertente entende-se que:

As notícias registram a realidade social e são simultaneamente um produto dessa mesma realidade, na medida em que fornecem aos seus consumidores uma abstração seletiva intencionalmente coerente, mesmo podendo descurar certos pormenores. [...] A abstração e a representação seletivas da informação, e a atribuição reflexiva de significado aos acontecimentos enquanto notícias são características naturais da vida cotidiana (Tuchman, 2002, p. 98-99).

O feminismo decolonial, por sua vez, foi escolhido por permitir enxergar a pluralidade de vivências, narrativas e reivindicações que podem constituir diferentes mulheres e sociedades, tendo em vista diferentes opressões e estruturas dominantes que as atravessam. A cerca desta corrente, Jéssica Gustafson (2023), com base em Curiel (2010) e Rich (2012), pontua que “a dominação histórica, política, cultural e econômica resultante da colonização na região é pensada tendo como centralidade os processos de racialização e sexualização das relações sociais, assim como a instituição da heterossexualidade compulsória” (p. 236). É importante adotar um olhar atento aos diversos marcadores sociais que atravessam as pessoas,

tais como classe, raça, etnia, localização geográfica, sexualidade e idade, quando refletimos sobre relações de gênero, pois as sociedades, as suas estruturas e as suas relações são complexas e os seus marcadores se inter-relacionam.

Dito isso, esse capítulo é dividido em duas partes, na primeira dialoga-se principalmente com a obra “Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias”, de Marcia Veiga da Silva. Também colaboram com a discussão Nelson Traquina, Adelmo Genro Filho, Simone de Beauvoir, Marcia Tiburi, Lélia Gonzalez, Karina Janz Woitowicz, Muriel Emídio Pessoa do Amaral, Paula Melani Rocha, Monica Martinez, Eduardo Meditsch e Mara Coelho de Souza Lago. Já a segunda, focada no debate sobre um jornalismo mais plural, Fabiana de Moraes, Cláudia Lago, Jessica Gustafson, Cláudia Nonato e Evelyn Kazan, são as autoras base para a reflexão.

1.1 MASCULINO: O GÊNERO DO JORNALISMO

As produções jornalísticas são feitas a partir de critérios técnicos, mas também são perpassadas por valores sociais, culturais e pessoais dos profissionais que se dedicam à tarefa de informar a população. Cabe ressaltar que desde a escolha do que vai ou não ser noticiado até a edição final do material, todos os processos contam com a objetividade e com a subjetividade dos e das jornalistas. Sobre isso, Marcia Veiga da Silva (2010), ao citar Nelson Traquina, destaca que as teorias construcionistas do Jornalismo chamam a atenção para o papel central da cultura da tribo desses profissionais e para a cultura da sociedade da qual eles fazem parte na construção das narrativas noticiosas da realidade.

Para Traquina, os e as jornalistas possuem “uma maneira de agir”, “uma maneira de falar”, “uma maneira de ver”, que os permitem captar o que é ou não notícia e transmiti-la ao público através de uma linguagem, o “jornalês”, e também da maneira como os membros desta tribo enxergam os acontecimentos (2005, p. 44-50). Em outras palavras, um fato se torna notícia quando ele se encaixa nos critérios de noticiabilidade, que analisam se um determinado acontecimento deve ou merece ser levado ao público. Sob esse ponto de vista, Wolf afirma que “a noticiabilidade corresponde ao conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os órgãos de informação enfrentam a tarefa de escolher, quotidianamente, de entre um número imprevisível e indefinido de factos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias” (2003, p. 190). Uma discussão mais detalhada sobre os critérios de noticiabilidade e suas características será feita no próximo capítulo.

Além disso, Traquina (2005) ressalta que há uma mitologia jornalística que coloca os profissionais da notícia para desempenhar papéis, em favor da sociedade, de servidores do público, que tentam dar conta do que acontece; de cães de guarda, que protegem contra os abusos do poder; e de quarto poder, que vigia os demais poderes.

São os e as jornalistas que conferem valor e significado aos acontecimentos, transformando-os em notícias. Assim, Veiga (2010) elucida que as escolhas feitas, sejam conscientes ou inconscientes, narram para a sociedade um acontecimento a partir da forma como os e as jornalistas percebem o mundo. Isso acontece porque, como descrito pela autora, as emoções, os sentimentos, a cognição e os pensamentos, que são os primeiros elementos que atribuem significado a um acontecimento, estão na subjetividade.

Para a pesquisadora, as teorias construcionistas entendem que, nos processos de produção da notícia, o *ethos jornalístico* é um componente fundante, ocupando o ou a jornalista um papel de destaque no centro desse *ethos*. Contudo, “se perguntados sobre a ingerência de suas visões de mundo na construção da notícia, muito possivelmente discordarão de tal possibilidade e tenderão a recorrer ao mito da neutralidade e da objetividade” (Veiga, 2010, p. 41).

Nessa perspectiva, é válido ressaltar, conforme destaca Adelmo Genro Filho (1987), o papel da subjetividade do jornalista na construção da notícia:

o critério jornalístico de uma informação está indissoluvelmente ligado à reprodução de um evento pelo ângulo de sua singularidade. Mas o conteúdo da informação vai estar associado (contraditoriamente) a particularidade e universalidade que nele se supõe, ou melhor, que são delineados ou insinuados pela subjetividade do jornalista (GENRO FILHO, online).

Esse processo é sutil e os profissionais do jornalismo podem não identificar imediatamente que estão refletindo suas visões e percepções de mundo na escolha e concepção da notícia, o que pode levá-los a considerar a narrativa que constroem como a verdade ou realidade dos fatos, fortalecendo o mito da objetividade. Sobre isso, Laraia (2009, p. 91 *apud* Veiga, 2010, p. 47) explica que “muito do que supomos ser uma ordem inerente da natureza não passa, na verdade, de uma ordenação que é fruto de um procedimento cultural, mas que nada tem a ver com uma ordem objetiva”.

Diante desse cenário, suscita pensar que, conforme pontuou Simone de Beauvoir, “a humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo” (Beauvoir, 1970, p. 10). A contribuição da filósofa francesa é fundamental para entender a constituição das sociedades hegemônicas, seus valores

e os reflexos desses pensamentos que foram incorporados nas sociedades colonizadas. Nessas sociedades patriarcais, os valores sociais são produzidos com o objetivo de fortalecer a estrutura social centrada nos homens. Assim, os produtos jornalísticos, permeados por valores socioculturais hegemônicos, refletem os valores patriarcais, sendo que, em nossa sociedade, “o masculino se constitui como condição primeira, que subordina o feminino em relação hierárquica. Os modos masculinos coincidem com a norma mais geral; recrudescem sua posição reafirmando o feminino como desvio, inadequação, falta” (Fraga, 2003. p. 102 *apud* Veiga, 2010, p. 197-198).

De acordo com Marcia Tiburi (2018, p. 27), “o patriarcado é um sistema profundamente enraizado na cultura e nas instituições”. A autora argumenta que na base deste sistema de injustiças e opressão estão pensamentos que limitam, mas que ainda são mantidos por uma boa parcela da sociedade, tais como a concepção de que existiriam uma identidade natural, dois sexos normais, a inferioridade das mulheres e, obviamente, a superioridade do gênero oposto. A aceitação, manutenção e sustentação dessas ideias colaboram com o fortalecimento deste sistema desigual.

O Feminismo Decolonial é essencial nesta reflexão porque nos conduz a um olhar mais amplo e ajuda na compreensão de diferentes processos históricos e no entendimento da inter-relação entre diversos marcadores sociais. Essa vertente tão em voga ultimamente é resultado do esforço e dedicação de militantes e intelectuais em ressaltar a vivência de mulheres para além daquilo que o feminismo branco e burguês delimita.

Muito antes desse pensamento ser sistematizado e permitir a análise sobre diferentes mulheres, Sojourner Truth, em discurso histórico durante o *Women's Rights Convention* nos Estados Unidos, questionou o tratamento tão desumano que recebeu e que era extremamente diferente do tratamento que as mulheres brancas tinham. Truth, na condição de mulher negra ex-escravizada, indagou: “E eu não sou uma mulher?”.

Pela sua realidade, era submetida a sucessivas horas de trabalho braçal nas lavouras agrícolas nos Estados Unidos, sofria punições semelhantes aos homens nos castigos impostos e não vivenciou adequadamente a maternidade por ter seus filhos retirados da sua guarda após o parto. A sua condição não era reconhecida como digna de pertencimento público e social e, conseqüentemente, estava à parte das representações de mulheres e feminino da sociedade oitocentista estadunidense (Woitowicz; Amaral; Rocha, 2022, p. 118).

No Brasil, uma intelectual primordial e que teve pioneirismo ao pensar sexismo, racismo e outras características que podem marcar a vida de mulheres latinas e ameríndias é Lélia Gonzalez. Entre as suas muitas reflexões e contribuições, Lélia propõe, por exemplo,

uma inovadora categoria política-cultural para pensar o Brasil, a da Amefricanidade. Este conceito refere-se a uma nova e criativa forma de ver a “formação histórico-cultural do Brasil que, por razões de ordem geográfica e, sobretudo, da ordem do inconsciente, não vem a ser o que geralmente se afirma: um país cujas formações são exclusivamente europeias, brancas. Ao contrário, ele é uma América Africana” (Gonzalez, 1988, p. 69).

A decolonialidade, sistematizada mais tarde e sendo um grande avanço para o movimento das mulheres e das demais minorias, é fundamentalmente essencial ao jornalismo, ainda muito masculinista e colonialista, pois “percebe as nuances e os movimentos que foram negligenciados como elementos sendo intransponíveis para a construção e a análise das performatividades de mulheres e do feminino” (Woitowicz; Amaral; Rocha, 2022, p. 119). Os estudos feministas contribuem com avanços no campo da comunicação porque, tal qual ressalta Moraes e Veiga (2021), complexificam as noções de diferença entre os diversos marcadores bem como os seus efeitos nos modos “de assujeitamento normativo e das hierarquias de poder produzidos por regimes de verdade em que a produção de conhecimentos é chave” (p. 121).

Todavia, as reflexões que se debruçam sobre as questões de gênero no jornalismo ainda são limitadas. Sobre isso, as pesquisadoras Monica Martinez, Cláudia Lago e Mara Coelho de Souza Lago ratificam que “estas iniciativas de estudos em jornalismo são esparsas e, diferentemente de outras áreas, parecem não acompanhar a tendência dos estudos de Gênero que impregnam campos disciplinares próximos” (2016, p. 9), tendo ganhado, de acordo com Lago, Kazan e Thamani (2018), maior amplitude nos últimos anos. A constatação evidencia a necessidade desta temática ser cada vez mais abordada no campo da comunicação/jornalismo/mídia, tendo em vista o grande poder de impacto deste setor.

É sob o contexto de opressão à mulher e ao feminino que as notícias nascem, ganham corpo e vão fortalecendo e normatizando comportamentos, concepções de mundo e estruturas sociais dominantes, visto que são perpassadas pelos valores sociais dos jornalistas e da sociedade em que estão inseridos. Acerca dessa lógica, Veiga (2010) afirma que o jornalismo reproduz relações de gênero e de poder que exercem hegemonia na cultura, sendo produzido através de representações sexuais, de classe, de raça, de geração e de gênero que historicamente produzem instâncias de poder.

O jornalismo, a partir do modo como o grupo social constituído por seus profissionais foi percebido (suas visões de mundo, cultura profissional e das rotinas de produção), acaba contribuindo para o processo de (re)produção de valores e representações hegemônicas que, em última instância, refletem a existência do padrão heteronormativo (Veiga, 2010. p. 201).

Isso acontece, conforme argumenta Eduardo Meditsch (1992), porque

Todo conhecimento social, e o jornalismo é um conhecimento social, envolve determinado ponto de vista sobre a História, sobre a sociedade e sobre a humanidade. E como humanidade e História são processos que estão em construção, naturalmente não existe um jornalismo puramente objetivo, ou seja, um jornalismo que seja absolutamente neutro. Isto não acontece por motivos de ordem psicológica, como dizem os manuais. Não é porque o indivíduo está psicologicamente envolvido com o fato, mas porque toda a forma de conhecimento pressupõe também um posicionamento do sujeito diante do objeto. Essa é a razão mais profunda porque o próprio jornalismo implica uma visão ideológica, implica um posicionamento ético e político sobre a realidade. (Meditsch, 1992, p. 31-32).

Diante disso, o jornalismo favorece lados e concepções de mundo que estão historicamente ocupando posições de poder na sociedade. Segundo Veiga (2010), ele produz relações de gênero, estando ligado ao compartilhamento de comportamentos normativos e ensinando a ser e a valorizar determinados sujeitos. É, por isso, que, segundo a autora, o jornalismo revela-se formado por gênero, sendo o seu gênero o masculino.

Para chegar a essa constatação, a pesquisadora realizou uma análise etnográfica, através da observação participante, sobre a rotina produtiva de um dos programas da RBS TV, da cidade de Porto Alegre/RS, durante onze semanas. Veiga queria descobrir “quais as concepções de gênero dos jornalistas, e de que maneira elas atravessam a produção de notícias e contribuem para reproduzir, manter, ressignificar ou transformar padrões sociais normativos de desigualdade através do jornalismo” (Veiga, 2010, p. 19). O trabalho, referência para este tópico, deu detalhes da produção de uma matéria sobre os frequentadores noturnos de um parque da capital gaúcha e revelou a dificuldade dos profissionais em realizar um exercício de alteridade e se desvencilhar de concepções morais, de gênero e sexualidade hegemônicas durante a produção da matéria.

Nessa obra ficou evidente que, tanto nas pautas como entre os e as repórteres, existia uma hierarquia de valores correspondentes e que concepções de gênero faziam parte do processo desde a estruturação das matérias até o seu enquadramento final. Não só isso, ela mostrou ainda que o etnocentrismo dos e das jornalistas pode colaborar para a transformação da diferença em desigualdade, já que os e as profissionais “demonstraram pouca ou quase nenhuma abertura para conhecer o estranho e, deste modo, praticaram juízo de valor que interfere na forma como as notícias serão construídas e, em última instância, nos modos como a sociedade passa a conhecer (ou desconhecer) aquilo que é diferente do que foi convencionalizado como normal” (Veiga, 2010, p. 200).

Diante dos apontamentos acima, seria possível, então, produzir materiais jornalísticos mais transparentes e plurais? Sobre isso, o próximo tópico aponta o reconhecimento e a aceitação da subjetividade aliada à perspectiva de interseccionalidade como matérias-primas para a promoção de um jornalismo que seja menos hegemônico e centrado nas estruturas de poder.

1.2 ABAIXO CENSURA: UM JORNALISMO QUE DÁ VOZ À DIVERSIDADE

Produzir um jornalismo que consiga abordar temáticas relacionadas à gênero de forma mais ampla, respeitosa, igualitária e que se distancie de visões hegemônicas é um desafio, inclusive para quem busca promover uma cobertura mais justa sobre minorias sociais. As pesquisadoras Cláudia Lago, Cláudia Nonato e Evelyn Kazan (2022) realizaram uma importante análise sobre isso quando investigaram a cobertura da covid-19 feita pela Agência Mural de Jornalismo das Periferias. Apesar das mulheres periféricas serem um grupo extremamente vulnerável no contexto da pandemia e da visível necessidade de uma cobertura mais igualitária em relação às fontes e enquadramentos para superação de preconceitos que ainda alcançam o grupo, foi identificado que existiam lacunas importantes na cobertura da agência, impossibilitando uma ruptura com estereótipos de gênero ao tratar dessas temáticas.

Em resumo, os avanços percebidos pelas pesquisadoras foram que as notícias analisadas apresentavam os moradores da periferia como protagonistas das narrativas jornalísticas, se distanciando dos estereótipos geralmente conferidos a estes grupos pela mídia tradicional, e mostravam um número maior de mulheres em reflexo à posição que elas assumem em suas casas e comunidades. Por outro lado, é ressaltado no artigo que apenas mostrar mulheres não significa que haja equilíbrio na cobertura noticiosa, sendo necessário ressaltar a presença delas em posições de liderança e propor planos que evidenciam as suas particularidades.

As autoras destacam no texto um tipo de censura estrutural comum às redações de jornalismo da grande mídia, mas que também foi perceptível, em certa medida, no veículo alternativo analisado. Elas mostram que essa censura é um processo que se relaciona aos mecanismos de violência simbólica e que “se traduz na naturalização de ações, escolhas e percepções em todos os âmbitos da vida social, revelando certas concepções, legitimando-as e objetivando-as não como crenças, mas como verdades, ao mesmo tempo em que oblitera outras” (Lago; Nonato; Kazan, 2022. p. 223).

Em combate a essa ferramenta de silenciamento, o texto defende uma liberdade de expressão, que fuja do senso comum, e que se relacione “aos apagamentos naturalizados e que acabam por impedir ou, na melhor das hipóteses, dificultar (portanto, cercear) a possibilidade de expressão de determinados agentes” (Lago; Nonato; Kazan, 2022. p. 223).

Para fugir das armadilhas da objetividade e promover produções jornalísticas mais plurais, Fabiana de Moraes e Marcia Veiga da Silva (2021) propõem uma virada epistemológica, na qual a subjetividade seja um instrumento fundamental para a descolonização dos conhecimentos da profissão. A proposta parte do reconhecimento de que a objetividade não é neutra e da necessidade de incorporar abertamente o que é tão negado pelos profissionais: a presença da subjetividade no centro da produção noticiosa.

Ao apontar a “subversão dos modos de objetivação jornalística” (Moraes; Veiga, 2021. p. 128), as autoras chamam a atenção para o processo de produção tanto das notícias quanto do conhecimento no ocidente, levando em conta o privilégio que as ideias e os saberes produzidos por pessoas que se encaixam nos recortes de raça, gênero, orientação sexual e classe dominantes ou que reforçam as ideias e o poderio desses valores hegemônicos. Elas destacam o poder da parcialidade lembrando que o filósofo iluminista Jean Jacques Rousseau ignorou o exemplo prático de escravidão feito pelos europeus quando elaborou o Contrato Social e condenou essa prática.

Semelhante a este exemplo, as estudiosas suscitam o caso da revista semanal *Newsweek* que ignorou por semanas o massacre étnico, entre hutus e tutsis, na África, que deixou milhares de vítimas. Sobre isto, é exemplificado que “a hierarquia de lugares e pessoas, critério noticioso objetivo, venceu a magnitude e o número de envolvidos porque quem morre - e onde morre - são questões mais valorizadas pelo jornalismo e sua objetividade excludente” (Moraes; Veiga, 2021, p. 123-124). Presumir ou assumir-se imparcial e objetivo acarreta uma série de problemas na compreensão dos fenômenos e consequentemente na forma de contá-los. Sendo importante, portanto, saber de onde, como e porque se fala sobre o que está sendo falado.

A subjetividade que as pensadoras defendem é a que leva em conta as desigualdades das sociedades, expressas nas classes, gêneros, raças e localização geográfica dos profissionais da notícia e das pessoas por eles enquadradas. Segundo as autoras, essa ferramenta colabora com a promoção de mais pluralidade, mas também permite um olhar mais detalhista e uma maior compreensão sobre como esses recortes e estruturas sociais são traduzidas nas pessoas e como retornam à sociedade e permite ainda que o campo do

jornalismo se autocritique e reflita sobre a promoção de narrativas que espetacularizam e exotificam o outro, ou seja, aquele que não se encaixa nos padrões dominantes.

Moraes destaca que a objetividade é geralmente conferida ao masculino, enquanto a subjetividade ao feminino, e, na hierarquia, a razão é superior à emoção, sendo a prática jornalística um reflexo dessa lógica tão arraigada em nossa sociedade. Em oposição a essas ideias retrógradas e ainda vigentes, a autora ressalta que “a subjetividade não pode ser entendida como algo meramente interno, pessoal, do campo da vida privada – a subjetividade é também formada por um ambiente histórico dado, objetivo” (Moraes, 2019, p. 209).

Ela pontua que “a imprensa herdou mais que uma ideia de ‘objetividade’ e ‘neutralidade’ científicas, herdou aquilo o que está impregnado na criação dessas estruturas e que infelizmente reverbera até hoje: uma racionalidade atravessada por hierarquias estabelecidas pela cor e pelo gênero” (Moraes, 2020, p. 68). É preciso superar no exercício jornalístico a ideia de menor valor conferida ao feminino, às mulheres, aos demais grupos minorizados e à subjetividade para que o jornalismo seja mais diverso.

Para a pesquisadora, a subjetividade no jornalismo serve “para repensar critérios noticiosos excludentes”, “para desestabilizar representações de pessoas e grupos” e “como ativismo”. Moraes mostra que o jornalismo de subjetividade valoriza a semelhança e não a diferença, como aquele que se sustenta no mito da objetividade. Mais ainda, ele dá abertura para as complexidades que aparecem durante a apuração jornalística.

A autora destaca que seguiu este caminho na matéria “*O nascimento de Joicy*”¹, que falava sobre a vivência de uma mulher transexual que não se enquadrava nas características esperadas para o gênero feminino, visto que “não usava maquiagens, brincos, vestidos, tem também o corpo musculoso de quem trabalhou durante anos na roça” (Moraes, 2019, p. 214). Essa grande reportagem utilizou a observação participante, permitindo a identificação de pontos corriqueiros que talvez passassem despercebidos, mas que fizeram a diferença na humanização da personagem na narrativa, pois “ao empreender uma narrativa não espetacular, Joicy foi aproximada do cotidiano dos próprios leitores e leitoras, que viam nela desejos também seus: necessidade de amor, de conforto, companhia, respeito, cuidado” (Moraes, 2019, p. 215).

¹ A reportagem, que venceu o Prêmio Esso de Reportagem 2011, originou o livro “O nascimento de Joicy: Transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem” publicado pela Arquipélago Editorial em 2015.

Moraes descreve seu desconforto em manter os exemplos mais corriqueiros que vemos nos jornais sobre pessoas em situação de vulnerabilidade social ou que tenham cometido algum tipo de violência e mostra importância de humanizar, de fato, os personagens:

Havia um certo cansaço, de minha parte, em continuar a publicizar, usando os mesmos lugares comuns nos jornais, as vidas de pessoas inseridas em ambientes precários: aquelas que “venceram”; as “vítimas”; as “engraçadas”; as “criativas” que davam um jeito de driblar a pobreza. As violentas, aquelas que fugiam um pouco desses aspectos “positivos”, seguiam aparecendo todos os dias. De maneira geral, parecia que aquilo o que muitos e muitas colegas chamavam de “humanização”, termo geralmente associado a pessoas inseridas em contextos economicamente/socialmente desfavoráveis, trazia poucas matizes sobre os grupos/indivíduos implicados, uma certa romantização e uma separação quase arquetípica entre “mal” e “bem”. A tal humanização de personagens também escondia muitas vezes apurações bastante frágeis (Moraes, 2020, p. 70).

Como vimos, a subjetividade é uma ferramenta importante na promoção da diversidade, na humanização dos discursos e personagens e no combate a preconceitos. É fundamental ressaltar ainda que ela é um produto construído socialmente e coletivamente, sendo o seu jornalismo estruturado individualmente, mas também coletivamente.

Por isso, “acreditar que a subjetividade se conforma a um plano individual, a algo que no máximo tem relação com uma troca bastante localizada de afetos e experiências, é deixar de compreender o impacto da própria cobertura noticiosa” (Moraes, 2020. p. 71). Através dela, pode-se buscar uma horizontalidade entre quem enquadra e quem é enquadrado e considerar os pontos que atravessam quem enquadra, sem supor uma falsa neutralidade ou simetria, dando espaço para existências que geralmente não são mostradas (Moraes, 2020).

Paralelamente à subjetividade é extremamente relevante a adoção de uma perspectiva interseccional na elaboração das narrativas jornalísticas para a superação deste jornalismo obsoleto, que se estrutura nas diversas formas de dominação e que ainda insiste em se manter. De acordo com a autora Carla Akotirene, a interseccionalidade é uma forma de “sensibilidade analítica capaz de oferecer instrumentos para uma investigação social centrada na inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado” (2018, p. 14 *apud* Nunes, 2021, p. 247).

De acordo com Jéssica Gustafsson (2021) e Veiga e Moraes (2021), é preciso superar a universalidade e apoiar-se em um olhar atento aos diversos tipos de marcadores sociais. Nesse sentido, é importante situar e reconhecer os marcadores que são tidos como universais, como a categoria homem, branco e cisheterossexual, e superar o privilégio que essas categorias ocupam nos diversos processos do fazer jornalístico, como, por exemplo, na escolha das fontes, nos enquadramentos das pautas e nos cargos de liderança dentro das redações.

Cabe destacar ainda, conforme pontua Jéssica Gustafsson (2021), ao analisar os *Percursos latino-americanos na formulação de um jornalismo com perspectiva de gênero*, que é importante reconhecer a comunicação como um direito humano fundamental para a garantia dos direitos e cidadania das mulheres, reconhecendo seu poder e propondo “outras representações, enfrentando os estereótipos sobre as mulheres e os homens que circulam historicamente na mídia, e buscando outras condições no exercício da profissão” (p.14).

A pesquisadora reforça também a necessidade de pensar sobre e romper com a linguagem universalista, que considera o masculino e o homem como sinônimo para toda a humanidade, incorporando uma estrutura mais neutra e plural. Acresce pensar ainda, como ressalta a autora, que as transformações no jornalismo são frutos do esforço e engajamento coletivo em propor novos princípios e formas de organizar e fazer jornalismo. Nessas novas propostas, as críticas feministas devem fazer parte de todas as pautas, assuntos e do dia a dia na profissão.

Com o reconhecimento dos desafios e erros, a aceitação da subjetividade aliada à aplicação da perspectiva interseccional, bem como o uso de uma linguagem mais plural e da reflexão sobre o fazer jornalístico, talvez, avançaremos, conseguindo vencer a censura estrutural e promovendo “jornalismos”² diversos e humanizados.

No próximo capítulo, será feita uma reflexão sobre os gêneros do jornalismo, os critérios de noticiabilidade e a morte como valor notícia. Essa abordagem é necessária para que quando for feita a reflexão sobre os objetos, no capítulo de análise, as teorias sejam tensionadas e articuladas, proporcionando uma compreensão sobre os textos da *Folha de S.Paulo*.

² Jornalismos é entendido aqui como o conjunto com as diferentes vertentes da área: jornalismo tradicional, jornalismo independente, jornalismo de periferia, jornalismo com perspectiva feminista etc.

CAPÍTULO 2

DENTRO DA PROFISSÃO: CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE E GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Depois de refletirmos sobre as questões de gênero e o seu impacto na produção jornalística, chegou o momento de navegarmos em algumas questões técnicas da profissão. Neste capítulo, o foco será direcionado para dois pilares da rotina jornalística, os critérios de noticiabilidade e os gêneros jornalísticos. Dentre os assuntos de interesse desta pesquisa estão o gênero opinativo e a morte como critério de noticiabilidade. Pensar esses tópicos é essencial para a pavimentação do caminho que conduz à análise dos objetos já citados anteriormente.

Nesse sentido, Gislene Silva (2005), uma das autoras base para este capítulo, discorre sobre a problemática presente na confusão entre os conceitos de noticiabilidade, valores-notícia e seleção de notícias. Essa confusão atrapalha “a sistematização de ideias basilares no estudo da produção noticiosa” (p. 96). Para a autora, embora todas essas expressões sejam usadas várias vezes como sinônimos, os valores-notícia e a seleção de notícias são apenas partes específicas dos diversos critérios de noticiabilidade que estão presentes em todo o processo produtivo. O primeiro tópico deste capítulo, intitulado “Nas entranhas da notícia: os critérios de noticiabilidade e a produção jornalística”, trata justamente sobre essa questão. O tópico também conta com as contribuições de Traquina e Wolf, autores clássicos fundamentais para o campo do jornalismo.

Além disso, há uma necessidade especial de pensar a morte como critério de noticiabilidade por ser uma característica que atravessa todos os objetos escolhidos. Essa reflexão é feita no segundo tópico, “A morte como critério de noticiabilidade”, tendo como autores bases Paula Rocha e Goiamérico Santos. Em seu texto, os autores questionam o porquê desse tema ser tão recorrente e despertar tanto interesse na população. Eles ressaltam que a representação da morte em um telejornal é uma forma de nos lembrarmos desse perigo insuperável, mas que, ao se tratar de alguém distante de nós, não é um perigo direto, e entendem que os estímulos que esses tipos de materiais provocam nos sentidos e nas emoções do público podem ser a razão da sua grande repercussão midiática. O texto também se apoia nas reflexões de Jair Antonio de Oliveira, Anderson Lopes da Silva e Fabiana Pelinson sobre a dramatização no jornalismo e nos apontamentos de João Batista de Abreu sobre a cobertura midiática da morte.

Para fechar esta sessão, o último tópico, denominado “Gêneros jornalísticos: onde entra o opinativo?”, fala sobre as possíveis classificações e, principalmente, sobre esse gênero tão interessante e curioso. É ele que dá espaço para que os profissionais que se dedicam ao

universo das notícias possam usar seu lugar de prestígio para, enfim, serem imparciais. Os autores bases para este tópico são José Marques de Melo e Francisco de Assis, Augusto Acosta de Vasconcelos, Camila Mont’Alverne, Francisco Paulo Jamil Marques e Maria Stella Galvão Silva, que colaboram com o entendimento do percurso do gênero ao longo do tempo e das características que o constituem.

2.1 NAS ENTRANHAS DA NOTÍCIA: OS CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE E A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA

Por que um acontecimento vira notícia? Em sociedades tão globalizadas, complexas e com um número imensurável de acontecimentos diários que poderiam ser promovidos à categoria de notícia, a reflexão sobre os motivos que transformam uma situação em produto noticiável é fundamental para o exercício do jornalismo, a compreensão sobre o que é ou não noticiado e para a autonomia de quem consome a produção jornalística.

Pensar sobre isso é importante inclusive para questionarmos o mito, frequentemente usado por profissionais do meio, de que existiria um faro jornalístico que identifica de modo misterioso o que é ou não passível de ser noticiado (Silva, 2005). Contrariando as afirmações sobre a existência de um possível instinto, os valores-notícia são marcadores compreensíveis e claros, por isso tornam a produção da notícia mais fácil (Wolf, 2003 *apud* Silva, 2005).

Mauro Wolf (1999), ao pensar o *Newsmaking* - teoria que se baseia na lógica de que a rotina industrial influencia diretamente a produção das notícias - define que os chamados critérios de importância e noticiabilidade são as ferramentas que possibilitam que um acontecimento receba o status de notícia e possa ser compartilhado com o público à medida em que os órgãos de imprensa consigam enquadrá-los em três obrigações que se relacionam entre si. Nesse sentido, só podem transformar algo em notícia se esse acontecimento ainda desconhecido puder se tornar notável, se os relatos não forem feitos com a intenção de que cada fato seja tratado de forma idiossincrásica e se puder ser organizado de modo temporal e espacial.

Traquina (2005) pontua que são os critérios de noticiabilidade, conjunto de valores-notícias, que conferem a um acontecimento ou assunto o caráter de noticiável. Um ponto interessante é a análise que ele faz sobre os critérios de noticiabilidade em três épocas históricas, os anos 70 do século XX, a década de 30 a 40 do século XIX e as primeiras décadas do século XVII, sendo possível perceber que os valores-notícia básicos variaram pouco ao longo dos anos. Citando o historiador Stephens (1988), ele pontua que essas

características que atravessam e resistem ao tempo são “o extraordinário, o insólito (‘o homem que morde o cão’), o atual, a figura proeminente, o ilegal, as guerras, a calamidade e a morte” (Traquina, 2005, p. 63).

O autor ressalta também a contribuição de Wolf ao compreender que os valores-notícias estão presentes em todo processo de produção, separando-os em dois grupos, os valores-notícia de seleção e os valores-notícia de construção. Para o intelectual, os valores de seleção estão divididos em critérios de substantivos, próprios do acontecimento, e em critérios contextuais, que estão relacionados ao contexto de produção. Os valores de construção, por sua vez, são os critérios de seleção que fazem parte do acontecimento e merecem ser incluídos no processo de elaboração.

Além disso, ele também menciona que esses valores não são naturais ou neutros e cita uma passagem de Harley (1982) que compreende os valores-notícia como formadores de um “código que vê o mundo de uma forma muito particular (peculiar até). Os valores-notícia são, de fato, um código ideológico” (Harley, 1982, p. 80 *apud* Traquina, 2005, p. 86).

Silva (2018), em sua análise e amadurecimento no estudo dos critérios, compreende que:

noticiabilidade pode ser entendida como uma combinação complexa de forças ou fatores potencialmente capazes de agir no processo da produção da notícia, desde características do acontecimento, julgamentos pessoais e habilidades do jornalista, relação dos repórteres com as fontes, qualidade do material apurado e tratado (imagem, som e texto), prazo e linha editorial, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia no mercado (econômicas, tecnológicas e políticas editoriais), relação do veículo noticioso com a publicidade, negociações com públicos e audiências (circulação e recepção), questões éticas e ideológicas das decisões editoriais, cultura profissional da categoria e ainda circunstâncias históricas, culturais, políticas e econômicas de uma determinada sociedade (Silva, 2018, p. 10).

A autora descreve que os critérios de noticiabilidade estão presentes em todo o processo produtivo, desde a seleção do acontecimento até a elaboração final do material para, enfim, ser compartilhado com a sociedade. A noticiabilidade estaria, então, distribuída em três instâncias: a primeira diz respeito aos critérios presentes na origem dos acontecimentos, que se relacionam diretamente aos valores-notícias; a segunda, por outro lado, está relacionada aos critérios participantes do tratamento dos acontecimentos selecionados anteriormente, ligados à apuração, narração, hierarquização, edição e publicação, estando sujeito a condições externas à organização, como, por exemplo, as fontes; por fim, a última instância trata de critérios que atuam na visão dos acontecimentos e na produção da notícia, relacionados, por exemplo, à ética jornalística.

É importante ressaltar que, conforme enfatiza Silva (2018), todos esses critérios funcionam ao mesmo tempo. Eles orientam, limitam e tornam as ações jornalísticas possíveis, podendo ocorrer de modo explícito ou, até mesmo, podendo passar despercebidos. Assim, essas separações e classificações, criadas pela autora, são caras para pensar e refletir sobre as práticas jornalísticas, mas, no dia a dia, com o calor da rotina na profissão, esse processo acontece de forma mais simultânea. Além disso, a autora esclarece que os critérios não servem somente para reconhecer uma notícia e que, apesar do valor noticioso, uma pauta pode perder seu espaço para outra questão, como uma intervenção publicitária.

A pesquisadora argumenta ainda sobre a necessidade de separar os valores-notícia dos critérios de noticiabilidade, não reduzindo a apenas um conceito todos os critérios que colaboram com a escolha e elaboração da notícia. Assim, cabe ressaltar que os valores-notícia são os critérios que se relacionam ao acontecimento em si. Como visto acima, ele se relaciona à primeira instância dos critérios. Ao citar Thaïs de Mendonça Jorge (2017), Silva (2018) acrescenta que os critérios caracterizam e tipificam um acontecimento e que, quanto mais uma pauta possui potencial informativo, mais valores-notícia há nela. Por fim, é importante assinalar que esses valores não são adotados ao acaso, muitos deles, conforme esclarece a pesquisadora, são reconhecidos e interessantes para as pessoas que vão consumir o material.

Os estudos que se dedicam ao fazer jornalístico parecem buscar as repetições e similaridades nesses valores. Através do reconhecimento dos valores-notícias que se repetem, Silva (2018) observa que é possível realizar análises dos materiais jornalísticos e, assim, torna-se viável olhar para produções de diferentes veículos, formatos e locais, entendê-las e compará-las. Em seu texto “A engrenagem da noticiabilidade no meio redemoinho”, a autora aponta três tipificações. A primeira são os macro-valores-notícias, que dizem respeito ao que é “atual/novo, importante, interessante; negativo, imprevisível, coletivo” (Silva, 2018, p. 21). A segunda classe são os micro-valores-notícias, “relacionados a impacto, proeminência, raridade, surpresa, polêmica, tragédia, conflito, governos, conhecimento, interesse humano, curiosidade, violência, proximidade geográfica e cultural” (*ibid.*, p. 21). E, por último, há os valores-notícia relacionados ao mundo digital, que corresponde, por exemplo, aos assuntos que foram mais comentados na rede.

Outro ponto trabalhado por Silva (2005) diz respeito à seleção. A pesquisadora descreve que essa parte começa na escolha do que pode ou não ser noticiado, ou seja, a primeira fase, mas que também se estende por todo o processo de produção. Isso acontece porque a seleção também influencia na hierarquização, atuando sobre o tamanho e a disposição das matérias no noticiário. Para ela, se dedicar ao estudo da seleção requer que se

rastreie “os julgamentos próprios de cada seletor, as influências organizacionais, sociais e culturais que este sofre ao fazer suas escolhas, os diversos agentes dessas escolhas postados em diferentes cargos na redação, e até mesmo a participação das fontes e do público nessas decisões” (Silva, 2005, p. 98).

Depois de nos debruçarmos sobre a noticiabilidade de forma geral, chegou o momento de analisar um critério em específico. Dado o recorte dos objetos em análise, é necessário refletirmos em especial sobre a morte como um critério de noticiabilidade. Para isso, o próximo tópico aborda essa questão, tendo como base as análises de Paula Rocha e Goiamérico Santos.

2.2 A MORTE COMO CRITÉRIO DE NOTICIABILIDADE

Em sua coluna na *Folha de S.Paulo*, a psicanalista e pesquisadora Maria Homem falou sobre o uso da morte de pessoas famosas para alcançar destaque social. Ela abre o texto “Que época louca é essa em que pessoas pegam carona na morte para se autopromover?” com o seguinte diálogo:

“Marília morreu. Arruma uma foto com ela e posta já. Vai bombar.”
 “Você viu o Paulo Gustavo? Gentee. Acha aquele vídeo com ele, dispara em todas as redes.”
 “Não temos foto com ela? Tudo bem, vai no genérico, uma homenagem, RIP, tipo isso.”
 “Alguém morre e a gente viraliza.” (Homem, 2021, on-line).

O texto foi publicado em novembro de 2021. Nessa época, o Brasil ainda enfrentava as duras e trágicas consequências da pandemia do novo coronavírus, a Covid-19. Como exemplo no diálogo fictício, Maria cita o ator e humorista Paulo Gustavo, que, assim como tantos outros brasileiros e brasileiras, foi uma das vítimas da doença. Outra personagem citada no curto enredo foi a cantora Marília Mendonça, que faleceu em 2021, em um acidente aéreo a caminho da cidade de Caratinga, em Minas Gerais, onde faria um show.

Esses dois personagens não foram escolhidos ao acaso. Eles são fundamentais para sustentar a provação feita por Maria Homem, tendo entre si algumas semelhanças importantes. Os dois eram celebridades brasileiras, no auge de suas carreiras e com alta probabilidade de alcançar ainda mais sucesso. Os dois deixaram filhos ainda bebês que não vão ter a oportunidade de tê-los por perto ao longo do crescimento. Como não se comover e não sofrer a dor dessas partidas? Para além da dor, em um mundo que gira em torno do capital, não lucrar ou não se autopromover com essas mortes são opções?

Maria aborda no texto três momentos importantes na vida humana: o nascimento, o casamento e a morte. Ela fala também sobre os impactos desses estágios na existência e nas emoções e sobre as estratégias para lidar com essas situações, como, nos casos de morte, assumir a posição de criticar a pessoa falecida. A intelectual pontua que, “no fundo, a morte é algo que não conseguimos engolir a seco. Precisamos de metáforas — anjos, estrelas, águas, sementes, árvores — e de narrativas — os céus, os infernos, os castigos, os ciclos, os fluxos” (2021, on-line).

No jornalismo, a morte é um fator de noticiabilidade recorrente, podendo ser considerada, de acordo com Paula Rocha e Goiamérico Santos (2013), como um dos fatores que direcionam as pautas desde o surgimento dos primeiros jornais. Segundo os autores, os jornais estadunidenses do século XIX davam tanto destaques a fotos de corpos ensanguentados em suas primeiras páginas que esse tipo de registro pode ser considerado a imagem-ícone dos jornais com grande teor sensacionalista, conhecidos como *penny press*. No Brasil, um dos exemplos desse tipo de jornal é o *Notícias Populares*, fundado em 1963. Ele veiculava com frequência notícias sobre crimes e assassinatos de modo exagerado.

Há mais cuidado e responsabilidade na veiculação de notícias sobre a morte na contemporaneidade, não sendo as imagens explícitas de corpos ensanguentados ou em outros estados sensíveis tão frequentes como antes. Essa mudança ocorreu, segundo os autores, devido às leis da imprensa, aos códigos de ética vigentes e às transformações e avanços tecnológicos que alcançaram esse meio. Um importante avanço no que se refere à prática de um jornalismo mais humanizado. Todavia, essa temática, tão presente no cotidiano jornalístico, ainda pode ser “retratada de forma espetacular, ficcionalizada, como uma novela ou filme que nunca tem fim” (Rocha; Santos, 2013, p. 2). Também cabe ressaltar que a morte, conforme os autores contam, tornou-se algo público com o surgimento dos meios de comunicação, a partir do século XX, fazendo com que os rituais de falecimento de pessoas consideradas importantes ficassem mais intensos e espetaculares.

A espetacularização da vida e da morte é ainda maior no século XXI. Citando o filósofo francês Guy Debord, autor de “A sociedade do espetáculo”, Rocha e Santos (2013) pontuam que o espetáculo, ou seja, o exagero na veiculação e comunicação de algo, é o padrão a ser seguido atualmente, sendo a realidade moldada a partir dessa espetacularização. Além dos meios de comunicação tradicionais, é possível ver a extensão deste fenômeno nas redes sociais. Hoje, é cada vez mais comum que as pessoas compartilhem recortes de sua rotina profissional e pessoal, seja por meio de fotos, vídeos ou alguns caracteres, em suas redes.

Para Kellner (2004, p. 5), citado por Rocha e Santos (2013, p. 3), os “espetáculos são aqueles fenômenos de cultura da mídia que representam os valores básicos da sociedade contemporânea, determinam o comportamento dos indivíduos e dramatizam suas controvérsias e lutas, tanto quanto seus modelos para a solução de conflitos”. De acordo com os autores, o jornalismo, seguindo a lógica da espetacularização, se baseia em narrativas ficcionadas para criar o seu discurso, e a ficção se baseia na realidade para construir seus projetos. Esse estreitamento nos limites entre realidade e ficção aconteceu a partir do fortalecimento das culturas de massa, da tecnologia e dos meios de comunicação.

Com base em Gabler (1999), os autores também descrevem que a vida se tornou filme, podendo qualquer pessoa ser a protagonista e dar uma nova direção ao espetáculo que faz da própria história e da sua privacidade para alcançar a preciosa visibilidade. A representação do real por meio de *reality shows* e redes sociais são exemplos dessa busca por visibilidade e da mistura entre realidade e ficção. Eles ressaltam também a tendência atual de unir informação ao entretenimento, originando o *infoentretenimento*, que visa atrair a atenção de mais pessoas para os veículos de massa. Ancorados nos estudos de Francisco Ortega sobre a corporeidade e a cultura do espetáculo, o autor e a autora esclarecem que a morte é banalizada quando tratada de forma espetacular pela mídia. Outro ponto importante é que, em casos de morte violenta, é mais interessante noticiar o modo espantoso com o qual a pessoa foi morta.

Quando a morte ganha os holofotes da mídia, ela pode acabar sendo alvo de culto diário e fetichização, sendo uma representação da experiência de alguém distante. Assim, citando Oliveira-Cruz (2008), Rocha e Santos (2013) ressaltam que “esta é uma forma de os jornais manterem a lembrança da morte, ao mesmo tempo em que para o indivíduo que recebe as informações não representa ameaça para si, mas sim perigo para o ‘outro’” (Rocha e Santos, 2013, p. 6). De modo geral, os autores ressaltam o papel da mídia e do jornalismo na construção e percepção da realidade, sendo os diferentes sentidos que temos sobre a morte formados pelo caráter simbólico que moldam os corpos sociais através da cultura da mídia. “O luto, a dor, os choros, os depoimentos de pessoas próximas, o cortejo fúnebre, além das visitas aos jazigos, são formas de se representar a morte através da dramatização” (Rocha; Santos, 2013, p. 13).

A dramatização no campo do jornalismo ganhou a atenção de diversos pesquisadores ao longo do tempo, podendo ser compreendida sob diferentes prismas. Aqui, apoia-se na reflexão de Jair Antonio de Oliveira, Anderson Lopes da Silva e Fabiana Pelinson desenvolvida no texto “A imaginação melodramática e a narrativa jornalística: a realidade

como ficção”. Os autores defendem a ideia de que ao empreender narrativas espetaculosas e produzir:

personagens, contextos, ídolos, dramatizações e até mesmo julgamentos precoces do ocorrido (ainda que se baseando em informações superficiais), é possível afirmar que o jornalismo passa a ler a realidade como ficção e, mais do que isso, passa a reproduzir a notícia visualizando-a tal qual imaginação melodramática” o faria, ou seja: uma narrativa permeada por uma “moral oculta” (implícita) e também por um “modo (ou cultura) do excesso” que faz com que tal estrutura seja verificável no nível da linguagem e do tratamento dado ao fato (Oliveira; Silva; Pelinson, 2014, p. 106-107).

Ancorados em Peter Brooks (1995), Oliveira, Silva e Pelinson (2014) evidenciam que o melodrama não deve ser compreendido unicamente como gênero, sendo também uma imaginação transgenérica que supera as limitações de formatos, de escolas e da demarcação entre a alta cultura e a cultura popular. Sobre a moral oculta, os autores chamam atenção para a análise de Brooks, mostrando que esse conceito diz respeito à construção de narrativas jornalísticas que visam orientar, advertir e punir, sustentando e espalhando um imperativo ético. Ainda baseados nesse autor, Oliveira, Silva e Pelinson (2014) descrevem a cultura do excesso como a utilização da dramatização nas palavras, linguagens (sendo comum o uso de hipérboles, antíteses e oxímoros) e gestos, da intensidade e da polarização dos sentimentos. Os autores exemplificam essa característica citando a dramatização cênica de crimes feita em programas televisivos.

Nesse sentido, as narrativas jornalísticas que utilizam o melodrama seriam permeadas por “exagero nas expressões de sentimentos e conflitos, fragmentação do texto, certo suspense, frases simples, pessoas que se tornam personagens, imagens que direcionam o olhar do receptor e facilitam a compreensão da notícia” (Oliveira; Silva; Pelinson; 2014, p.114).

Voltando à temática principal deste tópico, cabe ressaltar que as construções de sentidos sobre a morte podem variar. Em seu texto, Rocha e Santos (2013) ressaltam duas possibilidades: quando pessoas conhecidas pelo público morrem, geralmente, as polêmicas e contradições são esquecidas e o destaque é dado aos pontos considerados positivos; e quando a morte é decorrente de violência urbana, há banalização, dando foco e espetacularizando a causa. Outro ponto interessante que se pode pensar sobre a morte é o silenciamento. É comum no Brasil e em outras culturas que se faça um minuto de silêncio em respeito a partida de alguém, mas fora do gesto voluntário ou do ato imposto pela dor da perda e pelo luto, há o silenciamento que invisibiliza alguns corpos, histórias e culturas. Esse último se deve ao preconceito, que embaraça o olhar e, conseqüentemente, a produção noticiosa, e às próprias características do fazer jornalístico, que privilegiam o que é considerado extraordinário.

Nesse sentido, João Batista de Abreu (2021) aponta, por exemplo, o grande destaque que se dá ao atropelamento de uma criança e o pouco destaque que se dá aos casos diários de falecimento de crianças por desidratação e desnutrição, sendo a morte em série reduzida apenas a uma estatística. Para o pesquisador, a morte entra na produção jornalística através da porta das *hard news*, que dizem respeito a acontecimentos recentes e momentâneos considerados importantes. Abreu (2021) acrescenta ainda que o jornalismo trata o fim da vida de modo episódico, que se encerra na própria morte, e não de modo processual, como fazem outras áreas do conhecimento que levam em consideração “as causas e conjunturas que conduzem à morte de uma cultura, sociedade ou um povo” (p. 3). Assim, ele ressalta que o assunto só ganharia suítes, ou seja, novas matérias, se tivesse algum novo desdobramento importante, como, por exemplo, a prisão de um suspeito em casos de mortes violentas.

O pesquisador fala também sobre o sensacionalismo que pode comprometer as notícias sobre falecimentos e invadir a privacidade alheia, tornando o acontecimento um espetáculo, e sobre o respeito e distanciamento que geralmente se tem nos casos de falecimento de pessoas consideradas importantes. Ele fala ainda sobre a dificuldade que se tem de noticiar casos de suicídio e questiona a ideia de que a omissão da imprensa diante desses acontecimentos contribuiria para evitar um maior número de casos devido ao índice que já é alto. Ademais, o autor cita o embrutecimento que os profissionais da imprensa podem passar ao lidar com um grande volume de morte, seja por conta da violência em grandes centros, seja por causa de uma guerra ou seja por causa de uma doença grave, como a covid-19. Essa ausência de sensibilidade pode banalizar a morte e atrapalhar a indignação do profissional diante do ocorrido.

Após traçar entendimentos sobre a questão da morte como critério de noticiabilidade, chegou a vez de se debruçar sobre os gêneros jornalísticos. Eles também fazem parte da rotina de produção desta profissão e são fundamentais para a reflexão sobre o material jornalístico alvo de estudo neste trabalho de conclusão de curso.

2.3 GÊNEROS JORNALÍSTICOS: ONDE ENTRA O OPINATIVO?

Como é organizada e difundida a produção jornalística? Por que se faz uso de diferentes tipos de textos? Qual é o impacto dos textos informativos e qual é o impacto dos textos de opinião? Quem pode emitir opinião no jornalismo? Esse tópico busca refletir sobre essas complexas questões, objetivando uma maior compreensão sobre o gênero opinativo, que

ocupa um lugar fundante na história da imprensa brasileira e tem até hoje um espaço tão privilegiado nos meios de comunicação.

Nessa perspectiva, apoia-se, primeiro, nas reflexões de José Marques de Melo e Francisco de Assis (2016). Para esses pesquisadores, pensar os gêneros e formatos disponíveis na imprensa só faz sentido se essa ação colaborar com o melhoramento da produção e do consumo ou acompanhamento desses materiais. Por isso, eles adotam, no artigo “Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório”, um tipo de classificação que abarca a rotina cotidiana da produção jornalística. Os pesquisadores mostram que essa categorização não deve se basear apenas no conteúdo textual dos materiais, mas também levar em consideração outros aspectos caros à profissão, como os meios pelos quais as informações são veiculadas e os aspectos do *modus operandi* de cada formato.

Os autores subdividem a produção jornalística em pelo menos duas categorias complementares, os gêneros e os formatos. Os gêneros seriam as classes ou os artifícios instrumentais que possibilitam a produção de materiais que se comuniquem com a audiência de forma eficaz. Os formatos, por outro lado, seriam as características comuns contidas nos produtos ou unidades de um mesmo gênero, sendo respostas do jornalismo a demandas sociais, ou seja, “sinal do aprimoramento de um processo que tem raízes na própria constituição da imprensa” (Marques de Melo; Assis, 2016, on-line). Eles ressaltam que:

Os gêneros e suas subdivisões – formatos e tipos – são formas relativamente rígidas, fixas, que definem o modelo de atitude do espectador, antes de este se interrogar acerca de qualquer conteúdo específico, determinando assim, em larga medida, o modo como esse teor é percebido (Marques de Melo e Assis, 2016, on-line).

A classificação adotada pelos autores é a que foi proposta na “Classificação Marques de Melo” (2009). Ela se divide em: gênero informativo, composto por nota, notícia, reportagem e entrevista; gênero opinativo, composto por editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta e crônica; gênero interpretativo, formado por análise, perfil, enquete, cronologia e dossiê; gênero diversional, formado por história de interesse humano e história colorida; gênero utilitário, constituído por indicador, cotação, roteiro e serviço.

Segundo Marques de Melo (2010), o estudo dos gêneros jornalísticos é recente, tendo o francês Jacques Kayser o pioneirismo no tratamento acadêmico deles. A este tópico interessa, em especial, o gênero opinativo que, de acordo com o professor, ganhou força no século XVIII e tem como missão avaliar acontecimentos e emitir um parecer sobre os mesmos. Ele conta que “essa forma de expressão jornalística emerge nos processos

revolucionários de natureza anticolonial (USA, 1776) e antiabsolutista (França, 1789), convertendo a imprensa em arena de combate” (Marques de Melo, 2010, p. 4). Menciona ainda que tal gênero só chegou ao Brasil um século depois, através do jornalismo panfletário e do jornalismo carbonário identificados por Isabel Lustosa (2000) na obra *Insultos impressos*.

É sabido, como foi exposto no capítulo anterior, que nenhuma produção jornalística é neutra, pois carrega em si traços da subjetividade de qualquer pessoa que se proponha a apurar um acontecimento e a transmiti-lo aos demais, bem como está sujeita também aos limites editoriais da empresa midiática. O gênero opinativo, todavia, se propõe a ir além do limite de uma suposta neutralidade e proporciona maior liberdade para a leitura de algo e sua transmissão ao público. Esse é um espaço jornalístico privilegiado, no qual pode-se escapar das armadilhas da imparcialidade e emitir de modo mais claro algum tipo ou grau de opinião, seja da empresa ou de quem elabora o material – um jornalista ou uma autoridade em alguma área do saber.

Levando em consideração as reflexões de Marques de Melo (1994), Augusto Acosta de Vasconcelos (2014) conta que a origem desse gênero se deu pela necessidade de distinguir com clareza o que estava acontecendo daquilo que se pensava sobre o ocorrido. Ele ressalta que esse material geralmente se origina nos acontecimentos noticiados pelo texto informativo, carregando valor noticioso. Pontua ainda que os formatos artigo, comentário e resenha são textos que levam a assinatura do autor, e o editorial não tem autoria, visto que representa o parecer da empresa. Ainda sobre os formatos, Vasconcelos diz que:

o comentário e o editorial exigem continuidade e imediatismo, são temporais. Isso não se aplica nem à resenha nem ao artigo, pois o primeiro, embora seja frequente, descobre os valores de bens culturais diferenciados; o segundo, ainda que possua liberdade temática, aparece de maneira aleatória, não tem frequência determinada. As opiniões na coluna e na caricatura são temporalmente contínuas, em sincronia com o emergir e repercutir dos acontecimentos (Vasconcelos, 2014, p. 39).

Francisco de Assis (2010) conta que o gênero opinativo chegou ao Brasil através do *Correio Braziliense*, primeiro jornal que circulou no país. Ele foi criado em 1808, editado em Londres e trazia para o Brasil as posições ideológicas de Hipólito da Costa, proprietário e produtor do jornal. Ele ressalta que, muito além de apenas atender à necessidade humana de se expressar, os textos opinativos contribuem com a formação da opinião pública, influenciando a percepção que se tem sobre algo.

Camila Mont’Alverne e Francisco Paulo Jamil Marques (2015) também fazem considerações importantes sobre o gênero em foco neste tópico ao refletir sobre a função e a

influência política dos editoriais jornalísticos. Os primeiros pontos que os autores chamam atenção são as disputas e complexidades que podem envolver essa atividade, como os interesses públicos e privados e a busca por audiência, bem como os espaços de liberdade conferidos a apenas alguns profissionais da comunicação ou de outras áreas para se posicionarem sobre algo.

É problematizado, por exemplo, a influência do setor comercial na produção. Com base em Eugenio Bucci (2000), Mont’Alverne e Marques (2015) evidenciam a necessidade de separação entre esses setores e, apesar disso, ressaltam, a partir de Marques, Miola e Siebra (2014), a dificuldade em fazer, de fato, uma desassociação devido ao poder decisório que o setor comercial pode ter em algumas situações.

Voltando à temática da opinião, os autores refletem sobre a distinção feita pelas empresas de comunicação entre os textos noticiosos e os textos opinativos e o desejo de assegurar que o conteúdo jornalístico, diferentemente dos materiais frutos das áreas da Publicidade e das Relações Públicas, devam conta de apresentar a realidade aos consumidores da informação. Assim, “a distinção entre opinião e informação, portanto, tem como objetivo dar à audiência a impressão de que o noticiário estaria isento de impressões dos repórteres ou da própria empresa” (Mont’Alverne; Marques, 2015, p. 124).

Outra contribuição interessante que os autores, citando Beltrão (1980), fazem é que os textos opinativos valorizam e engrandecem a profissão quando feitos com honestidade em relação aos fatos, sendo possibilidades para alcançar bem-estar social. Logo, esse tipo de texto é tido como uma maneira do “jornal cumprir com seu dever junto ao leitor, oferecendo a ele um modo de compreender o mundo, em oposição ao conteúdo informativo, cuja função – pelo menos em princípio – seria apresentar a realidade, sem interferir nos fatos” (Mont’Alverne; Marques, 2015, p. 125). Os autores destacam ainda que a intenção e o modo de elaborar o texto opinativo são diferentes em cada formato e que esses textos podem se utilizar de recursos dos textos informativos.

O debate em torno dos gêneros e dos polos informativo e opinativo conta com a colaboração de vários autores. Neste tópico, interessa ressaltar o pensamento de Manuel Carlos Chaparro (1998), teórico importante para pensar este assunto e que tinha compreensões discordantes das propostas por Marques de Melo, baseado na análise feita por Maria Stella Galvão Silva (2019). Diferente de Marques de Melo e dos pesquisadores que se baseiam em seus estudos, Chaparro (1998) não divide o jornalismo em informação e opinião, mas o considera um fruto gerado a partir de informações e opiniões. Nesse sentido, não existe

informação sem algum grau de opinião e nem opinião sem informação, como aponta Silva (2019).

Conforme ressalta a autora, Chaparro acreditava na existência de dois gêneros, denominados de comentário e relato, que contam com subdivisões chamadas de espécies. O primeiro é composto por espécies argumentativas, que incluem artigo, crônica, cartas, coluna e charge. E o segundo é formado por espécies narrativas, como reportagem, notícia, entrevista, coluna, roteiros, indicadores e previsão de tempo. A autora destaca que esse teórico tinha como foco a estrutura linguística do material, reconhecendo que as ações do jornalismo são justamente relatar e comentar a atualidade.

Silva (2019) conta, baseada em Chaparro, que a separação entre opinião e informação se fortaleceu com o surgimento do jornal *Diário de Notícias*, em 1865, trazendo transformações para a linguagem jornalística e para a imprensa. O jornal teria seguido o exemplo do inglês “*Daily Courant*, que em 1702, ao privilegiar a informação sem juízos de valor e separada dos artigos, criou o mito anglo-saxônico da objetividade jornalística” (Chaparro, 1998, p. 45. *apud* Silva, 2019, p. 79). Assim, a pesquisadora destaca que materiais ideológicos alicerçados no mito da objetividade podem ser tidos como neutros.

Fica evidente, portanto, que, embora exista na prática profissional a separação entre os textos opinativos e informativos, nenhuma produção jornalística está livre de conter traços pertencentes aos dois gêneros. Apesar das características e estruturas dos textos demonstrarem com mais ou menos clareza o que determinada empresa ou profissional pensa sobre uma temática, a adequação a um ou a outro formato não desprendem a produção das sutilezas da subjetividade. O gênero opinativo mostra-se como uma oportunidade de estabelecer uma relação mais transparente com o público, estando ciente das responsabilidades éticas de se comunicar e do papel do jornalismo na cidadania.

Relembrados e expostos aspectos importantes do fazer jornalístico que se relacionam à temática deste trabalho, pode-se avançar nas estruturas que sustentam esta reflexão. Seguindo o fluxo do crescimento, chegou o momento de entender um pouco mais sobre a *Folha de S.Paulo*, empresa de destaque no cenário nacional e o meio pelo qual os objetos que desencadearam esta pesquisa deixaram o campo das ideias e ganharam vida, bem como a metodologia utilizada nesta dissertação para ler e interpretá-los.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA: CAMINHOS QUE CONDUZEM À REFLEXÃO

A metodologia é uma das partes essenciais na estruturação de uma pesquisa, pois fundamenta todo o seu processo, ou seja, desde a escolha dos objetos até a sua análise. Segundo Winkes (2022), o método de análise escolhido orienta o modo como um objeto de estudo vai ser percebido, pois ele orienta a leitura que se faz do mesmo. Assim, o objetivo deste capítulo é apresentar os caminhos percorridos na estruturação desta pesquisa, desde a escolha dos objetos até a sua interpretação.

Diante desta discussão, faz-se necessário ter aqui um espaço dedicado ao veículo que tornou público os objetos textuais em foco. Nesse caso, o jornal *Folha de S.Paulo*, que através do caderno Ilustrada compartilhou as matérias sobre as mortes das mulheres artistas e da jornalista, é o foco do primeiro tópico. Quem serve de base para a fundamentação desse tópico é o próprio site do jornal e a Fabiane Barbosa Moreira (2006), que também analisou o veículo ao refletir sobre os valores-notícia na mídia impressa em sua dissertação de mestrado.

O segundo tópico fala sobre a escolha dos objetos e as características que os possibilitam integrar esta pesquisa. Assim, é descrito o processo de tomada de conhecimento sobre os textos, o processo de pesquisa dos materiais no site do jornal e as estratégias adotadas para a seleção dos textos a serem investigados no próximo capítulo.

Também é preciso evidenciar os caminhos escolhidos para a realização da análise. Nesse sentido, há a apresentação e a explicação do método adotado neste trabalho de conclusão de curso, a saber o qualitativo. Dentro desse sistema, faz-se uso da análise de conteúdo e da técnica de enquadramento para interpretar os objetos. Essa parte está dividida em dois tópicos: “Metodologia: análise de conteúdo e enquadramento” e “Como analisar o enquadramento a partir da análise de conteúdo”.

No primeiro, reflete-se sobre o método qualitativo, a análise de conteúdo e a técnica de enquadramento, tendo como base a autora Kérley Winkes (2022), os autores Rafael Cardoso Sampaio e Diógenes Lycarião (2021), Everton Cardoso e Maria Clara Sidou Monteiro (2022) e Sântia Mara Ott (2022). No segundo, reflete-se sobre a aplicação da análise de conteúdo nesta abordagem com base na argumentação construída no tópico anterior.

3.1 QUEM É A FOLHA DE S.PAULO?

Todos os objetos escolhidos para esta análise foram veiculados pela *Folha de S.Paulo*, pertencente ao Grupo Folha, que é uma das principais empresas brasileiras de mídia. Conforme informações disponibilizadas no site da *Folha de S.Paulo*, o grupo controla o instituto de pesquisa Datafolha, a agência de notícias Folhapress e o Centro Tecnológico Gráfico-Folha (CTG-F), que tem capacidade para imprimir 116 cópias de jornais por segundo.

Sua história se inicia com o jornal Folha da Noite criado por Olival Costa e seu sócio Pedro Cunha em 1921. A edição matutina surgiu em 1925, denominada Folha da Manhã, e a edição vespertina, em 1949, com o nome de Folha da Tarde. Inicialmente, o foco do jornal eram os serviços públicos. Mais tarde com a compra do jornal pelo cafeicultor Octaviano Alves Lima, o foco tornou-se os interesses relacionados à lavoura. Em 1945, a imparcialidade tornou-se a política redacional devido ao comando de José Nabantino Ramos, que detinha o controle acionário.

O caderno Ilustrada, no qual os textos em estudo nesta dissertação foram publicados, surgiu em 1958, abordando assuntos ligados à cultura e variedades. Moreira (2006), citando Jorge Cláudio Ribeiro (1994), ressalta que o número de páginas, de cadernos e de conteúdos cresceram e a vitrine do jornal passou a ser a primeira página nessa época, evidenciando a intenção de deixá-lo mais vendável. O Portal Publicidade, vinculado à Folha, define o caderno Ilustrada como o mais completo desse segmento. Tendo em sua equipe os colaboradores mais respeitados do campo do jornalismo cultural, a editoria faz uma cobertura completa e original de cultura, variedades e entretenimento.

As três edições, manhã, tarde e noite, se transformaram no jornal *Folha de S.Paulo* em 1960. Sobre a participação da Folha no processo de redemocratização do país, Moreira (2006) destaca, com base em Ribeiro (1994), que o jornal não assumiu um papel político e não fez oposição ao governo militar. A autora cita ainda a entrevista que Otávio Frias Filho deu a Ribeiro afirmando que nos anos 60 e 70 o jornal se dedicou a objetivos financeiros e empresariais. Essa informação contrasta com o site do jornal que afirma que em 1976 a Folha teve papel importante no movimento de redemocratização através da criação da seção “Tendências/Debates”, que possibilitava o debate de temáticas em alta na sociedade através de artigos de intelectuais perseguidos na ditadura.

Na década de 1980, ela alcançou o marco de jornal de maior circulação do país, assumindo a liderança na imprensa diária. O primeiro projeto editorial do jornal foi lançado em 1981. O documento intitulado “A Folha e alguns passos que é preciso dar” possuía circulação interna e tinha três objetivos: transmitir informações corretas, fazer interpretações assertivas sobre elas e mostrar uma variedade de pontos de vista sobre os ocorridos. Em 1984,

veio o documento, também interno, “A Folha depois da campanha diretas-já”, devido ao engajamento do jornal na campanha, e surgiu ainda o primeiro Manual da Redação, que abordava desde a política editorial à produção dos materiais. Em 1985, o novo editorial visava promover maior criticidade, apartidarismo, modernidade, pluralidade, novas técnicas visuais e também oferecer um jornalismo focado em serviço; e, em 1986, o foco era a exclusividade informativa e a excelência na produção

Em 1987, começa a informatização de um banco de dados, com o índice eletrônico da Folha e de várias revistas brasileiras, fruto de parceria com a Editora Abril. No ano de 1988, diretrizes editoriais com foco na concorrência e na ideia de patrimônio coletivo foram registradas, renovando o jornalismo do veículo. Os computadores Macintosh, usados na produção de itens gráficos, como mapas, quadros e ilustrações, foram implantados na editoria de Arte em 1989.

As paginadoras Harris, que trouxeram mais tecnologia ao dia a dia do jornal por meio da montagem eletrônica de suas páginas, passaram a ser utilizadas em 1990. Antes o processo era manual, utilizando o método paste-up. Em novembro deste mesmo ano, o jornal lançou cinco edições regionais: Sudeste, ABCD, Nordeste, Norte e Vale. Em 1991, o jornal disponibilizou novos cadernos com circulação diária, oferecendo, além da editoria Ilustrada, os cadernos Brasil, Mundo, Dinheiro, Cotidiano e Esporte. Ainda nesse ano, a Folha pediu o impeachment do ex-presidente Fernando Collor de Mello, sendo, segundo seu site, o primeiro órgão da imprensa brasileira a fazê-lo. Outro marco importante na história do jornal foi em 1992, quando se tornou o jornal com maior número de vendas no domingo, atingindo uma média de 522.215 exemplares. Neste mesmo ano, houve uma reestruturação gráfica com o objetivo de facilitar a leitura. Assim, a primeira página passou a ser colorida. Além disso, foram criados o caderno “Mais!” e a “Revista da Folha”.

Em 1993, uma rede de computadores foi instalada para armazenar os textos publicados pela Folha. Com isso, os jornalistas poderiam consultá-los pelas telas dos terminais. Também houve marcos importantes no que se refere a circulação dos jornais Folha, Folha da Tarde e Notícias Populares, que atingiram a média diária de 560 mil exemplares. Só o jornal Folha tinha a maior circulação do país com uma média de 420 mil exemplares diários e mais de 700 mil aos domingos. O sucesso do jornal foi tão grande que, em 1996, ele foi citado duas vezes no “Guinness Book - O Livro dos Recordes” por ter sido o primeiro a superar a tiragem de um milhão de exemplares e ser o de maior circulação no Brasil.

Em 1995, a Folha ocupou o campo da internet, estrelando o seu primeiro canal de notícias online, chamado FolhaWeb. Em 1996, a Folha continuou com passos importantes

nesse espaço, criando o Universo Online (UOL). O serviço experimental permitia acesso a textos integrais publicados na Folha durante os últimos três anos a qualquer usuário da Internet. Em 1997, o UOL atingiu 23,8 milhões de page views, ou seja, páginas vistas, e ganhou várias premiações nos anos seguintes, como o Prêmio Info Exame 1999, sendo eleito a “Empresa mais admirada do Brasil”.

De acordo com seu site, atualmente, a Folha possui as seguintes editorias: Política, Economia, Cotidiano, Mundo, Esporte, Ilustrada, Ilustríssima, Comida, F5, Podcasts, Folhinha, Saúde, Ciência, Ambiente, Equilíbrio, Fotografia, TV Folha, Educação, Turismo, Guia Folha, Empreendedorismo e Banco de Dados. Conforme dados da pesquisa Target Group Index, da Kantar IBOPE, de 2017, divulgada no site Publicidade Folha, os perfis de leitores do caderno Ilustrada, em São Paulo, são, majoritariamente, constituídos por mulheres, da classe A e com faixa etária entre 35 e 44 anos. Não há informações sobre os perfis dos leitores dessa editoria no âmbito nacional.

Recentemente, a Folha lançou uma iniciativa que se relaciona à temática deste trabalho. Em outubro de 2023, surgiu a iniciativa Todas³, que é multiplataforma e apresenta conteúdo voltado às mulheres. Segundo o perfil no Instagram⁴ dedicado ao programa, o objetivo é aumentar a cobertura das seguintes temáticas: autocuidado, saúde, moda, carreira, política e cultura, ofertando conteúdos diversos, que englobam diferentes fases de vida, renda, etnias e tipos de corpos.

3.2 O PROCESSO E OS CRITÉRIOS DE ESCOLHA DOS OBJETOS DE INVESTIGAÇÃO

A forma como se chega a um objeto de investigação pode ser curiosa. Nem sempre as inquietações que nos movem em direção a uma pesquisa são apenas nossas. O desejo de entender determinado fenômeno pode ganhar força nas demandas, inquietações e críticas que são tecidas no seio social. Foi o que ocorreu neste caso.

Ainda no início da graduação ouvi que a rede social X, antigo Twitter, era um meio importante para ficar sabendo do que acontece no mundo de maneira instantânea e que, por isso, era um espaço interessante para se ocupar. Ouvi a recomendação dada em aula por uma professora e criei uma conta. Anos se passaram e, novamente, o X se conectou com minha trajetória no curso. O algoritmo da rede social me encaminhou tweets com queixas de outros

³ FOLHA DE S.PAULO. Folha lança Todas, iniciativa que visa ampliar o conteúdo voltado às mulheres. **Folha de S.Paulo**, 5 out. 2023. Disponível em: <https://abrir.link/tzvny>. Acesso em: 27 mai. 2024.

⁴ Disponível em: https://www.instagram.com/p/CyA1ywvuZLC/?img_index=1. Acesso em: 27 mai. 2024.

usuários acerca de textos sobre a morte de mulheres famosas publicados pela *Folha de S.Paulo*. Como os assuntos relacionados a gênero já eram de meu interesse em estudos pessoais, quando surgiu a oportunidade de fazer esta pesquisa, recordei aquelas publicações e me lancei nessa temática.

Apesar das referências apontadas pelos usuários do X, era importante verificar se havia mais textos com características comuns que pudessem ser utilizados neste estudo e se todos os textos que repercutiram negativamente poderiam servir para esta análise. Para manter uma similaridade na amostra, todos os textos escolhidos deviam falar sobre mulheres artistas ou sobre mulheres que tivessem uma visibilidade midiática ao longo de suas trajetórias, atravessar questões de gênero e serem publicados no caderno Ilustrada.

Os objetos que não se encaixam nas características citadas acima foram descartados. É o caso, por exemplo, do texto “*Sinéad O'Connor foi casada por 18 dias em 2011 e se separou por causa de maconha*”, publicado pela Folha na editoria F5. A busca seguia, então, uma padronização: no site do jornal, pesquisou-se pelo nome das famosas que os textos tiveram repercussão negativa entre os usuários, selecionando apenas a editoria Ilustrada e a data de suas mortes. O objetivo foi selecionar até três textos de cada mulher, devido ao curto prazo para desenvolver uma pesquisa na graduação, que trouxessem pontos relacionados à questão de gênero.

Sobre a cantora Marília Mendonça, os textos selecionados foram “*Marília Mendonça jogou luz para mulheres num sertanejo ainda machista*”, “*Marília Mendonça, morta aos 26, cantou sofrência como ninguém nunca fez*”, e “*Marília Mendonça, rainha da sofrência, não soube o que é o fracasso*”. Da jornalista Glória Maria, os selecionados foram “*Morre Glória Maria, um ícone do jornalismo e uma pioneira na TV brasileira*”, “*Glória Maria tinha quantos anos? Apresentadora fazia de tudo para esconder a idade*” e “*Glória Maria sofreu racismo até de presidente: 'Neguinha da Globo', disse Figueiredo*”.

Sobre a cantora Rita Lee “*Morre Rita Lee, maior estrela do rock brasileiro e ícone dos Mutantes, aos 75 anos*”, “*Drogas tiveram papel político na trajetória de Rita Lee, rebelde desde a infância*” e “*Rita Lee estaria rindo dos moralistas que ignoram sua relação com drogas*”. De Sinéad O' Connor, os textos escolhidos foram “*Morre a cantora Sinéad O'Connor, de 'Nothing Compares 2 U', aos 56 anos*”, “*Documentário sobre Sinéad O'Connor retrata abusos na infância e polêmica religiosa*” e “*'Nothing Compares 2 U', hit de Sinéad O'Connor, foi composta por Prince*”. Os textos “*Aracy Balabanian falou à Folha como desafiou o pai para virar atriz; relembre*”, “*Aracy Balabanian explicou em biografia que sua*

carreira não comportava filhos” e “Aracy Balabanian captou as sutilezas e grandezas da alma feminina na TV” também foram considerados para esta análise.

Os textos publicados sobre a cantora Gal Costa não chegaram até mim através dos algoritmos da rede X como os textos das outras famosas. Nesse sentido, a título de comparação, foram escolhidos os textos “*Entenda como Gal Costa se tornou símbolo forte de rebeldia das mulheres*”, “*Gal Costa com seios de fora é 'imagem importante', diz Gerald Thomas*” e “*Gal Costa foi grande sex symbol tropical com suas roupas jovens e ousadas*”.

A tabela abaixo (Tabela 1) sintetiza as informações elencadas acima e apresenta os links de destino das matérias selecionadas:

Tabela 1: Objetos de investigação

Artista	Título da matéria	Data e horário de publicação	Link
Marília Mendonça	Marília Mendonça jogou luz para mulheres num sertanejo ainda machista	5.nov.2021 às 18h04	https://abrir.link/rHuWs
Marília Mendonça	Marília Mendonça, morta aos 26, cantou sofrência como ninguém nunca fez	5.nov.2021 às 19h10	https://abrir.link/mdFma
Marília Mendonça	Marília Mendonça, rainha da sofrência, não soube o que é o fracasso	5.nov.2021 às 20h37	https://abrir.link/raNUG
Gal Costa	Entenda como Gal Costa se tornou símbolo forte de rebeldia das mulheres	9.nov.2022 às 15h28	https://abrir.link/zlnKp
Gal Costa	Gal Costa com seios de fora é 'imagem importante', diz Gerald Thomas	9.nov.2022 às 15h47	https://abrir.link/TdLIIm
Gal Costa	Gal Costa foi grande sex symbol tropical com suas roupas jovens e ousadas	9.nov.2022 às 16h12	https://abrir.link/Vhwwi
Glória Maria	Morre Glória Maria, um ícone do jornalismo e uma pioneira na TV brasileira	2.fev.2023 às 9h01 Atualizado: 2.fev.2023 às 15h20	https://abrir.link/nvWYF
Glória Maria	Glória Maria tinha quantos anos? Apresentadora fazia de tudo para esconder a idade	2.fev.2023 às 9h38	https://abrir.link/nFUaB
Glória Maria	Glória Maria sofreu racismo até de presidente: 'Neguinha da Globo', disse Figueiredo	2.fev.2023 às 12h09	https://abrir.link/RzCjR
Rita Lee	Morre Rita Lee, maior estrela do rock brasileiro e ícone dos Mutantes, aos 75 anos	9.mai.2023 às 10h59 Atualizado: 9.mai.2023 às 12h51	https://abrir.link/zvZsA
Rita Lee	Drogas tiveram papel político na trajetória de Rita Lee, rebelde desde a infância	9.mai.2023 às 11h05 Atualizado: 9.mai.2023 às 12h23	https://abrir.link/obGBn

Rita Lee	Rita Lee estaria rindo dos moralistas que ignoram sua relação com drogas	9.mai.2023 às 18h03	https://abrir.link/ORyuF
Sinéad O' Connor	Morre a cantora Sinéad O'Connor, de 'Nothing Compares 2 U', aos 56 anos	26.jul.2023 às 15h02 Atualizado: 27.jul.2023 às 11h19	https://abrir.link/VyggE
Sinéad O' Connor	Documentário sobre Sinéad O'Connor retrata abusos na infância e polêmica religiosa	26.jul.2023 às 18h20	https://abrir.link/IFBfu
Sinéad O' Connor	'Nothing Compares 2 U', hit de Sinéad O'Connor, foi composta por Prince	26.jul.2023 às 22h59	https://abrir.link/pJvcx
Aracy Balabanian	Aracy Balabanian falou à Folha como desafiou o pai para virar atriz; relembre	7.ago.2023 às 12h02	https://abrir.link/EcBxB
Aracy Balabanian	Aracy Balabanian explicou em biografia que sua carreira não comportava filhos	7.ago.2023 às 13h09 Atualizado: 7.ago.2023 às 16h08	https://abrir.link/uzAip
Aracy Balabanian	Aracy Balabanian captou as sutilezas e grandezas da alma feminina na TV	7.ago.2023 às 21h21	https://abrir.link/EtMTo

Fonte: Elaboração da autora.

Após ter contato com o processo de escolha dos objetos desta investigação e com um pouco da história da *Folha de S.Paulo*, chegou o momento de refletir sobre as ferramentas de análise adotadas nesta pesquisa.

3.3 METODOLOGIA: ANÁLISE DE CONTEÚDO E ENQUADRAMENTO

O objetivo desta investigação é compreender os enquadramentos dos textos jornalísticos da *Folha de S.Paulo* sobre a morte de mulheres famosas publicados na editoria Ilustrada, visando contribuir para o fortalecimento do debate acerca das temáticas relacionadas a gênero no jornalismo. Em vista disso, os objetivos específicos consistiam em estabelecer um panorama sobre a objetividade e a subjetividade e suas conexões com um jornalismo humanizado e plural, compreender concepções do gênero jornalístico opinativo, debater sobre os sentidos da morte como critério de noticiabilidade e identificar e analisar as visões de gênero nos textos da *Folha de S.Paulo*. O último objetivo será concretizado no próximo capítulo através da metodologia qualitativa, que foi escolhida para viabilizar esta pesquisa. Dentro desse sistema, a observação do enquadramento por meio da análise de conteúdo fornece as ferramentas necessárias para esta investigação.

Para responder aos questionamentos que me movem em direção a esta pesquisa, optou-se pela adoção da metodologia qualitativa, que “ocupa um reconhecido lugar entre as

várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem as complexas relações sociais nas mais diversas áreas do conhecimento” (Winques, 2022, p. 101). De acordo com Winques (2022), esse tipo de abordagem exerce uma posição crítica ao modelo científico experimental e entende que o conhecimento pode ser fruto das relações que são estabelecidas entre sujeito, quem pesquisa, e objeto, o alvo de seu estudo.

Além disso, a pesquisadora mostra que, diferentemente do método quantitativo, que, segundo Tadiana Maria Moreira (2022), utiliza técnicas estatísticas para quantificar dados e informações, o objetivo do método qualitativo não é mensurar um fenômeno, mas compreendê-lo. Sob a perspectiva de Minayo (2010), Winques (2022) afirma que estudos com esse viés visam responder questões particulares e singulares, não podendo ter o nível de realidade da observação quantificado, e sintetiza, que, através do mesmo, se opera com “um universo de múltiplos significados, crenças, valores, atitudes etc.” (p. 105).

A autora ressalta que a empiria é característica geral dessa vertente, sendo que o objetivo é a compreensão sobre a vivência de determinado alguém ou grupo por meio da observação sensível e reflexiva do objeto investigado. As pesquisas qualitativas se dedicam “ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam” (Minayo, 2010. p. 57 *apud* Winques, 2022, p.110).

Dentro da metodologia qualitativa, a técnica escolhida para a interpretação dos textos foi a análise de conteúdo. Rafael Cardoso Sampaio e Diógenes Lycarião (2021), que elaboraram um manual para aplicação dessa técnica, dão ênfase à descrição feita por Downe-Wamboldt (1992), que, segundo os pesquisadores, apesar de ser uma conceituação mais ampla e completa, é pouco revista na literatura:

A análise de conteúdo é um método de pesquisa que providencia meios objetivos e sistemáticos para fazer inferências válidas de dados verbais, visuais ou escritos para descrever e quantificar fenômenos específicos. Infelizmente, para alguns pesquisadores, validade científica é igualada a quantificação [...] Análise de conteúdo é mais que um jogo de soma; ela se preocupa com significados, intenções, consequência e com o contexto (Downe Wamboldt, 1992, p. 314 *apud* Sampaio, Lycarião, 2021, p. 16).

Apesar de ser classificada como quantitativa por alguns pesquisadores, como Kimberly Neuendorf (2002) e Riffe, Lacy e Fico (2014), inclusive por Wamboldt (1992), citado acima, para Sampaio e Lycarião (2021), essa ferramenta de pesquisa científica pode ser utilizada nas duas abordagens. Dessa forma, os autores definem a análise de conteúdo como:

uma técnica de pesquisa científica baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, buscando descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos (Sampaio e Lycarião, 2021, p. 17).

Essa metodologia “envolve uma série de decisões baseadas em interpretações e que, portanto, são sensíveis à subjetividade do analista” (Sampaio e Lycarião, 2021, p. 36). Todavia, os autores ressaltam a necessidade de estabelecer critérios de análise compreensíveis, precisos e consistentes. E eles salientam ainda que são os resultados gerados por meio da checagem crítica de hipóteses e da possibilidade de revisão desses resultados que configuram o caráter científico de um trabalho.

Sob essa ótica, Sampaio e Lycarião (2021) destacam, com base em Krippendorff (2004), Macnamara (2005), Matthes Kohring (2008), Neuendorf (2002) e Riffe; Lacy; Fico (2014), que a análise de conteúdo deve atender aos princípios epistemológicos da replicabilidade, confiabilidade e validade, possibilitando revisões críticas de conceitos, de instrumentos metodológicos e de codificadores pela comunidade científica. Esses princípios dizem respeito à

capacidade que a AC tem de ser revisada pela comunidade científica em termos de consistência entre conceitos e os instrumentos metodológicos (validade), assim como em termos da precisão e acurácia dos codificadores ao utilizarem tal instrumento (confiabilidade). A própria oferta de condições para realizar essas revisões corresponde precisamente ao princípio de replicabilidade (Sampaio e Lycarião, 2021, p. 30).

Sampaio e Lycarião (2021) descrevem ainda que essa técnica possui diversas aplicações, podendo gerar resultados por si só ou ser usada como intermediária, aliada à outra ferramenta, como, por exemplo, entrevistas em profundidade. Nesta pesquisa, ela é usada em conjunto com a técnica de enquadramento, que é explicada adiante. De acordo com Everton Cardoso e Maria Clara Sidou Monteiro (2022), a análise de conteúdo é um método recorrente na investigação de produtos midiáticos no campo da comunicação, o que pode ser atribuído a sua capacidade de categorizar e de estruturar esquemática e analiticamente o corpus.

Cardoso e Monteiro (2022) descrevem, baseados em diferentes autores, alguns passos que são comuns quando se opta por usar essa ferramenta. O primeiro é a pré-análise, que consiste no olhar ou na leitura primária e em apontamentos iniciais sobre o material; depois, vem a definição do tipo de pesquisa, no qual se descreve ou se compara objetos, por exemplo. Adiante, há a seleção das unidades de análise, levando em conta a problematização da

pesquisa; logo após, vem a composição da amostra, que deve ser feita baseada no princípio de exaustividade, homogeneidade, pertinência ou representatividade. Em seguida, é a vez da codificação por meio da elaboração de categorias de análise e de seus códigos; a categorização, por sua vez, é a fase de refinar e reagrupar as categorias, sintetizando os dados com base no que se pretende discutir. A penúltima etapa é a produção de inferências, que consiste na interpretação dos resultados; e, por fim, vem a redação do relato.

Outra ferramenta adotada nesta pesquisa é a técnica de enquadramento. De acordo com Sântia Mara Ott (2022), as definições na literatura teórico-metodológica da comunicação sobre esse conceito são diferentes e se aproximam em alguns pontos. Ott se baseia, principalmente, em Robert Entman (1993) para construir sua argumentação. Segundo esse autor, enquadrar é selecionar e destacar algumas informações no texto, de acordo com a definição de problemas, diagnósticos, julgamentos morais e propostas de soluções.

Os quadros, então, definem problemas – determinam o que um agente causal está fazendo com quais custos e benefícios, geralmente medidos em termos de valores culturais comuns; diagnosticam causas – identificam as forças que criam o problema; fazem julgamentos morais – avaliam agentes causais e seus efeitos; e sugerem soluções – oferecem e justificam tratamentos para os problemas e preveem seus efeitos prováveis (Entman, 1993, p. 52 *apud* Ott, 2022, p. 76).

Ott (2022) acrescenta que esse conceito se adapta a diferentes tipos de pesquisas e objetos, podendo as quatro variáveis - definição de problemas, diagnósticos, julgamentos morais e propostas de soluções - não estarem presentes em um enquadramento. Além disso, ela chama atenção para a importância de se atentar às exclusões que foram feitas na elaboração dos enquadramentos, pois “ao não incluir um ou outro aspecto da realidade, privilegia-se uma ou mais interpretações em detrimento de outras” (Ott, 2022, p. 76). Ao citar Entman (1993), a autora mostra que comunicadores e comunicadoras fazem julgamentos de enquadramento quando escolhem o que dizer e que essas escolhas são dirigidas por enquadramentos que ordenam seus conjuntos de crenças.

Todavia, é válido enfatizar que essas escolhas nem sempre são conscientes e que os quadros podem não serem construídos só por um agente, neste caso, a imprensa ou os jornalistas, visto que “os quadros não são inventados pelos sujeitos, mas mobilizados na interação comunicativa, dependendo, pois, da existência de sentidos partilhados” (Mendonça; Simões, 2012, p. 189 *apud* Ott, 2022, p. 77). Ott (2022) ressalta que o sistema de crenças que regem a tomada de decisão não está preso à consciência individual de quem elabora um

determinado material, o que não pode ser ignorado ao observar enquadramentos em textos jornalísticos.

Nessa perspectiva, ela sintetiza, sob os argumentos de Entman (1993), que o processo de comunicação é orientado por, no mínimo, quatro agentes, a saber, quem comunica, a mensagem, quem recebe e a cultura, e que a rotina organizacional e os veículos também têm um papel expressivo nesse processo. Ademais, com base em Mendonça e Simões (2012), Ott (2022) acrescenta que o enquadramento ocorre por meio da interação entre as diferentes instâncias envolvidas no processo comunicacional.

É fundamental ter em mente que o conceito de enquadramento é uma ferramenta que permite demonstrar o poder da comunicação, visto que a “análise de frames ilumina a maneira precisa pela qual a influência sobre a consciência humana é exercida pela transferência (ou comunicação) de informações de um local - como um discurso, enunciado, noticiário ou romance – para essa consciência” (Entman, 1993, p. 51-52 *apud* Ott, 2022, p. 78). Nesse sentido, através desse mecanismo, pode-se perceber e refletir sobre a contribuição e a responsabilidade da atuação da mídia na comunicação de algo, pois “o enquadramento é uma atividade crítica na construção da realidade social porque ajuda a moldar as perspectivas pelas quais as pessoas veem o mundo” (Hallahan, 1999, p. 207 *apud* Ott, 2022, p. 79).

Feitas as considerações sobre as conceituações dos métodos utilizados neste trabalho, chegou o momento de conhecer a apropriação feita deles para fundamentar a análise desenvolvida nesta pesquisa. Assim, o próximo tópico reflete sobre a aplicação da análise de enquadramento a partir da análise de conteúdo e revela as categorias e operadores que direcionam esta investigação.

3.3.1 Como analisar o Enquadramento a partir da Análise de Conteúdo

O texto de Ott (2022) também colabora com a construção desta parte, exemplificando o uso que se pode fazer das técnicas de enquadramento e análise de conteúdo. Nesse sentido, assim como o texto base, esta pesquisa se baseia nas contribuições feitas Mauro Porto (2004) descritas em “Enquadramentos da Mídia e Política”. Ott (2022) aponta que o modelo descrito pelo autor possibilita uma operacionalização correta do método de enquadramento e um exame proveitoso dos objetos em foco.

De acordo com a autora, Porto (2004) divide o conceito em enquadramentos noticiosos de enquadramentos interpretativos. O autor define o primeiro como “padrões de apresentação, seleção e ênfase utilizados por jornalistas para organizar seus relatos. No jargão

dos jornalistas, este seria o ‘ângulo da notícia’, o ponto de vista adotado pelo texto noticioso que destaca certos elementos de uma realidade em detrimento de outros” (Porto, 2004, p. 91). O segundo, por outro lado, “são padrões de interpretação que promovem uma avaliação particular de temas e/ou eventos políticos, incluindo definições de problemas, avaliações sobre causas e responsabilidades, recomendações de tratamento etc.” (Porto, 2004, p. 92).

Segundo o pesquisador, geralmente, as opiniões ficam resguardadas nas citações das fontes que integram a matéria e os jornalistas só usam os enquadramentos interpretativos em textos de opinião, dado o princípio de objetividade que rege a profissão. Neste trabalho, todavia, uma parte do corpus é formado por textos de opinião. Nesse sentido, devido à natureza dos objetos, faz-se uso dos dois enquadramentos aqui.

Depois de optar pelo tipo de enquadramento que melhor se encaixa ao objeto, é o momento de perceber os pontos de divergências mais relevantes e seus enquadramentos, identificando as ideias dominantes no *corpus*. A última etapa consiste na definição de categorias de classificação e codificação, através da leitura flutuante dos objetos, para realização da análise do conteúdo. Também é importante se atentar às ausências e contradições presentes nos objetos. Por isso, ao citar Porto (2004), Ott (2022, p. 82) mostra a seguinte classificação, na qual busca-se identificar três tipos segmentos:

1) os segmentos restritos, que “[...] incluem um único enquadramento interpretativo sobre um evento ou tema político” (Porto, 2004, p. 96); 2) os segmentos plurais, que “[...] incluem mais de um enquadramento”, sendo subdivididos em “plurais-fechados” e “plurais-abertos” (Porto, 2004, p. 96), havendo naquele um enquadramento mais dominante que outros e, neste, enquadramentos com validade e veracidade de igual peso; e 3) segmentos episódicos, que “[...] não incluem enquadramentos interpretativos, adotando um estilo mais descritivo de reportagem” (Porto, 2004, p. 97).

Além disso, levando em consideração o passo a passo apontado por Cardoso e Monteiro (2022) sobre a análise de conteúdo, acrescenta-se também a definição do tipo de pesquisa, a codificação por meio da elaboração de categorias de análise e de seus códigos; a categorização, ou seja, o refinamento e reagrupamento de categorias, a produção de inferências – na interpretação dos resultados – e a redação do relato.

Em primeiro lugar, cabe citar que com a leitura prévia dos textos foram elaboradas as categorias: 1) Beleza, sensualidade e juventude; 2) Carreira e sucesso; 3) Relações amorosas e familiares; e 4) Decisões sobre o próprio corpo. O objetivo é identificar e interpretar como esses pontos são apontados no corpus. É importante ressaltar ainda que esta investigação se adequa aos dois tipos de pesquisa distinguidos por Cardoso e Monteiro (2022). Aqui, se

descreve objetos e há a comparação entre eles. O propósito é descrever e perceber como cada categoria é trabalhada nos diferentes textos sobre a mesma mulher ou sobre outra mulher cujo texto compõem a amostra. O processo de seleção das unidades de análise e de composição da amostra foram abordados no tópico “3.2 O processo e os critérios de escolha dos objetos de investigação”.

Na parte de categorização, foram decididas pelas seguintes categorias e seus respectivos códigos: Corpo, estética e juventude (CEJ); Carreira e sucesso (CS); Relações amorosas e familiares (RAF); Feminismos (FS); e Drogas e entorpecentes (DE). Nelas, os esforços são empenhados com a finalidade de encontrar os enquadramentos que se relacionam a essas características. A Tabela 2, ilustrada a seguir, apresenta, de modo mais visual, essa divisão:

Tabela 2: Categorias e códigos de análise

Categorias	Códigos	O que se busca identificar
Corpo, estética e juventude	CEJ	Enquadramentos que se relacionam às características pertencentes a cada categoria, seja mostrando-as, enaltecendo ou se opondo, buscando entender como um determinado acontecimento é lido e comunicado.
Carreira e sucesso	CS	
Relações amorosas e familiares	RAF	
Feminismos	FS	
Drogas e entorpecentes	DE	

Fonte: Elaboração da autora.

As etapas de produção de inferências e de redação do relato serão desenvolvidas no próximo capítulo. Nele, também serão evidenciados os segmentos restritos, os segmentos plurais e os segmentos episódicos.

CAPÍTULO 4

UM DIAGNÓSTICO: QUAIS CAMINHOS SÃO PERCORRIDOS PARA FALAR SOBRE MULHERES?

Após os percursos de fundamentação traçados nos capítulos anteriores, é o momento de nos voltarmos para os objetos. Neste capítulo, faz-se a análise dos textos, com base nas categorias e códigos já apontados no capítulo anterior. O diálogo com os autores e as autoras que fundamentaram a construção desta pesquisa será feito em conjunto com esta análise, de modo a entender os impactos e implicações dos enquadramentos identificados. A organização desta parte se sucede, então, a partir da separação das categorias em tópicos, que trazem a análise dos textos selecionados e a citação de trechos que exemplificam a observação. Nem sempre os textos analisados vão estar presentes em todas as categorias, mas há um esforço para entender presenças e ausências em todos. O objetivo é perceber quais enquadramentos foram empenhados ao tratar de cada mulher.

Com intuito de facilitar a compreensão, adotaram-se as expressões “texto 1”, “texto 2”, e assim por diante, para se referir aos títulos das matérias. A tabela a seguir apresenta o título, o autor ou autora e a nomenclatura utilizada:

Tabela 3: Relação de textos

Título da matéria	Autor/Autora	Nome
Marília Mendonça jogou luz para mulheres num sertanejo ainda machista	Mariana Agunzi	Texto 1
Marília Mendonça, morta aos 26, cantou sofrência como ninguém nunca fez	Lucas Brêda	Texto 2
Marília Mendonça, rainha da sofrência, não soube o que é o fracasso	Gustavo Alonso	Texto 3
Entenda como Gal Costa se tornou símbolo forte de rebeldia das mulheres	Marina Lourenço	Texto 4
Gal Costa com seios de fora é 'imagem importante', diz Gerald Thomas	Naief Haddad	Texto 5
Gal Costa foi grande sex symbol tropical com suas roupas jovens e ousadas	Maria Claudia Bonadio	Texto 6
Morre Glória Maria, um ícone do jornalismo e uma pioneira na TV brasileira	Cristina Padiglione	Texto 7
Glória Maria tinha quantos anos? Apresentadora fazia de tudo para esconder a idade	Folha de S.Paulo	Texto 8
Glória Maria sofreu racismo até de presidente: 'Neginha da Globo', disse Figueiredo	Folha de S.Paulo	Texto 9
Morre Rita Lee, maior estrela do rock brasileiro e ícone dos Mutantes, aos 75 anos	Laura Mattos	Texto 10
Drogas tiveram papel político na trajetória de Rita Lee, rebelde desde a	Laura Mattos	Texto 11

infância		
Rita Lee estaria rindo dos moralistas que ignoram sua relação com drogas	Tony Goes	Texto 12
Morre a cantora Sinéad O'Connor, de 'Nothing Compares 2 U', aos 56 anos	Folha de S.Paulo	Texto 13
Documentário sobre Sinéad O'Connor retrata abusos na infância e polêmica religiosa	Folha de S.Paulo	Texto 14
'Nothing Compares 2 U', hit de Sinéad O'Connor, foi composta por Prince	Folha de S.Paulo	Texto 15
Aracy Balabanian falou à Folha como desafiou o pai para virar atriz; relembre	Folha de S.Paulo	Texto 16
Aracy Balabanian explicou em biografia que sua carreira não comportava filhos	Folha de S.Paulo	Texto 17
Aracy Balabanian captou as sutilezas e grandezas da alma feminina na TV	Mauro Alencar	Texto 18

Fonte: Elaboração da autora.

Sobre os tipos de enquadramentos, o segmento plural-fechado foi o tipo mais comum entre os objetos de análise. Eles apresentam pontos de vista homogêneos sobre as temáticas, sendo usadas fontes para ancorar o posicionamento da autora, autor ou veículo. Nesses textos, o uso de fontes como entrevistas e materiais publicados por jornais fornecem informações importantes que colaboram com a estruturação do texto e sustentam o seu raciocínio. Um exemplo disso é o texto 10, de Laura Mattos sobre a cantora Rita Lee, que se baseia na autobiografia da artista. O segmento plural-aberto aparece com menos frequência. O texto 5, escrito por Naief Haddad sobre a cantora Gal Costa, é um desses casos. Nele, há citação de diferentes opiniões sobre o assunto. Mas, vale pontuar que a opinião com maior destaque é a que fortalece os argumentos do autor. Nesse caso, os enquadramentos sobre a fala de Gerald Thomas, diretor de um espetáculo de Gal, confirmam a visão defendida no texto.

Além disso, há também uma forte presença de textos com predomínio de segmentos episódicos, ou seja, mais descritivos, nos quais são lembradas as histórias das mulheres. Os textos sobre a cantora Sinéad O'Connor são um exemplo disso. Apesar de serem mais descritivos, é válido mencionar que algumas matérias tendiam a enquadrar as mulheres a partir das vulnerabilidades que elas viveram, pontos discutidos a seguir. Alguns dos textos selecionados possuem enquadramentos restritos. Isso pode ter acontecido pelo próprio tipo de texto (opinativo, nos quais as visões de quem escreve ou do veículo predominam de modo mais evidente) e também por darem conta de apenas uma visão sobre o acontecimento. A tabela 4 mostra os enquadramentos identificados nos objetos:

Tabela 4: Relação de enquadramentos

Nome	Tipo de enquadramento	Nome	Tipo de enquadramento
Texto 1	Segmento plural-fechado	Texto 10	Segmento plural-fechado
Texto 2	Segmento restrito	Texto 11	Segmento plural-fechado
Texto 3	Segmento plural-fechado	Texto 12	Segmento plural-aberto
Texto 4	Segmento restrito	Texto 13	Segmento episódico
Texto 5	Segmento plural-aberto	Texto 14	Segmento episódico
Texto 6	Segmento plural-fechado	Texto 15	Segmento episódico
Texto 7	Segmento episódico	Texto 16	Segmento episódico
Texto 8	Segmento plural-fechado	Texto 17	Segmento episódico
Texto 9	Segmento episódico	Texto 18	Segmento plural-fechado

Fonte: Elaboração da autora.

Feitas essas pontuações, abaixo há as reflexões baseadas nas categorias de análise.

4.1 CORPO, ESTÉTICA E JUVENTUDE (CEJ)

Ideias relacionadas à beleza, à sensualidade e à juventude são frequentemente exigidas das mulheres. Cobra-se que elas se empenhem em atender a esses requisitos para se encaixarem no padrão de gênero imposto socialmente. Nesse sentido, é comum que uma mulher seja vista como descuidada ou até mesmo não seja vista como “mulher de verdade” por não seguir o que se espera dela, como, por exemplo, não gostar de usar maquiagem ou de fazer as unhas. Além disso, há ainda a tendência de acreditar que os corpos delas devam se manter fixados aos interesses das estruturas sociais de poder, ou seja, a reprodução e as tarefas domésticas. O objetivo aqui é encontrar os enquadramentos que falem sobre corpo, estética e juventude, seja reforçando ou indo contra os pensamentos hegemônicos.

Pode-se perceber a presença dessa categoria no trecho: “Mas ao mesmo tempo que falava de suas composições, respondia sem graça piadas do apresentador sobre seu sobrepeso. Ela se rendeu aos padrões, emagreceu, colocou lentes nos dentes” (Agunzi, 2021, on-line). No texto 1, “*Marília Mendonça jogou luz para mulheres num sertanejo ainda machista*”, a autora Mariana Agunzi demonstra as pressões que a artista passou por não corresponder às padronizações estéticas. No primeiro trecho, Agunzi relaciona, logo na primeira oração, carreira e pressão estética, ressaltando que, enquanto falava de seus trabalhos, no programa

Domingão do Faustão, ainda no início da carreira, a cantora teve de lidar com piadas sobre seu corpo. A construção do primeiro período chama atenção para os preconceitos em relação a pessoas gordas e pode, por exemplo, nos induzir a questionar o porquê de uma artista ter de responder a piadas sobre seu sobrepeso ao invés de só mostrar o seu trabalho. Na segunda oração, a autora usa o verbo *render* para dizer que Marília fez mudanças estéticas em seu corpo, mostrando que as mudanças físicas feitas pela cantora, tidas socialmente como positivas, são formas de ceder a essas pressões, que tanto podem trazer sofrimento e fechar portas profissionais e pessoais. Todavia, cabe questionar quais são os limites ao falar sobre as mudanças físicas empenhadas pelas mulheres com o intuito de dificultar que elas sejam ainda mais julgadas quando decidem mudar aspectos em suas aparências. Não há incidência dessa categoria no texto 2.

O texto 3, “*Marília Mendonça, rainha da sofrência, não soube o que é o fracasso*”, por sua vez, traz trechos relacionados a essa categoria com enquadramentos que se divergem bastante do primeiro texto. Nos parágrafos seguintes, o autor, Gustavo Alonso, fala de padronização estética da seguinte maneira:

Seu visual também não era dos mais atraentes para o mercado da música sertaneja, então habituado com pouquíssimas mulheres de sucesso – Paula Fernandes, Cecília (da dupla com Rodolfo), Roberta Miranda, Irmãs Galvão, Inhana (da dupla com Cascatinha).

Marília Mendonça era gordinha e brigava com a balança. Mais recentemente, durante a quarentena, vinha fazendo um regime radical que tinha surpreendido a muitos. Ela se tornava também bela para o mercado. Mas definitivamente não foi isso que o Brasil viu nela (Alonso, 2021, on-line).

Embora cite a pressão estética e a tendência excludente do mercado, o texto corrobora com visões preconceituosas ao dizer que o visual da cantora não era atraente, ao usar o termo “gordinha”, ao falar que ela “brigava com a balança” e ao dizer que Marília “se tornava também bela para o mercado” após fazer uma dieta. Existem diferentes formas de falar sobre padronização estética e da busca pela adequação aos padrões. Conforme ressaltam Veiga e Moraes (2021), tanto a produção das notícias quanto do conhecimento no ocidente podem reforçar o privilégio que as ideias e saberes hegemônicos têm em relação aos recortes de raça, gênero, orientação sexual e classe dominantes. Assim, o jornalismo, com seus textos informativos e de opinião, deve ter cuidado para não fortalecer discursos que oprimem ao invés de contribuir com a emancipação das mulheres. Com atenção às armadilhas do discurso hegemônico e com a presença de profissionais com diferentes visões nas redações, há de se ter pluralidade de vozes e, conseqüentemente, de materiais.

Com a cantora Gal Costa, assuntos ligados ao corpo, à estética e à juventude são vistos de modos diferentes. Nenhum dos três textos enxerga as características físicas dela de modo pejorativo; pelo contrário, sua estética é apontada como parte constituinte de sua carreira. Por exemplo, no texto 4, “*Entenda como Gal Costa se tornou símbolo forte de rebeldia das mulheres*”, a autora Marina Lourenço ressalta que Gal era tida como “musa do tropicalismo”; e o texto 6, “*Gal Costa foi grande sex symbol tropical com suas roupas jovens e ousadas*”, assinado por Maria Claudia Bonadio, traz no título que a artista foi um “grande sex symbol tropical”. Pode-se perceber a aceitação que Gal tem ao incorporar signos sociais importantes, como sensualidade e beleza, neste trecho: “a cantora traduz bem o desbunde da contracultura brasileira, com brilhos pelo corpo, roupas hippies, sensualidade, psicodelia, rebeldia e enaltecimento de vários Brasis” (Lourenço, 2022, on-line) e “era o auge do tropicália e Gal entendeu que, tal como na icônica capa do disco de mesmo nome, para ser tropicalista era preciso também deglutir a moda jovem da ‘swinging London’ e a misturar com o som da música brasileira” (Bonadio, 2022, on-line). No texto 5, “*Gal Costa com seios de fora é ‘imagem importante’, diz Gerald Thomas*”, o autor Naief Haddad fala sobre o show “O Sorriso do Gato de Alice”, em que Gal mostrava os seios durante sua performance, e cita uma fala de Gerald Thomas, diretor que conduziu a cantora: “Lembro ter dito a ela: ‘você vai fazer 50 anos, seus peitos são lindos, será ótimo’” (Haddad, 2022, on-line). Uma mulher mostrar os seios em um show, ainda hoje, pode ser malvisto socialmente; se ela não for jovem, o peso das pressões sociais tende a ser muito maior.

É interessante que as ações libertárias de Gal sejam mostradas e enaltecidas, aumentando a visibilidade sobre temas importantes, como o controle sobre o corpo da mulher. Mas há de se tomar cuidado com as sutilezas das entrelinhas. As mulheres, geralmente, recebem elogios por suas ações libertárias em relação ao próprio corpo quando correspondem a algum padrão social. Assim, colocar a fala do diretor, reforçando esse imaginário, sem uma exploração mais ampla da questão, contribui com a perpetuação de uma ditadura estética, em que só alguns tipos de corpos são dignos de serem mostrados. Ainda sobre o mesmo episódio, Bonadio (2022) descreve, no texto 6, que Gal “já não era a sex symbol dos tempos de juventude, mas tinha maturidade para dar ‘o peito a bater’ ao interpretar a música ‘Brasil’ de Cazuza” (on-line), o que reforça a ideia de que o corpo jovem é o corpo que pode ter sua nudez revelada. Haddad (2022) menciona também como a quebra de expectativas sobre alguns detalhes, como não ser considerada tão sexy, pode causar estranhamento, revelando que, quando Gal usou, nesse show, um pijama largo, “o figurino por si só, lembra Thomas, incomodava algumas pessoas, que ‘esperavam ver algo mais sexy’” (on-line). Além de Gal

mostrar os seios e incomodar algumas pessoas que assistiam à apresentação, o diretor acrescenta que o figurino também incomodava, o que mostra uma outra perspectiva da tutela sobre o corpo da mulher: embora não possa ser livre, mostrando o que desejar de seu corpo, as mulheres devem ser sexys e mostrar aquilo que a sociedade deseja ver.

Nas sociedades patriarcais, conforme mostra Tiburi (2018), há a inferioridade das mulheres e a superioridade dos homens, logo, os corpos das mulheres devem se adequar aos interesses do patriarcado em detrimento de suas vontades e desejos. Ideias comuns como “seja sexy, mas não vulgar” obedecem a esse sistema. Por que as mulheres devem ser sexys? Por que ao mostrarem o que desejam de seus corpos são consideradas vulgares? Homens cis precisam ser sexys? Ao exibirem o peitoral são considerados vulgares?

O texto 8, *“Glória Maria tinha quantos anos? Apresentadora fazia de tudo para esconder a idade”* sobre a jornalista Glória Maria, demonstrou um grande interesse na idade dela. No título, sua decisão de não compartilhar sua idade é descrita de modo apelativo. O material, que não foi assinado, traz o seguinte lide: “Morta nesta quinta-feira (2) vítima de um câncer, Glória Maria, que marcou o jornalismo e a televisão brasileira, nunca revelou qual era sua idade” (Folha de S.Paulo, 2023, on-line). É comum que o jornalismo traga informações pessoais sobre as pessoas falecidas, como idade e local de nascimento, por exemplo. Também é comum que as pessoas tenham curiosidade em saber a idade de alguém tão relevante como a Glória. Todavia, esses trechos demonstram o etarismo que permeia as sociedades. Segundo o texto, a imprensa atribuía uma idade a jornalista, que não confirmava e nem negava, e que dizia que “não é para esconder. É questão de cultura familiar” (Folha de S.Paulo, 2023, on-line); mesmo se houvesse um interesse em esconder, por que abordar o assunto dessa maneira?

O texto 7, *“Morre Glória Maria, um ícone do jornalismo e uma pioneira na TV brasileira”*, de autoria de Cristina Padiglione (2023, on-line), traz essa informação de modo mais respeitoso: “A idade a ela atribuída era de 73 anos, mas Glória nunca confirmou a informação. Em entrevista a Mano Brown no podcast ‘Mano a Mano’, disse que gostava de driblar a curiosidade das pessoas. ‘Não tem dados para provar, e eu invento’”. Mostra que há especulação sobre a informação e ressalta que esse era um dado que a jornalista não confirmou. Padiglione (2023) faz outras contribuições interessantes sobre a jornalista quando diz que Glória “se recusava a viver de acordo com a opinião alheia. “Visto um biquíni ‘petitico’, desse tamanho’, mostrou. ‘E cada vez vou diminuindo mais’” e destaca a fala da jornalista sobre não se preocupar “nem um pouco com como devo me vestir ou me comportar. Quem tem que estar bem comigo sou eu. A vida é minha” (on-line). O texto 9,

“Glória Maria sofreu racismo até de presidente: ‘Neguinha da Globo’, disse Figueiredo”, sem assinatura, ressalta questões relacionadas ao racismo que a jornalista enfrentou e os meios que buscava para se defender e auxiliar suas filhas. O material cita uma fala de Glória ao programa Roda Viva a respeito sobre quando um colega de sua filha disse que a cor dela era feia, mas não desenvolveu de modo mais completo a relação entre o racismo e a pressão estética que pessoas negras podem passar.

O texto 10, *“Morre Rita Lee, maior estrela do rock brasileiro e ícone dos Mutantes, aos 75 anos”*, assinado por Laura Mattos (2023, on-line), diz que o grupo que a cantora integrava, Os Mutantes, “chamou a atenção pelos figurinos e pela performance no palco, e nisso a liderança era de Rita. Depois de um vestido curto e de um coração vermelho desenhado com batom na bochecha, no festival de 1967, ela subiu o tom em 1968”. Fala também que “em tempos extremamente machistas, causava ainda mais impacto a irreverência de Rita, que só crescia. Em 1969, ela voltou a usar, no 4º FIC, o vestido de noiva, mas com uma novidade —colocou um enchimento na barriga para se fazer de grávida” (Mattos, 2023, on-line). Também cita que a cantora apareceu nua, com os irmãos Baptista, na foto da contracapa de um LP e complementa com “foi demais para o conservador Flávio Cavalcanti, um dos mais populares apresentadores de TV do país, que quebrou o disco no ar. Mais sinal de sucesso, impossível” (Mattos, 2023, on-line). Nesses trechos, são ressaltados a contribuição de Rita para a construção da imagem do grupo, através dos figurinos e performances, e o seu comportamento disruptivo, que são colocados como algumas das causas do sucesso da banda.

O texto 11, *“Drogas tiveram papel político na trajetória de Rita Lee, rebelde desde a infância”*, também de autoria de Laura Mattos, diz que a cantora “tinha carinha de anjo, mas cultivou a atitude rock’n’roll desde bem pequena” (Mattos, 2023, on-line), descreve com detalhes o estupro que Rita sofreu ainda criança e reproduz uma fala preconceituosa da artista dizendo que, depois dessa violência, ela passou a ser tratada “como uma espécie de aleijadinha psicológica”, tendo suas atitudes e comportamentos considerados ruins relevados. Esses dois trechos, em especial, chamam bastante atenção neste texto. Primeiro, o que seria ter cara de anjo? Corresponder a um estereótipo daquilo que seria uma criança considerada angelical, ou seja, uma criança branca, não é um fator segurador de uma personalidade ou de comportamentos que poderiam ser considerados calmos e obedientes, ou seja, positivados no imaginário social. Segundo, o emprego do termo “aleijadinha”, usado preconceituosamente para se referir a pessoas com deficiência, para falar sobre as possíveis consequências da violência que Rita passou, é uma forma de reforçar ideias discriminatórias, já que não houve

uma problematização sobre o uso do mesmo. Lago, Nonato e Kazan (2022) destacam que há uma censura no jornalismo, processo esse que se relaciona aos mecanismos de violência simbólica e que é traduzido na naturalização de ações, escolhas e percepções em todos os âmbitos da vida social. Esse mecanismo revela, legítima e objetiva como verdades certas concepções e elimina outras. Sob esse ponto de vista, a violência se reproduz no sentido de que pessoas com traumas psicológicos ou deficiências não são respeitadas na elaboração do material. No texto 12, “*Rita Lee estaria rindo dos moralistas que ignoram sua relação com drogas*”, não há trechos que se relacionam a esta categoria.

A cantora Sinéad O'Connor foi descrita em algumas partes do texto 13, “*Morre a cantora Sinéad O'Connor, de 'Nothing Compares 2 U', aos 56 anos*”, sem assinatura, a partir de sua saúde mental. Apesar deste ser um aspecto relacionado a sua história, quais são os demais que poderiam ser utilizados para descrever a cantora? O trecho a seguir demonstra isso:

O'Connor ganhou fama nos anos 1990 com o hit "Nothing Compares 2 U" e ao longo de toda a carreira levou a público seus problemas relacionados à saúde mental, que se agravaram nos últimos anos. Em agosto de 2017, postou um vídeo em que revelava já ter pensado em suicídio e que lutava todos os dias para sobreviver (Folha de S.Paulo, 2023, on-line).

Outro trecho que também se relaciona a essa categoria é “a cantora irlandesa voltou a ser notícia em agosto de 2017, quando postou um vídeo em seu perfil no Facebook para falar de seus transtornos mentais, revelando que já pensou em suicídio e que luta todos os dias para sobreviver” (Folha de S.Paulo, 2023, on-line). O texto não aborda questões ligadas à estética e aparência física da cantora. Na errata, a Folha comunica que errou ao afirmar “que Sinéad O'Connor rasgou uma foto do papa em protesto contra a posição da Igreja Católica em relação ao aborto, mas foi em razão dos casos de pedofilia na instituição” (Folha de S.Paulo, 2023, on-line). Com base em Silva (2018), que aponta três tipificações para os valores-notícias, o jornal pode ter se ancorado nos valores atual e negativo, macro-valores-notícias; nos micro-valores-notícias polêmica e conflito; e em repercussão na rede, valor-notícia relacionado ao mundo digital, para construção dessa notícia. Percebe-se que os pontos que dirigiram a produção desses trechos dizem respeito às vulnerabilidades, polêmicas e, até mesmo, a suposição de uma polêmica ligada ao aborto. Todos esses assuntos, que no texto limitam a compreensão sobre quem era artista, podem encontrar um campo fértil nas redes sociais para comentários, curtidas e republicações seja com viés negativo ou positivo. Os textos 14 e 15, por outro lado, não abordam aspectos relacionados a essa categoria.

O texto 16, sem assinatura, sobre a atriz Aracy Balabanian, não tem trechos que se relacionam a aspectos do seu corpo ou de sua aparência física, mas há a reprodução de um trecho em que a atriz fala sobre outra atriz: “e quem era a belíssima mulher que conduzia os testes? Beatriz Segall. Eu estava alucinada, em meio a pessoas que acompanhava de perto no teatro, como mesmo Guarnieri e Vianinha” (Folha de S.Paulo, 2023, on-line). Esse trecho demonstra um comportamento comum entre homens e mulheres, no qual geralmente se ressaltam aspectos físicos sobre as mulheres e não suas qualidades profissionais. Contudo, a reprodução solta do comentário faz com que esse tipo de reflexão fique restrita a pessoas que estejam familiarizadas com estudos e temáticas de gênero. O texto 17 foca na decisão da atriz de não ter filhos. Ele diz, no lide, que “Aracy Balabanian, morta aos 83 anos na manhã desta segunda-feira, dia 7, preferiu não se casar nem ter filhos” e segue nos próximos parágrafos mencionando que “a atriz realizou dois abortos. O primeiro porque não tinha estabilidade financeira para sustentar a criança. O segundo porque não considerava que seu parceiro na época seria um bom pai” (Folha de S.Paulo, 2023, on-line). Na sociedade machista e patriarcal, que enxerga a mulher a partir da reprodução, optar por não ser mãe chama bastante atenção, tanto que ainda vira assunto de jornal. E talvez precise mesmo virar se o objetivo for evidenciar, por exemplo, o quanto o trabalho de cuidado pesa mais sobre as mães do que sobre os pais. Não é o caso dessa matéria. O texto 18, de Mauro Alencar, traz diversos momentos e trabalhos da carreira de Aracy e destaca que em Locomotivas, de 1977, ela tinha “charme, talento e beleza para ninguém botar defeito” (Alencar, 2023, on-line). A beleza é sempre um requisito que as mulheres devem possuir, sendo símbolo de poder e fonte de prestígio, e para mulheres que trabalham com a própria imagem essa exigência pode ser ainda maior. Esse trecho evidencia essa ideia. O autor diz também que “os olhões armênios de Aracy Balabanian captaram as sutilezas e grandezas da alma feminina” (Alencar, 2023, on-line).

De maneira geral, pode-se perceber que características físicas ou ações tidas socialmente como negativas foram positivadas em alguns trechos e negativadas em outros, variando de acordo com a autoria do texto. Há ainda o predomínio da tutela sobre o corpo das mulheres mesmo quando suas características e atitudes são positivadas. Os textos mostram que o corpo, a aparência e a idade das mulheres são fatores valiosos para o jornalismo na hora de descrevê-las e mostrar a importância de seus trabalhos, de modo que mulheres consideradas sensuais e jovens são mais bem lidas. O jornalismo segue, então, fortalecendo concepções hegemônicas sobre o corpo delas. Outro ponto é que os valores-notícia usados para descrevê-las em alguns momentos se prendem a vulnerabilidades, dores e polêmicas, não

abordando ou dando atenção a outros pontos que demonstrassem a complexidade de suas histórias e da própria condição humana. Ademais, o não aprofundamento em questões importantes como o racismo, por exemplo, acabam por reproduzir violências normalizadas no corpo social.

4.2 CARREIRA E SUCESSO (CS)

As mulheres retratadas nos textos são famosas, tendo a maioria delas grande importância para suas áreas de atuação no país, sendo conhecidas pelo público através de sua carreira e seus trabalhos. O propósito desta parte é descobrir como a carreira delas é descrita nos materiais, evidenciando o que foi destacado na hora de falar da área profissional de suas vidas.

Nos três textos sobre a cantora Marília Mendonça, a carreira e o sucesso que ela fez ao inovar no meio sertanejo são destacadas. São usadas, por exemplo, expressões como “trajetória meteórica” e “furacão” para enfatizar a potência de seu trabalho por Agunzi (2021), no texto 1. Ainda nesse texto, a autora demonstra em uma contextualização, que vê positivamente a carreira de Mendonça, como de um ano para o outro, 2015 e 2016, ela conseguiu reunir tantos fãs na gravação do segundo DVD: “Em 2016, pouco mais de um ano depois, a história já era outra – 40 mil pessoas se apinharam para assistir à já consagrada rainha da sofrência no sambódromo de Manaus e cantar em uníssono “Infel”, seu primeiro grande sucesso” (Agunzi, 2021, on-line). No texto 2, Brêda (2021) mostra como a artista construiu e transformou sua carreira e a define como “uma das vozes mais relevantes da música brasileira contemporânea” e “uma artista completa”:

Começou como compositora de hits para duplas gigantes, como Jorge e Mateus, assumiu o centro do palco e despontou para o topo das listas de músicas mais ouvidas, as quais frequentava assiduamente desde que se tornou a artista mais ouvida do Brasil, em 2017, aos 22 anos (Brêda, 2021, on-line).

No texto 3, Alonso (2021) demonstra, por exemplo, a potência da artista ao citar seus seguidores no aplicativo de música Spotify e nas redes sociais: “Marília Mendonça tinha mais seguidores no Spotify do que os Beatles. São 36 milhões o número de seguidores no Instagram, 4 milhões a mais que a poderosa ex-BBB Juliette. Mais do que números, Mendonça mudou a face da música sertaneja, hoje a grande música popular do Brasil” (2021, on-line). No entanto, chama atenção também quando Alonso (2021, on-line) diz que Marília foi, até aos 18 anos, “só uma compositora requisitada” e segue dizendo que depois que se

tornou cantora, a artista se tornou um “fenômeno”, mas que “nunca foi uma excelente cantora”.

Nos três textos sobre a cantora Gal Costa, o sucesso na carreira também é relacionado ao seu comportamento disruptivo, seja em relação à sua aparência ou ao seu trabalho. Haddad (2022, on-line), por exemplo, cita uma fala do diretor Gerald Thomas sobre a foto de Gal com os seios à mostra ser uma imagem muito importante da carreira da artista. Os trechos abaixo também evidenciam isso:

“Talvez o álbum que melhor sintetiza a tropicália, "Gal a Todo Vapor" é outra obra transgressora da baiana. A começar pelo fato de que é o primeiro disco do Brasil gravado ao vivo —não à toa, dá para ouvir ruídos, improvisos e vários detalhes. Depois, pela brasilidade arranhada nas guitarras agressivas. E, claro, pela performance de Gal” (Lourenço, 2022, on-line).

Era o auge do tropicália e Gal entendeu que, tal como na icônica capa do disco de mesmo nome, para ser tropicalista era preciso também deglutir a moda jovem da "swinging London" e a misturar com o som da música brasileira (Bonadio, 2022, on-line).

A carreira de Glória tem muito destaque no texto 7. No título, ela é descrita como ícone do jornalismo e pioneira na TV brasileira. O texto descreve seu pioneirismo e os passos importantes dados em sua carreira, como ter comando o Fantástico e o Globo Repórter e ter sido âncora do RJ TV, Bom Dia Rio e Jornal Hoje. Alguns dos trechos que ressaltam o seu trabalho são: “a primeira profissional a entrar ao vivo no Jornal Nacional em cores, em 1977”; “como repórter, viajou por mais de cem países. Cobriu a posse do presidente Jimmy Carter em Washington, em 1977, e a Guerra das Malvinas, em 1982” e “entrevistou celebridades como Michael Jackson, Mick Jagger, Madonna, Elton John, Freddie Mercury” (Padiglione, 2023, on-line).

Contraditoriamente ao material anterior, o texto 8 não foca na carreira da jornalista, de modo que a única menção ao seu trabalho é um curto período no lide, que diz que ela “marcou o jornalismo e a televisão brasileira” (Folha de S.Paulo, 2023, on-line). Conforme pontuam Rocha e Santos (2013), a morte é um dos fatores que direcionam as pautas desde o surgimento dos primeiros jornais. Abreu (2021) menciona que, nesse momento, o sensacionalismo pode comprometer as notícias sobre falecimentos e invadir a privacidade alheia. Sob esse ponto de vista, cabe questionar como o jornalismo enxergava a jornalista e quis retratá-la nesse material? Aproveitar sua morte para construir um texto sobre a sua decisão de não revelar a idade em detrimento de sua importância histórica para a profissão, é mais do que desrespeito, é o registro de um sistema cruel que tenta a todo custo reduzir a importância das mulheres. O

texto 9 diz que a jornalista é “considerada a primeira jornalista negra a ganhar destaque na TV brasileira” e sobre sua coragem no exercício da profissão e sua força no posicionamento contra o racismo destaca a seguinte citação: “‘Tive uma experiência horrível com o Figueiredo⁵, mas não tinha preocupação de que ele pudesse me prender. Tinha talvez uma ingenuidade. Sempre carreguei essa visão de que tudo podia dentro do trabalho que eu fazia. Por isso, ia em frente’” (Folha de S.Paulo, 2023, on-line).

O texto 10 destaca no título que Rita Lee foi “a maior estrela do rock brasileiro e ícone dos Mutantes” e segue afirmando no lide que ela foi o “nome que despontou durante o tropicalismo com a banda” (Mattos, 2023, on-line). O material conta a história da carreira da artista, mostrando o período pré, durante e pós encerramento dela. Por exemplo, conta sobre a experiência negativa com a aula de piano ainda na infância e sobre a participação em diferentes conjuntos na adolescência, cantando e tentando tocar instrumentos. De acordo com a autora, foi com o quarteto Teenage Singers que “a brincadeira ficou mais séria” e Rita conheceu, “em um festival no teatro João Caetano, em 1964, os meninos do Wooden Faces, do qual fazia parte Arnaldo Baptista, que já se destacava no baixo” (Mattos, 2023, on-line). A partir da aproximação e namoro dos dois, as bandas se juntaram e, mais tarde, se tornaram Os Mutantes. Fala sobre a dificuldade da aceitação da guitarra no meio musical brasileiro, o sucesso da banda e a expulsão da artista dos Mutantes em 1972. Com a banda Tutti Frutti, “o disco ‘Fruto Proibido’ marcou a nova fase da cantora e uma ruptura na música brasileira” (Mattos, 2023, on-line). Após deixar essa banda, Rita iniciou com o companheiro, Roberto de Carvalho, “a terceira fase de sua carreira, que seria a definitiva e a mais bem-sucedida” (Mattos, 2023, on-line). Nessa fase, “explodiu com uma trilha sonora autobiográfica” e teve “uma sequência de hits que fariam dela um fenômeno do mercado fonográfico” (Mattos, 2023, on-line). Laura descreve a cantora da seguinte forma: “multi-instrumentista, era versátil não só no palco. A personalidade transparente, o ar despudorado e o raciocínio rápido fizeram dela uma figura constante na mídia” (Mattos, 2023, on-line). A aposentadoria de Rita veio em 2013 com sua nova despedida, depois de sua reação à ação da polícia e prisão no último show em Aracaju, “no Anhangabaú, em 25 de janeiro, aniversário de São Paulo” (Mattos, 2023, on-line).

O texto 11 destaca o uso que a cantora fez de drogas de modo que a sua carreira é descrita, em vários momentos, a partir disso. Ele conta que Rita começou a se apresentar musicalmente durante a adolescência na escola e que os primeiros passos da carreira foram

⁵ João Figueiredo foi o último presidente do período da ditadura militar, nos anos de 1979 a 1985.

dados às escondidas dos pais. A autora segue dizendo que, com Os Mutantes, a artista viveu momentos importantes na carreira e que as “experimentações, tanto técnicas quanto estéticas, seriam uma das grandes sensações” (Mattos, 2023, on-line) do grupo. Mas o foco do texto aparece de modo mais evidente em: “o nível de piração foi para outra dimensão quando o LSD se tornou parte da banda, após uma turnê que fizeram em Paris, em 1970, e música virou sinônimo de alucinação” (Mattos, 2023, on-line). Sobre sua carreira fora dos Mutantes diz: “a cantora já vinha fazendo projetos solo, com escolhas mais pop do que as dos irmãos Batista” e que no “primeiro CD com que fez sucesso sem os Mutantes, passou três dias cheirando cocaína no quarto do hotel, sem conseguir fazer shows, e ameaçou se atirar pela janela quando a droga acabou” (Mattos, 2023, on-line). Oliveira, Silva e Pelinson (2014) chamam atenção para a análise de Brooks (1995) sobre a moral oculta, que diz respeito à construção de narrativas jornalísticas que visam orientar, advertir e punir, sustentando e espalhando um imperativo ético. O uso de expressões irônicas bem como a construção dos enquadramentos e foco em aspectos considerados negativos indicam a presença desse conceito. O texto 12 é uma defesa do texto anterior e não há muitas menções sobre a carreira de Rita. Ele se inicia com o último show em Aracaju, em que Rita xinga “de ‘cavalos’ e ‘filhos da puta’ os policiais que prendiam pessoas fumando maconha na plateia” (Goes, 2023, on-line). Sobre o sucesso dela diz que “no começo da década de 1980, no auge do sucesso e com três filhos pequenos, se afundou de tal maneira nas drogas pesadas que precisou sair de casa, indo morar sozinha por um tempo” (Goes, 2023, on-line).

A carreira de Sinéad está relacionada, no texto 13, aos transtornos mentais e às polêmicas que a cantora vivenciou ao longo de sua vida. Os trechos “O'Connor ganhou fama nos anos 1990 com o hit ‘Nothing Compares 2 U’ e ao longo de toda a carreira levou a público seus problemas relacionados à saúde mental” e “O'Connor também teve uma carreira marcada por polêmicas. A maior delas aconteceu em outubro de 1992, quando a cantora rasgou a foto do papa João Paulo 2º no palco do programa americano ‘Saturday Night Live’, da NBC” (Folha de S.Paulo, 2023, on-line) retratam isso. Depois dessa ocasião, ela foi convidada para participar de uma homenagem ao cantor Bob Dylan, mas foi vaiada pelo público. É mencionado que a artista tem dez álbuns de estúdio gravados, que planejava lançar um novo álbum e fazer uma turnê em breve. Sobre sua indicação ao Grammy, é dito que:

A carreira musical engrenou depois que ela conheceu Fachtna O’Ceallaigh, antigo agente do U2, e lançou seu primeiro álbum de estúdio, ‘The Lion and the Cobra’, de 1987, que rendeu a ela uma indicação ao Grammy. Na sequência veio ‘I Do Not Want What I Haven’t Got’, que incluía a faixa ‘Nothing Compares 2 U’, originalmente composta por Prince.

A canção alcançou o topo das paradas em diversos países e garantiu a ela um Grammy de melhor performance de música alternativa. Oito álbuns e mais indicações a prêmios vieram, até a cantora gradualmente deixar os holofotes (Folha de S.Paulo, 2023, on-line).

De acordo com Traquina (2005, p. 44-50), os e as jornalistas possuem “uma maneira de agir”, “de falar”, “de ver”, que os permitem captar o que é ou não notícia e transmiti-la ao público através do “jornalês”, e através da maneira como os membros desta tribo enxergam os acontecimentos. Pode-se perceber que nos enquadramentos construídos para falar sobre a cantora e sua carreira, o jornalismo considerou mais noticiável focar em aspectos sensíveis do que em seu próprio trabalho. O texto 14 conta que foi lançado um documentário sobre a cantora Sinéad, mas não aborda a carreira dela em si:

Lançado durante o Festival Sundance do ano passado, o documentário "Nothing Compares" retrata a árdua trajetória de Sinéad O'Connor, que morreu aos 56 anos nesta quarta-feira. A diretora Kathryn Ferguson registra a vida da cantora e compositora irlandesa através de lentes feministas. O filme, ainda inédito no Brasil, acompanha a breve ascensão da cantora nos anos 1990, quando tinha 23 anos, e seu posterior exílio da cena da música pop (Folha de S.Paulo, 2023, on-line).

O texto 15 fala do sucesso que Sinéad fez com a música “Nothing Compares 2 U” e do relacionamento problemático com Prince, compositor dela. Apesar de ter sido lançada, em 1985, pelo grupo The Family, “a faixa só viraria um hit na voz de O'Connor. Além de ficar no topo da Billboard Hot 100, ela rendeu à irlandesa um Grammy de melhor performance musical alternativa em 1991. O prêmio foi boicotado pela artista, que acusou a cerimônia de ser comercial demais” (Folha de S.Paulo, 2023, on-line). É mencionado que a música entrou para a lista de 500 melhores canções de todos os tempos da revista Rolling Stone, em 2004, e que O'Connor marcou a época com o clipe da música. A matéria fala que, anos depois, em 2021, a artista afirmou que o compositor da música a teria ameaçado por causa do sucesso da canção.

O texto 16 conta a história da carreira e os desafios que a atriz Aracy Balabanian passou no relacionamento com o pai, que não aceitava seu trabalho. A publicação destaca no lide que ela foi “responsável por uma vasta coleção de personagens icônicos da televisão brasileira, de ‘Sai de Baixo’ e ‘Deus nos Acuda’” e complementa que “sua versatilidade a transformou numa das damas do teatro e da televisão brasileira, que transitava com facilidade entre o humor escrachado e o drama profundo. Mas seguir a carreira de atriz não foi tão simples, como contou há quatro anos” (Folha de S.Paulo, 2023, on-line). Depois de três

pequenos parágrafos, o material reproduz parte de um depoimento que a atriz deu à Folha em 2019, no qual conta, entre outras coisas, sobre seu contato com o universo artístico e sua paixão pelo teatro. Sobre o primeiro teste que realizou e o início na atuação, o texto traz as seguintes falas de Aracy:

Passei no teste e comecei a ensaiar na casa da Beatriz. Foi ali que começou minha vida. Minha primeira peça com direção dela, protagonizando um texto de Artur de Azevedo, como reunia todos esses nomes importantes do teatro amador, já atraiu toda a intelectualidade.

Alguns domingos depois, Décio de Almeida Prado escreveu uma crítica sobre a peça que dizia: "Ontem nasceu uma estrela". (Folha de S.Paulo, 2023, on-line).

O texto 17 conta que a atriz preferiu não se casar e ter filhos para se dedicar ao trabalho e sobre a carreira em si destaca que “Balabanian colecionou papéis inesquecíveis, firmando-se como um dos rostos mais famosos da televisão brasileira. Conhecida pela versatilidade, ela foi do humor escrachado ao drama profundo em uma carreira com mais de cinco décadas” (Folha de S.Paulo, 2023, on-line). O texto cita personagens e trabalhos importantes de Aracy, como a Cassandra, de “Sai de Baixo”, e menciona que ela recebeu homenagens de colegas de profissão. O texto 18 destaca vários momentos da carreira Balabanian. Mauro Alencar abre a matéria com uma experiência pessoal: “minha avó materna exultou quando soube que Aracy Balabanian entraria para o elenco da novela ‘O Primeiro Amor’, sucesso de Walther Negrão na Globo em 1972” (Alencar, 2023, on-line). Ele conta que “a já consagrada atriz da Tupi havia encantado o público com sua elegante Heloísa Dias Leme”, que a novela “Antônio Maria”, era “sensação no cotidiano brasileiro” e que a atriz “chamou a atenção da imprensa ao compor com maestria uma humilde moradora de vila, Bianca, em ‘Nino’, logo após a milionária de ‘Antônio Maria’” (Alencar, 2023, on-line). Além disso, Alencar descreve que “o sucesso em novelas se transfere para o popular programa infantil da TV Cultura com a Globo — “Vila Sésamo”, a primeira adaptação mundial do sucesso americano, em 1972” (2023, on-line). Esses e os demais trechos colaboram com a compreensão da importância da atriz para a televisão brasileira.

De maneira geral, os textos enaltecem a trajetória, a carreira e a importância das personagens para suas áreas de trabalho. Todavia, há textos que pouco falam sobre a carreira delas em si, focando, por exemplo, em vulnerabilidades e polêmicas. Obviamente que esses pontos podem ser abordados nas produções jornalísticas, mas é preciso que se tenha atenção para não reduzir a carreira e a vida das personagens aos desafios que enfrentaram em sua trajetória. O jornalismo humanizado deve se preocupar com o peso daquilo que diz,

principalmente, em momentos sensíveis como a morte. Quando destaca o trabalho e a carreira das artistas e da jornalista, os textos contribuem com o fortalecimento de ideias que emancipam as mulheres, mostrando que as mulheres podem ocupar posições de destaque e construir sua carreira apesar de diferentes desafios e problemas sociais e de gênero.

4.3 RELAÇÕES AMOROSAS E FAMILIARES (RAF)

Historicamente, as relações familiares têm muito peso na leitura que se faz das mulheres. No patriarcado, o trabalho de cuidado relacionado à família foi delegado às mulheres e elas são cobradas para casar e ter filhos. Elas também podem ser cobradas pelo cuidado com os membros de sua família, pais, irmãos etc. Nesse sentido, o propósito desta parte é entender como os relacionamentos familiares e amorosos aparecem nos textos.

O texto 2 conta que Marília “foi criticada por beber após ser mãe e resolveu fazer sua live, já na pandemia, usando uma xícara fosca onde se lia ‘existe uma chance disto ser cerveja’”. Ao destacar o comportamento disruptivo de Marília e citar que ela recebeu críticas por isso, a autora colabora com uma maior compreensão sobre os papéis de gênero e demonstra como a sociedade ainda tem dificuldade em lidar com a quebra de normas e como o comportamento das mulheres pode ser fiscalizado. Os outros dois materiais não trazem esta categoria.

Os textos 4 e 5 não abordam assuntos relacionados às relações familiares e amorosas da artista Gal Gosta. O texto 6, por outro lado, descreve Gal como uma pessoa discreta sobre sua vida pessoal:

Muito discreta sobre sua vida afetiva e sexual, Gal não gostou quando a também cantora Marina Lima revelou à imprensa que ambas tinham namorado. Caretice? Penso que não, pois tão revolucionário no palco, nada mais justo do que tentar separar vida pessoal da vida pública. Era uma mulher pioneira, mas ainda assim reservada, deixando claro que para ser revolucionária não era preciso mostrar a intimidade no Instagram ou em revistas de famosos. Sua janela era o palco (Bonadio, 2022, on-line).

Nenhuma artista ou celebridade tem a obrigação de mostrar sua família ou relacionamentos amorosos e mostrar ou não, necessariamente, não é algo ruim ou bom. Mas, estando em um país LGBTfóbico, como é o Brasil, a representatividade e a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero no meio artístico e midiático pode contribuir com a emancipação de pessoas LGBTQIA+, ajudando a enfraquecer a hegemonia do ideal heteronormativo. A autora não faz considerações sobre essa questão. É importante ressaltar

que durante anos a comunidade LGBTQIA+ foi silenciada e impossibilitada de viver seus afetos, estando até hoje sujeita a diversas violências. Além disso, ainda persiste socialmente a ideia de que as pessoas da comunidade devam ser discretas e reservadas sobre seus relacionamentos e desejos. De acordo com Veiga (2010), o jornalismo favorece lados e concepções de mundo que estão historicamente ocupando posições de poder na sociedade, contribuindo para a produção e reprodução de valores e representações hegemônicas que refletem o padrão heteronormativo. Nesse sentido, cabe se atentar para não reproduzir discursos que podem continuar silenciando grupos minorizados.

Na sessão “*Preconceito*”, do texto 7, que fala sobre as discriminações racistas que a jornalista Glória Maria enfrentou, os seguintes trechos se relacionam a esta categoria:

Fundador da Globo, Roberto Marinho tinha grande apreço por Glória Maria, que namorou seu filho caçula, José Roberto Marinho, com quem ela morou, ainda jovem. O jornalista Leonêncio Nossa relata, na biografia “Roberto Marinho - O Poder Está no Ar”, o preconceito que ela enfrentou ao entrar com ele no Country Club, no Rio de Janeiro, ambiente da alta sociedade carioca.

“Papai foi tranquilo. Gostava dela, tinha admiração por ela. Mas eu senti o preconceito no Rio quando estava na companhia dela em lugares públicos”, disse José Roberto ao biógrafo. “Aqui, as classes sociais são apartadas” (Padiglione, 2023, on-line).

Outro trecho que fala sobre os relacionamentos da jornalista é este: “Glória teve seus romances e casamentos, mas nunca havia sido mãe até 2009, quando resolveu adotar Laura e Maria, hoje adolescentes, ao visitar a Organização de Auxílio Fraternal em Salvador. Às duas filhas, vinha ensinando a arte de ‘se blindar do racismo’” (Padiglione, 2023, on-line). Aqui, é ressaltada uma ideia comum na sociedade de que os relacionamentos devem estar atrelados a reprodução e, de forma sutil, a ideia de que haveria um prazo para isso acontecer, geralmente associada à juventude. O texto 8 não aborda os relacionamentos de Glória Maria. O último material analisado sobre a apresentadora, o texto 9, mostra como ela tentava proteger as filhas da discriminação racial nos trechos: “Hoje, nada me faz sofrer porque aprendi a me blindar e ensino isso às minhas filhas” e “ela contou que as filhas já sofreram racismo na escola de elite onde estudam no Rio de Janeiro. ‘A Laura teve uma vez que chegou em casa dizendo que um colega falou que a cor dela era feia’, disse a jornalista, acrescentando que Maria, sua outra filha, já foi chamada de ‘macaca’” (Folha de S.Paulo, 2023, on-line). É importante perceber que as narrativas evidenciadas nos textos, sobre os relacionamentos de Glória, focam muito em aspectos negativos enfrentados. Como foram os relacionamentos da jornalista além desses episódios? Quais outras importantes lições ela ensinava para as filhas? Embora seja

importante falar desses momentos, é fundamental observar que os relacionamentos de pessoas pretas não devem ser reduzidos a essas experiências. Moraes (2020) pontua que através da subjetividade no exercício do jornalismo pode-se superar barreiras, valorizando as semelhanças entre as pessoas, humanizando-as e, com isso, abalando as estruturas da racionalidade, que é atravessada por hierarquias estabelecidas pela cor e pelo gênero.

Os textos 10 e 11 falam bastante sobre alguns relacionamentos da cantora Rita Lee. O texto 10 diz que Rita e Arnaldo se aproximaram na adolescência e, do namoro, nasceu a parceria artística. Sobre o relacionamento deles, fala que “casamento e banda viveram idas e vindas, até que ambos acabaram para Rita quando ela foi expulsa dos Mutantes em 1972, episódio do qual guardou muita mágoa”. Na primeira gestação, a cantora foi presa por porte de drogas, Mattos conta que “Rita estava no terceiro mês de gravidez de um namorado recente, Roberto de Carvalho, guitarrista da banda de Ney Matogrosso” (Mattos, 2023, on-line). A autora descreve que o relacionamento com Roberto trouxe benefícios para a carreira, como o fortalecimento da quebra de fronteiras entre ritmos e influências:

Com ele, como escreveu na autobiografia, seu "rockinho radical virou rockarnaval, tango, bossa, pop, bolero e tal". Roberto foi morar com Rita, e vivenciaria ao seu lado a gravidez e o nascimento do primeiro filho sob prisão domiciliar. Era só a primeira barra de muitas que enfrentaria ao lado da cantora.

Entre o final dos anos 1970 e início dos 1980, explodiu com uma trilha sonora autobiográfica do casal apaixonado, em que uma mulher pela primeira vez cantava sem pudor sobre desejos sexuais (Mattos, 2023, on-line).

De acordo com o texto, o parceiro fez um ultimato em relação ao uso de álcool e drogas e Rita foi morar sozinha, até que sofreu um acidente. O companheiro cuidou de sua recuperação e, depois, a pediu em casamento.

O texto 11 conta de suas travessuras na infância, de seu envolvimento com drogas e alguns de seus relacionamentos, com os seus pais, com suas irmãs, Mary e Virgínia Lee Jones, e de seu namoro e casamento com Arnaldo Batista. Em relação aos pais, o texto conta que “a mãe, Romilda Padula, de origem italiana, era, como Rita dizia, mais católica do que o papa. O pai, Charles Jones, dentista, descendente de americanos, tinha a ufologia como fé”; e que “entre o catolicismo e a ufologia, Rita escolheu o segundo” (Mattos, 2023, on-line). O texto conta que apesar da repressão em casa, quando o pai descobriu seu envolvimento com música, após passar mal em uma apresentação e ser operada de apendicite, ele lhe deu um violão ao invés de brigar. Sobre a relação com Arnaldo, fala sobre a Mutantolândia, descrita como comunidade de aura hippie, mas que não era feita só de paz e amor; e sobre as brigas do

casal, que se misturavam com os conflitos na banda. A autora destaca que “com o parceiro musical e primeiro namorado, ela tinha de guardar a sete chaves sentimentos ‘caretas’, como o ciúme. Era preciso posar de moderna, devota da liberdade, e Arnaldo podia namorar outras até na sua frente” (Mattos, 2023, on-line). Ela conta, com ironia, que quando “convidados para o programa da Hebe, os pombinhos rasgaram a certidão de casamento no ar, chocando a apresentadora e o público. Gracinhas” (Mattos, 2023, on-line). Novamente há aqui o recurso da moral oculta (Brooks, 1995, *apud* Oliveira, Silva e Pelinson, 2014), que constrói narrativas que orientam, advertem e punem, sustentando e espalhando um imperativo ético.

Sobre duas mulheres, Luiza e Carolina, que fizeram parte da rotina da artista, o texto diz que elas “ajudavam a cuidar das meninas e da casa e se agregaram à família, integravam o universo predominantemente feminino no qual Rita cresceu”. A ideia de que alguém que desempenhe trabalhos domésticos seria parte da família é algo presente no Brasil, inclusive como forma de legitimar a precarização do trabalho de cuidado. O texto não aprofunda, especificamente, na relação entre a família e as duas trabalhadoras, podendo corroborar com o fortalecimento de ideias que dificultem as conquistas e direitos das pessoas que desempenham essa função. Ele menciona que as mulheres da família e as que cuidavam de Rita resolveram guardar o segredo de que a cantora havia sido estuprada na infância por medo de que seu pai “matasse o homem e terminasse preso” (Mattos, 2023, on-line). O material não fala do relacionamento de Rita com Roberto de Carvalho. O texto 12 fala brevemente sobre alguns relacionamentos de Rita, mencionando o período em que “no auge do sucesso e com três filhos pequenos, se afundou de tal maneira nas drogas pesadas que precisou sair de casa, indo morar sozinha por um tempo” e quando deixou as drogas “e se orgulhava de ter largado tudo, já depois dos 60 anos de idade, incentivada pela chegada dos netos” (Goes, 2023, on-line).

O texto 13 traz, abaixo do lide, a confirmação da morte de Sinéad feita pela família e direcionada à emissora estatal RTÉ “‘é com grande tristeza que anunciamos a morte da nossa amada Sinéad. Sua família e amigos estão desolados e pediram privacidade neste momento difícil’, diz uma nota” (Folha de S.Paulo, 2023, on-line). Estas partes contam os desafios que a artista enfrentou com a morte de um de seus filhos e das violências que sofreu da mãe: “Em janeiro do ano passado, ela chegou a ser hospitalizada pouco depois da morte do filho Shane, de 17 anos. Ela dizia, nas redes sociais, se culpar pelo suicídio do adolescente, que esteve internado num centro para tratamento de transtornos mentais” e “ativista pelos direitos das crianças, a irlandesa teve uma infância difícil e dizia ter sido abusada fisicamente pela mãe em diversas ocasiões, após a separação de seus pais quando tinha oito anos. Aos 15, O'Connor foi internada num hospital psiquiátrico devido a faltas na escola e a pequenos furtos” (Folha

de S.Paulo, 2023, on-line). Para além dos desafios e violências que a artista viveu, quais são os outros aspectos de seus relacionamentos que também poderiam compor a narrativa de sua história? Nesse momento sensível, em que a família pede privacidade, como construir uma notícia que humanize e mostre a complexidade da história das pessoas para além das dores que elas enfrentaram? Segundo Moraes (2019), ao construir uma narrativa que não seja espetacular, pode-se aproximar do cotidiano de leitores e leitoras, que podem reconhecer necessidades comuns, como a de amor, de companhia e respeito. O texto 14, ainda na mesma linha, conta que o documentário “Nothing Compares”, sobre Sinéad, resgata “a infância de O'Connor, que sofreu abusos físicos e sexuais de sua mãe — a cantora já disse em entrevistas que ela tinha uma ‘câmara de tortura’ em casa, para castigar os filhos, e que ela sentia prazer em causar dor nos outros” (Folha de S.Paulo, 2023, on-line). O texto 15 não aborda os relacionamentos amorosos ou familiares de Sinéad.

O texto 16 aborda o fato do pai de Aracy Balabanian não lidar bem com sua carreira e traz vários trechos em que a atriz fala sobre isso em um depoimento que havia dado à Folha. “Inicialmente, o pai relutou em aceitar o fascínio que a filha tinha pela atuação. Mas Aracy já estava totalmente convencida de que os palcos eram seu lugar” (Folha de S.Paulo, 2023, on-line) diz o texto. Balabanian conta que o pai era:

um imigrante armênio semianalfabeto que fugiu da guerra aos 14 anos e aprendeu tudo de forma autodidata. Em Campo Grande (MS), onde nasci, ele obrigava os filhos todos a lerem jornal. E eu, querendo imitar tudo que meus seis irmãos mais velhos faziam, pegava alguns cadernos para ler também (Folha de S.Paulo, 2023, on-line).

A atriz conta também que foi com as irmãs que conheceu o teatro quando ela tinha por volta de dez anos de idade: “minha família se mudou para São Paulo, e eu insistia muito com as minhas quatro irmãs para ir ao teatro pela primeira vez. Não importava a peça. Elas finalmente aceitaram me levar — e só uma delas entrou comigo, porque era caro” (Folha de S.Paulo, 2023, on-line). Depois do sucesso na primeira peça, ela conta que temeu o que fosse enfrentar com o pai, “não que ele fosse bobo ou preconceituoso, mas por sua origem: na comunidade armênia, todo mundo se metia muito na vida uns dos outros” (Folha de S.Paulo, 2023, on-line). A atriz descreve que o sofrimento com o pai foi grande, que desejava que ele a fosse ver no espetáculo “Os Ossos do Barão” e que ele morreu sem dizer se foi. A primeira vez que ele a assistiu foi em *Antígona*, acompanhando a mãe da atriz que estava doente, mas ele não chegou a dizer isso para ela “foi ela quem me disse: que enquanto eu era aplaudida em cena aberta, ele se virava para ela e dizia ‘olha, é sua filha’” (Folha de S.Paulo, 2023, on-line).

O texto não aprofunda na relação com a mãe da artista, que parecia conceder maior apoio para ela. Durante uma de suas maiores brigas, Aracy diz que o pai chegou a ameaçá-la, dizendo que ela nunca seria uma atriz do nível de Sérgio Cardoso, mas “ele me viu fazendo novela com o próprio Sérgio Cardoso. Aí ele entregou os pontos. Meu pai faleceu durante essa mesma novela, ‘Antônio Maria’. E, nos seus bolsos, havia fotografias minhas autografadas, que depois soube que ele distribuía feito cabo eleitoral” (Folha de S.Paulo, 2023, on-line). É interessante que o jornal tenha trazido as palavras da própria Aracy sobre as irmãs e a mãe e sobre os desafios no relacionamento com seu pai, porque é uma forma respeitosa e humana de mostrar um assunto que pode ser doloroso. No entanto, só fazer uso desse artifício faz com que algumas partes importantes não sejam trabalhadas com mais profundidade.

O texto 17 diz que Aracy “preferiu não se casar”, que “embora tivesse namorado, escolheu não trocar alianças para se dedicar à carreira de atriz” e que um dos abortos que realizou foi por não considerar que “seu parceiro na época seria um bom pai” (Folha de S.Paulo, 2023, on-line). Os trechos demonstram o poder de escolha da mulher sobre suas relações e seu corpo, mas, novamente, não há o aprofundamento, de modo que a reflexão fica restrita a um número pequeno de pessoas que se interessem por esses assuntos. O texto 18 não fala sobre os relacionamentos amorosos e familiares de Aracy.

Em resumo, os textos abordam momentos positivos e negativos dos relacionamentos citados, mas, novamente, os momentos considerados negativos ou ligados a situações negativas têm maior destaque. Assim, muitas vezes, pontos que poderiam ser considerados positivos e que poderiam colaborar com a humanização das personagens nas notícias não foram trabalhados. Além disso, os materiais acabam por reforçar ideais hegemônicos e opressores, como a obrigatoriedade da reprodução e o sigilo nas relações entre pessoas LGBTQIA+.

4.4 FEMINISMOS (FS)

Os movimentos feministas ainda estão rodeados de preconceitos e mistérios no Brasil. Pouco conhecimento sobre os movimentos e os direitos das mulheres é difundido no país, de modo que muitas ideias equivocadas ganham espaço para se fortalecerem na sociedade. Um exemplo disso é a citação de um trecho do livro *O Segundo Sexo*, escrito por Simone de Beauvoir em 1949, na prova do Enem, Exame Nacional do Ensino Médio, ter causado

polêmica⁶ em 2015. Nesse contexto, objetiva-se descobrir como o jornalismo traçou significados sobre os feminismos e os direitos das mulheres nos materiais analisados.

Todos os textos ressaltam a importância de Marília Mendonça para o feminejo, a importância de dar voz aos pontos de vista de mulheres e de abordar personagens malvistas socialmente de modo mais profundo. No texto 1, por exemplo, Agunzi (2021) atesta: “O que não se apaga, entretanto, é a luz que ela jogou para as mulheres na música sertaneja (...) que estava latente e tomado por um cenário masculino e machista”. No texto 2, Brêda (2021) afirma que “Mendonça foi uma das responsáveis por trazer um olhar mais profundo sobre a figura da amante. Sai a destruidora de relacionamentos, entra a apaixonada que é deixada em segundo plano” e que “ela recusava a pecha de feminista, uma palavra quase alienígena no meio sertanejo, mas é praticamente consenso que a cantora se tornou um ícone do movimento”. Sobre a música Troca de Calçada, Alonso (2021) questiona: “A prostituta já havia sido personagem abordada em diversas canções da música brasileira (...) Mas quando alguém cantou em primeira pessoa sua voz?” Outra contribuição interessante sobre os feminismos, ainda tão malvistas na sociedade brasileira, se deu quando Agunzi (2021) argumentou:

Quando perguntada sobre ter sido uma das precursoras do que se convencionou chamar de feminejo, desconversava. A este jornal, certa vez, disse “sou mulher, me depilo, cuido da minha casa, então vão tirar minha carteira de feminista”. E completou que “a base do movimento, de que a mulher pode ser o que ela quiser, é essa bandeira que eu levanto”. “Não a modinha.”

Mal sabia ela que não se tratava de modinha. Talvez pela pouca idade, pela cor e pela situação financeira privilegiadas, não tinha percebido a dimensão de suas letras de norte a sul do país. A música que entrou nas festas, nos bares, nas casas de gente rica e pobre (Agunzi, 2021, on-line).

Em um país que vê os movimentos feministas de modo negativo, evidenciar, ainda que de modo superficial, as pautas nas letras das músicas e mostrar que os movimentos estão mais próximos do cotidiano das pessoas e são mais abrangentes do que, geralmente, se pensa é fundamental. Aqui, o jornalismo tirou a ênfase de seu gênero, o masculino (Veiga, 2010), que interfere em toda a produção das notícias, para dar espaço aos interesses e demandas do gênero feminino, que historicamente é subjugado.

Nessa mesma linha, os textos sobre Gal Costa ressaltam a relevância que a artista teve ao romper com o moralismo opressor que regia a época em que ela despontava como cantora.

⁶ Uma questão da prova de Ciências Humanas trouxe um trecho da obra da filósofa com a frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”. A questão gerou discussão nas redes sociais e foi criticada por políticos conservadores, tendo a Câmara de Vereadores de Campinas (SP) aprovado uma moção de repúdio à filósofa.

De acordo com o texto 4, além de ser uma das poucas mulheres a fazer parte do movimento cultural e musical Tropicália, ela foi “responsável por chacoalhar a cultura dos anos 1960 e 1970, ao virar um símbolo de liberdade feminina” (Lourenço, 2022, on-line). Ao fugir do ideal de recato, como quando se apresentou com violão entre os joelhos, o texto pontua que Gal personificava um espírito de liberdade. A autora faz outra constatação interessante quando ressalta, ao falar sobre a seminudez e nudez da artista que “nenhuma nudez, claro, faz de alguém feminista —ou antifeminista—, mas o que chama a atenção é como Gal desafiou, sem pudores, normas conservadoras de um Brasil regido pela ditadura militar” (Lourenço, 2022, on-line). Sobre a foto de Gal com os seios à mostra, publicada pela *Folha de S.Paulo*, Haddad (2022) mostra o embate entre moralidade e liberdade das mulheres ainda presente na sociedade brasileira. Embora não se volte neste trabalho para a publicação, sobre a qual alguns leitores tenham criticado, é interessante notar como o texto 5 demonstra esse paradoxo e evidencia o quanto o corpo de uma mulher ainda está sujeito à tutela:

Alguns leitores se queixaram do destaque dado para a foto: "Desrespeito e sensacionalismo barato da Folha!", comentou um. "Mau gosto do editor", disse outro. Outros aprovaram a escolha: "Dona das divinas tetas, derrama o leite bom na minha cara", escreveu um leitor, citando "Vaca Profana", composição de Caetano Veloso consagrada na voz de Gal (on-line).

No texto 6, Bonadio (2022, on-line) conta que “Gal já não queria domar os cabelos, aliás, não queria mais a imagem de ‘moça comportada’ — suas roupas e visual podem ter escapado da perseguição da repressão do governo militar, mas eram pura revolução e oposição” e destaca que “acompanhar as mudanças da imagem de Gal é entender um pouco a história da liberação sexual e comportamental das mulheres a partir da segunda metade do século 20”. Bonadio diz que a artista “era livre com seu corpo, e este era parte do espetáculo muito antes do pop tornar isso uma regra” (Bonadio, 2022, on-line). Neste trecho, a autora cita a tendência de o corpo ser parte do show, relacionada ao gênero musical pop, permitindo a reflexão sobre como uma atitude pode ir de libertadora para opressora ao deixar de ser uma escolha para torna-se uma regra. Uma contribuição dessa poderia acompanhar o trecho “a capa de seu álbum ‘Índia’, de 1973 foi censurada. O motivo — a fotografia do encarte mostrava sua virilha em close, coberta por uma tanga vermelha. O jeito foi cobrir a capa com um saco plástico para não tirar o LP de circulação” (Bonadio, 2022, on-line), problematizando a tendência de sexualização e objetificação dos e das indígenas.

A jornalista Glória Maria protagonizou vários momentos importantes, sendo um exemplo “para tantas negras de várias gerações, que viam nela uma referência e esperança de estarem na TV” (Padiglione, 2023, on-line), como destaca o texto 7:

Primeira pessoa negra a conquistar espaço diante das câmeras no telejornalismo brasileiro, Glória foi pioneira como mulher na cobertura de guerra e rompeu a hegemonia branca também na apresentação de programas na principal emissora de TV do país, tendo sido a primeira profissional a entrar ao vivo no Jornal Nacional em cores, em 1977 (Padiglione, 2023, on-line).

Além de homenagear a jornalista, esse reconhecimento mostra a enraizada desigualdade racial do país e pode contribuir com a reflexão sobre as demandas da população negra por mais oportunidades e representatividade. Ademais, Glória “não se conformava com o fato de que só seus colegas homens eram escalados para situações de conflito” e “tampouco fazia questão de disfarçar o orgulho de ser enlaçada pelos braços de Julio Iglesias para um breve passo de dança” e “nem se acanhava em mostrar comoção de atender ao pedido de Roberto Carlos por um beijo” (Padiglione, 2023, on-line). Glória atesta ““não me preocupo nem um pouco com como devo me vestir ou me comportar”” (Padiglione, 2023, on-line). O texto destaca também a fala de Glória sobre o racismo que a população negra, em especial as mulheres negras, passam ““nada blindo preto de racismo. Você tem que aprender a se blindar da dor. Mulher preta é pior ainda. Somos mais abandonadas e discriminadas, porque o homem preto não quer a mulher preta”, disse ela no Roda Viva, em março do ano passado” (Padiglione, 2023, on-line). A exaltação da presença em posições de destaque, da representatividade, da força e da liberdade de Glória demonstram como o jornalismo pode valorizar as mulheres que o constroem no dia a dia da profissão; mulheres que desafiam normas opressoras e ocupam um espaço que ainda lhes é hostil.

O texto 9 menciona que Glória é “considerada a primeira jornalista negra a ganhar destaque na TV brasileira” e que “foi alvo de frequentes ataques racistas” (Folha de S.Paulo, 2023, on-line). O material destaca também a fala da apresentadora sobre o racismo em relação às mulheres negras: ““Se você é mulher preta é pior ainda, porque somos mais abandonadas e discriminadas” (Folha de S.Paulo, 2023, on-line). E mostra que ela reivindicou seu direito contra a discriminação racial, sendo a primeira pessoa a fazer uso da Lei Afonso Arinos, que foi promulgada em 1951, depois de ter sido barrada em um hotel por ser negra. Mostrar que Glória foi uma das poucas pessoas pretas a alcançar tal prestígio e que, por mais que tenha alcançado esse lugar em sua carreira, ela ainda teve de resistir e lutar contra a violência do racismo, é um dos modos de evidenciar o quanto a discriminação racial ainda é tão forte em

nossa cultura. Todavia, o texto não fala, por exemplo, do quando a trajetória, a cor e a origem de Glória podem ter colaborado para ela se tornasse a potência que foi em seu trabalho. Para além da dor que a vida em uma sociedade desigual e racista, ser uma mulher preta e de origem simples, pode ter contribuído de que forma no brilhantismo de seu trabalho? O texto 8, diferentemente dos demais, não faz nenhuma consideração a relevância da jornalista para grupos minorizados, como as mulheres negras, por exemplo, e nem dá destaque aos passos importantes que a jornalista deu em sua carreira, conquistando espaços antes só reservados a homens brancos.

O texto 10 destaca passagens que se relacionam a essa categoria, como a descrição de que a irreverência de Rita só crescia apesar do machismo da época e que “da raiva e da depressão, emergiu a ânsia de provar que, apesar de ‘o clube do Bolinha dizer que, para fazer rock, era preciso ter colhão, também dava para fazer com útero, ovários e sem sotaque feminista clichê’” (Mattos, 2023, on-line). O trecho “com capa cor-de-rosa e canções com temática feminina, como ‘Luz Del Fuego’, ‘Ovelha Negra’ e ‘Agora Só Falta Você’, mostrou que era, sim, coisa de mulher ‘Esse Tal de Roquenrou’, outro sucesso do LP” (Mattos, 2023, on-line), mostra alguns trabalhos importantes da artista e sua importância no gênero musical para os direitos das mulheres, mas não problematiza a expressão racista na faixa “Ovelha Negra”. Sobre a superação da inimizade e a empatia entre mulheres, a autora mostra que quando Rita teve um sangramento enquanto estava presa, Elis Regina foi à delegacia e não saiu de lá até que um médico fosse chamado. Esse “episódio que deu início a uma forte amizade entre as duas e selou definitivamente a paz entre a MPB e a guitarra elétrica” (Mattos, 2023, on-line). Em um mundo em que a rivalidade feminina é incentivada e enaltecida, é importante evidenciar exemplos que rompem com essa lógica. Sobre liberdade e expressão de desejo, o seguinte período evidencia a contribuição da artista ao cantar sobre desejos sexuais sem pudor. De acordo com a autora, Rita “se tornou a cara de um feminismo menos sisudo” (Mattos, 2023, on-line). No texto 11, não há passagens que se relacionam a essa categoria. No texto 12 é mostrado que Rita quebrou barreiras ao não seguir normas sociais impostas às mulheres, ensinando “que a mulher pode tudo, inclusive liderar uma banda de rock e gozar feito louca na cama. Também mostrou que é possível mergulhar nas drogas e depois sair delas, mesmo que pagando um preço altíssimo por isto” (Goes, 2023, on-line). Esse trecho coloca a artista na condição de humana, mostrando que ela pode ocupar altas posições, pode desfrutar do seu corpo, pode tomar atitudes, se arrepender e mudar a rota, e, além disso, sua voz e narrativas poderiam inspirar ou “ensinar” que as outras mulheres também podem.

O texto 13 traz uma fala polêmica de Sinéad O'Connor sobre a cantora Miley Cyrus, mas não se aprofunda nessa questão. Dessa maneira, não há crítica ao comportamento sexista do mercado musical e não há defesa da liberdade das mulheres:

Já há dez anos, ela disse que a cantora Miley Cyrus estava se prostituindo. Em carta publicada no jornal britânico *The Guardian*, a irlandesa afirmou que está 'extremamente preocupada com o fato de que aqueles ao seu redor a levaram a acreditar, ou a encorajaram a acreditar, que de alguma forma é 'legal' estar nua e lambendo martelos em seus vídeos' (Folha de S.Paulo, 2023, on-line).

O texto 14 fala sobre o documentário "Nothing Compares", no qual "a diretora Kathryn Ferguson registra a vida da cantora e compositora irlandesa através de lentes feministas" (Folha de S.Paulo, 2023, on-line). O material diz que o filme ainda é inédito no Brasil e não traz muitas informações sobre o caráter feminista da obra ou da vida da artista, de modo que leituras mais amplas sobre sua história não são possibilitadas. A repercussão das críticas de O'Connor ao Vaticano por causa dos casos de abuso sexual demonstram os ataques que as mulheres podem sofrer e o prestígio das estruturas e instituições patriarcais, ainda que estejam sobre duras acusações:

O documentário também lembra o episódio em que O'Connor se indispôs com o Vaticano. No programa "Saturday Night Live", em 1992, rasgou as fotos do papa João Paulo 2º para chamar a atenção para as denúncias de abuso sexual contra membros na sede da Igreja Católica.

"Não me arrependo de fazer isso. Foi brilhante, mas também muito traumatizante. Foi a abertura da temporada de caça. As pessoas me trataram como uma vadia louca", comentou a cantora, em uma entrevista (Folha de S.Paulo, 2023, on-line).

O texto 15 cita o relacionamento problemático entre Sinéad e Prince, o compositor da música de maior sucesso de sua carreira, mas não se aprofunda nas queixas da artista e nas acusações contra o compositor:

Em seu livro de memórias, "Rememberings", a artista escreveu que o cantor, durante um encontro em sua mansão, a repreendeu por falar palavrões nas entrevistas e que escondeu um objeto numa fronha para a machucar durante uma guerra de travesseiros, sugerida por ele na ocasião. Ele ainda teria a perseguido na rua após ela fugir (Folha de S.Paulo, 2023, on-line).

No texto 16, não há trechos que se relacionam a essa categoria. A maior parte do material é a reprodução de uma parte de um depoimento de Aracy Balabanian, e não é trabalhado, por exemplo, a importância do protagonismo de atrizes citadas por Aracy ou da

importância da própria atriz para outras mulheres do seu meio. O texto 17 destaca as decisões dela sobre seus relacionamentos e seu corpo, priorizando a área profissional, mas não se aprofunda ou ressaltava a importância e os desafios disso, de modo que não trabalhadas questões importantes, como liberdade da mulher sobre o próprio corpo e sobre a reprodução e os desafios do aborto no Brasil. O último texto sobre Aracy fala que “foi em ‘O Casarão’, de Lauro César Muniz, que Balabanian adensou seu trabalho ao dar vida à Violeta, mulher submissa e introspectiva que ao final rompe com as amarras patriarcais” (Alencar, 2023, on-line). Apesar de não abordar trechos que demonstram como a artista rompeu com limitações patriarcais na vida pessoal, o texto ressaltava, através desse trecho, a contribuição da atriz ao interpretar uma personagem que se destacou por enfrentar o patriarcado. No trecho “os olhões armênios de Aracy Balabanian captaram as sutilezas e grandezas da alma feminina, revelando ao público uma intimidade composta dos mais variados afetos” (Alencar, 2023, on-line), o autor reproduz, em alguma medida, a ideia do senso comum de que existem polos bem delimitados para masculino e feminino, reduzindo a complexidade e as possibilidades do comportamento humano.

Apesar do gênero masculino enraizado (Veiga, 2010), em muitos dos materiais analisados, houve o cuidado em evidenciar questões importantes para as mulheres e o protagonismo delas ao romper com normas sociais opressoras. Todavia, ainda há pontos que o jornalismo precisa rever para se tornar mais diverso e inclusivo. Há assuntos importantes que não foram trabalhados em alguns textos, como a sexualização de pessoas indígenas, a liberdade das mulheres e o sexismo do mercado artístico. Também não foram trabalhadas temáticas ligadas ao trabalho de cuidado em relação aos filhos que pesa mais para as mulheres, e aos desafios em relação a decisão de não querer ter filhos e ao aborto no Brasil.

4.5 DROGAS E ENTORPECENTES (DE)

Além das lições de moral, o uso de drogas por mulheres pode suscitar discursos e repreensões relacionadas a gênero. Cobra-se que as mulheres tenham um comportamento centrado na família e naquilo que se espera delas socialmente, logo aventurar-se nas ondas da liberdade com o próprio corpo e desejos não é bem percebido. Há ainda uma grande diferença em como drogas lícitas e ilícitas podem ser percebidas socialmente. Apesar do moralismo que se posiciona contrário aos dois tipos, há drogas, como as bebidas alcoólicas, que são mais aceitas e positivadas.

No texto 1, Agunzi (2021, on-line), diz que Marília “Subiu ao palco descalça, sem sapato, com copo de cerveja na mão. Foi criticada por beber após ser mãe e resolveu fazer sua live, já na pandemia, usando uma xícara fosca onde se lia ‘existe uma chance disto ser cerveja’”. Brêda (2021, on-line) conta que, na música “Bebaça”, “ela dividiu os microfones com Maiara e Maraísa, cantando sobre amigas que beberam demais numa noite. As bebedeiras são temas recorrentes no sertanejo, mas historicamente nas músicas eram reservadas a eu-líricos masculinos” e que “‘Supera’, assim como ‘Bebaça’, traz um diálogo entre amigas, e Mendonça se posiciona como uma conselheira, quebrando também o clichê da rivalidade feminina por um homem”. Nesses trechos, as atitudes de Marília, ao romper com padronizações sociais, são destacadas de modo positivo. Sobre o último post do Instagram da cantora, Alonso (2021, on-line) diz que “o vídeo abre com ela se encaminhando para o avião, com mala e violão a tiracolo. Sua expectativa – pão de queijo, cachaça, queijo canastra e feijão tropeiro. Em seguida, a realidade da estrela da música nacional – a chata viagem, com malhação e alimentação insossa e dietética”. Nesse trecho, o autor aborda as exigências do mercado sobre o corpo das mulheres, mas não se aprofunda ou problematiza isso, refletindo, por exemplo, sobre como as mulheres podem ser mais cobradas a não consumirem bebidas por conta da aparência.

O texto 4, sobre Gal, descreve que na época do disco “Fa-Tal”, “a cantora se tornou símbolo dos encontros da elite carioca hippie, mais especificamente do píer de Ipanema, no Rio de Janeiro. Conhecidas como as dunas de Gal, o local virou um point psicodélico da contracultura, onde jovens se reuniam para conversar, usar drogas e compor músicas”. Os 5 e 6 não trazem aspectos relacionados a essa categoria. O texto 8 e 9, sobre Glória, também não abordam o tema. No texto 7, Cristina Padiglione (2023, on-line) diz que, em 2016, a jornalista viralizou “quando fumou maconha diante das câmeras, em reportagem para mostrar o ritual de fumar ‘a ganja’ na Jamaica. ‘Eu não sabia o que era. O rei lá do negócio queria que eu caísse, mas não caí. Puxei duas vezes e não caí’, disse no Roda Viva”.

Laura Mattos descreve, no texto 10, que as drogas fizeram parte, de modo bem intenso, da trajetória de Rita Lee. Ela cita que substâncias alucinógenas estavam no café da manhã, almoço e jantar da comunidade hippie dos Mutantes na Serra da Cantareira e que as drogas eram para os músicos um caminho para a expansão mental e para criar. “O descontrole, contudo, logo apresentaria a conta para os jovens. Ao longo da vida, a cantora iria enfrentar um entra e sai de internações por abuso de álcool e drogas” (Mattos, 2023, on-line). Sobre a prisão da cantora em 1976 diz “foi presa por porte de drogas, em um raro momento que estava sóbria. ‘Se tivessem vindo uns dois meses atrás, iam achar muita coisa,

mas agora estou grávida e não tem nem bituca aqui’, disse aos policiais que entraram em seu apartamento” e que, por causa de seu trabalho, comportamento, amizades e por ter deposto contra um policial, era “solo fértil para a polícia "plantar" maconha. Foi grande a repercussão da prisão” (Mattos, 2023, on-line). A autora fala também sobre quando a artista precisou ir morar sozinha e de quando sofreu um acidente por causa do uso excessivo de drogas.

Certo dia, de tão chapada, despencou da varanda, teve o maxilar esfacelado e perdeu 40% da audição do ouvido direito. Roberto cuidou de sua recuperação. Quando ela tirou os pontos e conseguiu cantar "Mania de Você", ele a pediu em casamento. Na saúde e na doença, ainda enfrentariam muitas recaídas de Rita, até que ela tomasse uma decisão mais firme de ficar "careta" a partir do nascimento da primeira neta, em 2005 (Mattos, 2023, on-line).

Em relação ao show em Aracaju, a autora descreve que “a despedida foi a sua cara. Ao ver policiais abordando pessoas da plateia que fumavam maconha, interrompeu o show: "Me dá esse baseadinho que eu vou fumar aqui e agora. Seus cafajestes, filhos da puta". Foi detida” (Mattos, 2023, on-line). No texto 11, o uso excessivo de drogas é o ponto central. A autora conta que Rita acreditava que as coisas consideradas ruins, desde as travessuras na infância às drogas na vida adulta, eram relevadas pelas mulheres com quem a artista conviveu como uma consequência do estupro que Rita sofreu aos seis anos de idade. Mattos conta ainda que a oficina na casa dos irmãos Batista reunia roqueiros amadores e profissionais e simpatizantes de rock e de maconha. De acordo com o texto, o consumo de drogas era algo bem presente entre os músicos.

O nível de piração foi para outra dimensão quando o LSD se tornou parte da banda, após uma turnê que fizeram em Paris, em 1970, e música virou sinônimo de alucinação. Rita, na volta da Europa para o Brasil, passou pela alfândega na cara de pau com um colar colorido no pescoço todo feito de ácido, como se fossem miçangas (Mattos, 2023, on-line).

Mattos pontua que a mistura de drogas e música também era tida como política e descreve que Rita tinha, durante a ditadura militar, o “projeto político” de jogar LSD nas caixas de água da Vila Mariana e relembra um episódio em que a cantora e o cantor Tim Maia quebraram tudo em uma sala de uma gravadora: “Das tantas confusões que protagonizou envolvendo drogas, algumas são até, digamos, folclóricas. Dentre elas está a do dia em que foi reclamar com André Midani, presidente da gravadora Philips, com quem tinha um affair, da decisão de não gravar um disco produzido sob o efeito de ácido” (Mattos, 2023, on-line). De acordo com o texto, na turnê “Fruto Proibido”, Rita ameaçou se atirar da janela quando a droga que usava acabou e foi o nascimento da primeira neta que a incentivou a deixar o vício.

“Perto dos 60, a cantora se mostrava disposta a desdizer o que uma tia vaticinara na sua infância, quando ela bebeu até cair no alambique da fazenda da família: ‘O defeito de Ritinha é não saber parar’” (Mattos, 2023, on-line).

O texto 12, que defende o texto 11, também tem o uso de drogas como foco. A relação de Rita Lee com as drogas é destacada, assim como no material anterior, desde o título e o lide abre o texto com o show em que Rita xingou policiais que prendiam pessoas que estavam fumando maconha na plateia em Aracaju. O texto não se aprofunda nesse episódio e não problematiza a guerra às drogas e as violências advindas dela. Após o acontecido nesse show, Rita “foi atacada nas redes sociais como uma perigosa meliante. Era um sintoma do moralismo retrógrado que surgia então no Brasil, e que desembocou no governo mais reacionário da nossa história” (Goes, 2023, on-line). Essa pontuação colabora com a compreensão de como o moralismo pode interferir na leitura das pessoas e como o uso de drogas é um tabu cercado de preconceitos e estigmas. Para o autor, a publicação do texto 11 gerou tanta indignação nas redes sociais porque “muitos parecem preferir que Rita Lee seja louvada como a santa que ela nunca foi” (Goes, 2023, on-line). O autor afirma que não é possível falar sobre a artista sem mencionar sua relação de Rita com as drogas. Sobre a troca de títulos do texto 11, de “Rita Lee, rebelde desde a infância, se deixou guiar por drogas e discos voadores” para “Drogas tiveram papel político na trajetória de Rita Lee, rebelde desde a infância”, ele argumenta que a mudança não foi feita por causa das reclamações na internet, mas porque o jornal acreditou que seria mais condizente com o texto. Goes relembra que Rita foi presa por porte de maconha e que devido ao uso excessivo de drogas pesadas precisou sair de casa e deixar os filhos pequenos.

Nunca fez apologia de nada, mas também nunca negou nada. Descreveu suas experiências com vários tipos de narcóticos em seu livro "Uma Autobiografia", lançado em 2017. E se orgulhava de ter largado tudo, já depois dos 60 anos de idade, incentivada pela chegada dos netos (Goes, 2023, on-line).

Ele argumenta que:

Quem se choca com uma manchete que junta Rita Lee e drogas na mesma frase não conhece a biografia da cantora, nem sabe muito bem o que é jornalismo. Não há nenhum desrespeito em tocar neste assunto, do qual a própria Rita jamais fugiu. Ela, aliás, estaria rindo dessa comoção no Twitter, e acrescentando detalhes escabrosos sobre tudo o que consumiu ao longo da vida (Goes, 2023, on-line).

Talvez o problema não seja falar sobre o uso excessivo de drogas durante muitos anos da vida de Rita, mas reduzi-la a isso através do sensacionalismo e tratar com tanta ironia a

dependência, que promoveu tanto sofrimento. O fato de Rita se dirigir a sua história com ironia não significa que o jornalismo deva também tratar a dependência química da artista da mesma forma, principalmente em um momento tão sensível como esse. Francisco de Assis (2010) ressalta que os textos opinativos contribuem com a formação da opinião pública, influenciando a percepção que se tem sobre algo. Cabe ressaltar que as e os dependentes químicos, que já lidam com as dificuldades impostas pelo próprio vício, precisam também lidar com as cobranças e os preconceitos sociais. Nesse sentido, o jornalismo deve tratar o tema como aquilo que ele é: uma dependência séria que requer mais do que força de vontade para deixar, mas também uma rede de apoio familiar e social. O texto 13, 14 e 15, sobre Sinéad, não abordam aspectos correspondentes a esta categoria. Nos textos 16, 17 e 18, sobre Aracy Balabanian, também não há trechos que se relacionem a essa categoria.

Ficou evidente que as questões de gênero também interferem na abordagem jornalística de assuntos ligados a drogas lícitas ou ilícitas, podendo as mulheres serem mais cobradas sobre o uso dessas substâncias e as consequências estéticas disso. Alguns textos, como o 1 e o 2, positivam atitudes emancipatórias das mulheres em relação ao consumo de drogas lícitas, ressaltando a liberdade delas em relação ao próprio desejo. Outros destacam que as drogas lícitas e ilícitas faziam parte do dia a dia das e dos artistas, sendo um caminho para criar. Fala-se ainda sobre o descontrole, o consumo excessivo e as consequências disso. Há também ironia, certo distanciamento e juízo de valor ao construir os enquadramentos para falar sobre esses assuntos, aspectos que contribuem com preconceitos e estigmas que rondam o uso de substâncias psicoativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Sou Mulher, sou dona do meu corpo e da minha vontade
Fui eu que descobri poder e liberdade
Sou tudo o que um dia eu sonhei pra mim”*

Nós somos mulheres - Doralyce Ferreira e Silvia Duffrayer

Ao examinar os materiais jornalísticos, pode-se avançar no exercício da profissão, colaborando com uma cobertura que visa ser mais plural e humana. É válido observar, todavia, que nem sempre uma análise vai dar conta de todas as demandas que possam ser suscitadas nos objetos. Nesse sentido, o avanço no diálogo cabe às análises futuras. O olhar detalhista sobre os objetos, neste trabalho, não parte de um lugar de superioridade e nem visa tecer uma crítica específica a um ou a uma determinada autora. O intuito desta investigação é refletir sobre o jornalismo e a cobertura da morte de mulheres a partir dos materiais selecionados. Nesse sentido, não se faz aqui simplesmente o apontamento de erros e acertos na construção dos textos, mas tenta-se perceber como os enquadramentos refletem, de modo evidente ou sutil, os pensamentos enraizados em nossa cultura e que, portanto, ninguém está livre de cometer. Refletir sobre isso, pode possibilitar, por exemplo, a elaboração de possíveis alternativas para que este campo siga avançando.

O objetivo desta pesquisa foi compreender os enquadramentos dos textos jornalísticos da *Folha de S.Paulo* sobre a morte de mulheres famosas publicados na editoria Ilustrada, visando contribuir para o fortalecimento do debate acerca das temáticas relacionadas a gênero no jornalismo. Para isso, almejava-se, através dos objetivos específicos, traçar um panorama sobre a objetividade e a subjetividade e suas conexões com um jornalismo humanizado e plural; compreender concepções do gênero jornalístico opinativo; debater sobre os sentidos da morte como critério de noticiabilidade; identificar e analisar as visões de gênero nos textos da *Folha de S.Paulo*.

Nessa perspectiva, ficou evidente, através do repertório selecionado, que a objetividade traz consigo visões de mundo centradas em estruturas de poder, sendo a subjetividade um caminho para promover mais pluralidade, e que jornalismo informativo e jornalismo opinativo estão muito conectados, de modo que nenhum formato existe ou opera de modo isolado. Também pode-se relembrar que a morte é um critério de noticiabilidade antigo, que faz parte da história do jornalismo, e que ao dar essa notícia, pode-se produzir materiais sensacionalistas.

Como exposto no capítulo anterior, o segmento mais encontrado foi o plural-fechado, em que predominam pontos de vista homogêneos sobre as temáticas; o segmento episódico, em que os enquadramentos são mais descritivos, foi o segundo mais comum; o restrito, no qual as visões de quem escreve ou do veículo predominam de modo mais evidente, vem em seguida; e, em último, está o segmento plural-aberto, cujos textos tinham um número maior de opiniões sobre o assunto.

Identificou-se que os textos informativos e de opinião apesar de pautarem assuntos importantes para as mulheres, ainda repercutem ideias opressoras. Rocha e Santos (2013) pontuam que quando pessoas conhecidas pelo público morrem, geralmente, as polêmicas e contradições são esquecidas e o destaque é dado aos pontos considerados positivos; e quando a morte é decorrente de violência urbana, há banalização, dando foco e espetacularizando a causa. Diferentemente do destaque geralmente dado aos pontos positivos da trajetória de pessoas famosas, o enfoque de muitos textos selecionados é outro. Muitos deles ressaltam pontos considerados negativos das trajetórias de mulheres famosas. Assim, durante a leitura dos textos alguns questionamentos surgiram: Quais os objetivos dos textos ao tocar em temáticas sensíveis para as artistas? Por que a aparência física das artistas se relaciona tanto com suas carreiras? Por que o jornalismo reproduz a lógica do mercado e avalia as mulheres com base em suas aparências? Por que os vícios e o relacionamento conflituoso de uma mulher foram narrados com tanta ironia? Para responder esses questionamentos, recorreu-se ao aparato teórico reunido ao longo dos capítulos que ancoram a produção deste trabalho de conclusão de curso.

Pode-se evidenciar que a repetição de visões hegemônicas em diversos textos, mesmo quando se optava por ressaltar comportamentos e características disruptivas, demonstram que o jornalismo ainda tem dificuldade para enxergar e construir narrativas sobre mulheres que se distanciem dos ideais patriarcais que regem a sociedade brasileira. Isso se dá porque o jornalismo, como qualquer outra forma de conhecimento, pressupõe um posicionamento do sujeito diante do objeto, implicando-lhe ideologia, ética e política (Meditsch, 1992). Laraia (2009 *apud* Veiga, 2010) explica que muito daquilo que se supõe ser uma ordem natural é, na verdade, fruto cultural. Nesse sentido, os e as profissionais muitas vezes podem não se dar conta que estão cooperando para o fortalecimento de estruturas opressoras. Para evitar esse contexto, os e as jornalistas devem estar atentos aos diferentes recortes sociais e a sua posição na sociedade, tendo a compreensão de que estão construindo o outro (Moraes; Veiga, 2021).

Exemplificativamente, ao fazer e publicar um texto sobre a idade da jornalista Glória Maria, um dado que ela não quis revelar em vida, a *Folha de S.Paulo* contribui com visões

preconceituosas que rondam as mulheres, fortalecendo o etarismo e a pressão pela juventude. O ângulo da notícia, ou seja, o ponto de vista adotado no texto (Porto, 2004 *apud* Ott, 2022), destacou esse dado em detrimento da importância do trabalho da jornalista. Aqui, perdeu-se a oportunidade de utilizar o espaço de privilégio que o veículo possui para criar matérias que fortalecessem a representatividade negra e feminina no jornalismo, criando materiais que mostrassem, por exemplo, o quanto a Glória influenciou tantos e tantas pessoas, através de seu trabalho, a entrarem na profissão.

A correlação entre as categorias é um ponto interessante de se observar também. É perceptível que para o jornalismo carreira e sucesso ainda tem muito a ver com a aparência e a estética das mulheres, sendo o corpo magro e sexy o ideal. Nos textos sobre a Gal, o corpo da artista e sua aparência sexy foram realçadas nos materiais, já no texto de Gustavo Alonso, sobre Marília, seu corpo não é o ideal para ocupar o espaço que a artista ocupou. Mariana Agunzi, por outro lado, demonstra como a cantora era pressionada para mudar o seu corpo, mas quando Marília opta por realizar mudanças, diz que ela se rendeu às padronizações. As mulheres, geralmente, não são bem percebidas se optam ou não por fazer procedimentos estéticos. Nessa perspectiva deve-se tomar cuidado para não fortalecer a teia de julgamentos que atingem as mulheres.

Outro ponto importante é que há o destaque para aspectos disruptivos e o fortalecimento de ideias hegemônicas na mesma categoria, como ocorre em “FE” sobre Aracy Balabanian. O texto 18 destaca um trabalho da atriz que vai contra os interesses do patriarcado, mas reproduz a concepção comum de que há uma natureza feminina. Existe o interesse em romper com ideias opressoras, mas também existe as sutilezas do enraizamento dessas mesmas ideias nas leituras que se faz do mundo.

Em seguida, há também o tensionamento entre categorias. Vale salientar que apesar de avançar em alguns pontos, demonstrando o protagonismo, a força e destacando os direitos das mulheres em uma categoria, em outras há o retrocesso ancorado em ideias opressoras, na moral oculta e em preconceitos enraizados. Por exemplo, no texto de Alonso se destaca a importância de Marília Mendonça para o feminejo na categoria “FE”, mas apoia-se em discursos e expressões padronizadoras e excludentes para avaliar sua beleza na categoria “CEJ”. Em nossa sociedade “o masculino se constitui como condição primeira, que subordina o feminino em relação hierárquica. Os modos masculinos coincidem com a norma mais geral; recrudescem sua posição reafirmando o feminino como desvio, inadequação, falta” (Fraga, 2003. p. 102 *apud* Veiga, 2010, p. 197-198). Nesse sentido, se o intuito ao abordar a aparência de Marília fosse demonstrar a relevância da representatividade e criticar as tendências

opressoras do mercado, seria válido abordar o corpo e o sobrepeso da artista. Fora disso, é apenas repetição de preconceitos e fortalecimento da ditadura da beleza.

A moral oculta influencia ainda na leitura que se faz do consumo de drogas. Os textos sobre Marília positivam sua liberdade ao consumir drogas lícitas, no caso as bebidas alcoólicas, e o texto 7 positiva que Glória tenha viralizado ao consumir maconha em uma matéria que produziu na Jamaica. Mas, a dependência química de Rita Lee é descrita com ironia por Laura Mattos, no texto 11, o que acaba por banalizar um assunto sério e doloroso, que merece de quem está de fora, principalmente do jornalismo, um sincero respeito. Segundo Tuchman (2002), as notícias registram a realidade social e são um produto dela. As e os dependentes químicos são alvos de muitos preconceitos, violências, desrespeito e desdenho no corpo social, o jornalismo deve ter cuidado para não somar forças nessa teia.

No que diz respeito à categoria “CS”, houve, no geral, o interesse em demonstrar e ressaltar a presença das mulheres em posições de liderança e foram evidenciadas as suas particularidades (Lago; Nonato; Kazan, 2022). Mas, em alguns textos que tratavam de Sinéad O'Connor, artista internacional, houve um foco maior em polêmicas e vulnerabilidades do que em seu trabalho. No texto 8, em que o foco era a idade, a carreira e o protagonismo de Glória Maria pouco apareceram. Em relação à decisão de não ter filhos, a vontade de Aracy de se dedicar à carreira aparece como um dos principais motivos no texto 17, no entanto, não houve um aprofundamento em questões e debates importantes sobre esse tema.

Os textos analisados partem da informação da morte das artistas e da jornalista, carregando valor noticioso (Vasconcelos, 2014), para construir textos de opinião e textos informativos; todavia como aponta Silva (2019), não existe informação sem algum grau de opinião e nem opinião sem informação. Os materiais analisados contêm a presença de traços opinativos e informativos na sua elaboração, alguns desses aspectos valorizavam iniciativas e comportamentos contrários a estruturas opressoras e outros os reforçavam. É válido refletir que, de acordo com Mont’Alverne e Marques (2015), os textos de opinião são ferramentas para que um jornal ofereça aos leitores e leitoras uma forma de ler o mundo, diferentemente dos informativos que, na teoria, apresentam a realidade, sem interferir nos fatos. Como opinião e informação se misturam, pode-se pontuar que os materiais analisados podem cooperar com o letramento dos e das leitoras a respeito de temáticas importantes sobre os direitos e a representatividade das mulheres retratadas, mas também, acaba ainda por estar preso em concepções que violam os direitos das mulheres, limitando o debate.

Sobre os critérios de noticiabilidade utilizados ao longo das matérias analisadas, pode-se perceber que muitos deles se relacionam a aspectos considerados negativos. A

noticiabilidade está distribuída em três instâncias: primeira são os critérios presentes na origem dos acontecimentos, que se relacionam diretamente aos valores-notícias; a segunda diz respeito aos critérios participantes do tratamento dos acontecimentos selecionados, ligados à apuração, narração, hierarquização etc.; e a última trata de critérios que atuam na visão dos acontecimentos e na produção da notícia, relacionados, por exemplo, à ética jornalística (Silva, 2018). Nesse contexto, pode ser válido uma reeducação do olhar com a finalidade de tentar enxergar as histórias para além dos aspectos negativos que elas estão ligadas.

A editoria na qual os textos foram publicados é a Ilustrada, que surgiu em 1958. Esse caderno aborda assuntos ligados à cultura e variedades e é definido pelo Portal Publicidade, vinculado à Folha, como o mais completo desse segmento. Conforme dados da pesquisa Target Group Index, da Kantar IBOPE, de 2017, divulgada no site Publicidade Folha, os perfis de leitores do caderno, em São Paulo, são, majoritariamente, constituídos por mulheres, da classe A e com faixa etária entre 35 e 44 anos. Apesar de não haver informações sobre os perfis de leitores dessa editoria no âmbito nacional, por ter muitas leitoras, as publicações podem, ainda mais, levar em consideração aspectos que colaborem para a emancipação das mulheres e que promovam um diálogo maior sobre as diferentes classes, raças, orientações sexuais e outros recortes.

Cabe às investigações futuras perceberem como o jornalismo encara as demais relações das mulheres, com amigos e colegas de profissão, por exemplo. Também é importante investigar como o jornalismo narra a trajetória de mulheres com outros recortes, como as indígenas, trans, asiáticas e com deficiência (e outros marcadores identitários), não contempladas neste breve trabalho. Além disso, é fundamental ainda refletir sobre o silenciamento que os textos sobre pessoas que já partiram produzem. Embora as famílias, amigos e amigas e, no caso desta análise, os e as fãs, possam responder a alguma publicação ou material jornalístico, a pessoa central da narrativa já não pode mais utilizar seu direito de resposta. Qual seria, então, o peso da responsabilidade jornalística ao se propor em narrar e julgar a história, a carreira, os relacionamentos, os corpos e os vícios de pessoas falecidas? Por fim, é importante analisar ainda se o jornalismo da Folha avançou no diálogo feminista e antirracista, se tornando capaz de tecer diálogos mais profundos sobre reprodução humana, aborto, sexismo e racismo nas abordagens que faz sobre a história de mulheres. Um caminho para isso é a análise da multiplataforma Todas, que apresenta conteúdo voltado às mulheres e visa ofertar conteúdos diversos, que englobam diferentes fases de vida, renda, etnias e tipos de corpos.

REFERÊNCIAS

- ABREU, João Batista de. A morte editorializada: morrer, verbo intransitivo – discursos e referenciais sociais na imprensa brasileira. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, vol. 17, n. 1, e. 5769, 2021. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5769> Acesso em: 3 abr. 2024.
- ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- ALVERNE, Camila Mont'. MARQUES, Francisco Paulo Jamil. A opinião da empresa no Jornalismo Brasileiro: Um estudo sobre a função e a influência política dos editoriais. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vol. 12, n. 1, 2015. Disponível em: <https://l1nq.com/g0lt6>. Acesso em: 14 abr. 2024.
- ASSIS, Francisco de. Fundamentos para a compreensão dos gêneros jornalísticos. **Revista Alceu**, v. 11, n. 21 - p. 16 - 33, 2010. Disponível em: http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu21_2.pdf Acesso em: 14 abr. 2024.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4ª edição. Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha**. Uma metáfora da condição humana. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- CARDOSO, Everton. MONTEIRO, Maria Clara Sidou. Análise de conteúdo: perspectivas teóricas e metodológicas no campo da Comunicação. In: Wottrich, Laura (Orgs.), Nísia Martins do Rosário (Org.). **Experiências metodológicas na comunicação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. pp. 103-122.
- CARVALHO, Guilherme. Diretrizes para a análise de discurso em jornalismo. **Revista Uninter de Comunicação**, v. 1, n. 1, 2013.
- COSTA, Claudia de Lima. O feminismo e o pós-modernismo/pós-estruturalismo: (in)determinações da identidade nas (entre)linhas do (con)texto. In: PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar (Orgs.). **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinariedade**. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000. pp. 57-90.
- ECOSTEGUY, Ana Carolina. Uma introdução aos estudos culturais. **Famecos**, n. 9, 1998. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/3014>. Acesso em: 15 set. 2023.
- FOLHA ONLINE. **Círculo Folha**. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm. Acesso em: 24 abr. 2024.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. 1987. Documento Digitalizado, disponível em <http://www.adelmo.com.br/index3.htm>. Acesso em: 15 set. 2023.
- GONZALEZ, Lélia. **A categoria político-cultural de amefricanidade**. **Tempo Brasileiro**, n. 92/93, 1988.

GUSTAFSON, Jéssica. Percursos latino-americanos na formulação de um jornalismo com perspectiva de gênero. *In*: 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom. **Anais**. Encontro Virtual, 2021. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt1-tj/jessica-gustafson.pdf>. Acesso em: 28 out. 2023.

GUSTAFSON, Jéssica. Proteção e resistência de jornalistas feministas na América Latina. **Revista Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, v. 10, 2023. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/21861/209209217721> Acesso em: 28 out. 2023.

HOMEM, Maria. Que época louca é essa em que pessoas pegam carona na morte para se autopromover? **Folha de S.Paulo**, 7 nov. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/maria-homem/2021/11/que-epoca-louca-e-essa-em-que-pessoas-pegam-carona-na-morte-para-se-autopromover.shtml>. Acesso em: 15 fev. 2024.

LAGO, Claudia. KAZAN, Evelyn. THAMANI, Manuela. Jornalismo e Estudos de Gênero: e a interseccionalidade, onde está? *In*: 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom. **Anais**. Joinville, 2018. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003028415.pdf> Acesso em: 28 out. 2023.

LAGO, Cláudia. NONATO, Cláudia. KAZAN, Evelyn. Questões de gênero na cobertura da covid-19 pela Agência Mural de Jornalismo das Periferias. **Rumores**, v. 16, n. 32, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/202133/190085> ACESSA em: 15 nov. 2023.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

MARQUES DE MELO, José. ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. *In*: **Intercom - RBCC**, São Paulo, v.39, n.1, p.39-56, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/YYXs6KPXhp8d7pRvJvnRjDR/> Acesso em: 16 mar. 2024.

MARQUES DE MELO, José. **Panorama diacrônico dos gêneros jornalísticos**. *In*: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Caxias do Sul - RS, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-2215-1.pdf> Acesso em: 15 abril. 2024.

MARTINEZ, Monica. LAGO, Cláudia. LAGO, Mara Coelho de Souza. Estudos de gênero na pesquisa em jornalismo no Brasil: uma tênue relação. **Famecos**, v. 23, n. 2, .2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/22464/14180> Acesso em: 28 out. 2023

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: UFSC, 1992. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/48396757/Eduardo-Meditsch-O-Conhecimento-Do-Jornalismo>. Acesso em: 04 set. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2010.

MORAES, Fabiana de. Subjetividade: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral. São Paulo. **Extraprensa**, v. 12, n. 2, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153247/155192> Acesso em: 28 out. 2023.

MORAES, Fabiana de; VEIGA DA SILVA, Marcia. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: Ivan Bonfim, Brasilio Sator, Karine Moura Vieira e Marcia Veiga da Silva (Orgs.). **Mídia e Zeitgeist**. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2021.

MORAES, Fabiana. A subjetividade como uma proposta de decolonização do jornalismo brasileiro. In: Marta R. Maia, Mateus Yuri Passos (Orgs.). **Narrativas midiáticas contemporâneas: epistemologias dissidentes**. Santa Cruz do Sul: Catarse, 2020.

MOREIRA, Fabiane Barbosa. **Os valores-notícia no jornalismo impresso: análise das características substantivas das notícias nos jornais Folha de S. Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Porto Alegre, p. 157. 2006.

MOREIRA, Tadiana Maria. Pesquisas Quantitativas. In: **Nos caminhos da iniciação científica: guia para pesquisadores em formação**. Joinville: Faculdade Ielusc, 2022.

NUNES, Tailane Santana. Entre encruzilhadas, fronteiras e interseccionalidades. **Novos Olhares Sociais**, v. 4, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufrb.edu.br/index.php/novos-olhares-sociais/article/view/4610/2384>. Acesso em: 28 out. 2023.

OLIVEIRA, Jair Antonio de. SILVA, Anderson Lopes da. PELINSON, Fabiana. A imaginação melodramática e a narrativa jornalística: a realidade como ficção. **Revista Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, vol.1, n.1 p.105-119, ago/dez, 2014. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/5918/4216> Acesso em: 24 mar. 2024.

OTT, Sântia Mara. O agronegócio brasileiro em cena: análise de enquadramentos jornalísticos em textos opinativos do estado. Vitória, 2022.

PORTO, Mauro. Enquadramentos da mídia e política. In: Antonio Albino Canelas Rubim (Org.) **Comunicação e Política: conceitos e abordagens**. Salvador: Edufba, 2004. pp. 73-104. Disponível em: <https://comunicacaoeleitoral.ufpr.br/wp-content/uploads/2018/03/RUBIM-org-Comunicacao-e-politica-conceitos-e-abordagens-1.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2024.

PUBLICIDADE FOLHA. **Ilustrada**. Disponível em: <http://www.publicidade.folha.com.br/folha/cadernos/ilustrada/#:~:text=O%20caderno%20Ilustrada%20traz%20a,do%20jornalismo%20cultural%20do%20Pa%C3%ADs>. Acesso em: 24 abr. 2024.

PUBLICIDADE FOLHA. **Perfil do leitor.** Disponível em: http://www.publicidade.folha.com.br/folha/perfil_do_leitor_nacional.shtml. Acesso em: 24 abr. 2024.

ROCHA, Paula Roberta Santana. SANTOS, Goiamérico Felício Carneiro dos. **A morte como espetáculo midiático.** In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, Rio Verde, GO, 2013. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2013/resumos/R36-0039-1.pdf>. Acesso em: 15 fev.2024.

SAMPAIO, Rafael Cardoso. LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação.** Brasília: Enap, 2021. Disponível em: https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/6542/1/Analise_de_conteudo_categorial_final.pdf. Acesso em: 14 mai. 2024.

SILVA, Gislene. A engrenagem da noticiabilidade no meio redemoinho. **Revista Observatório**, Palmas, v. 4, n. 4, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/5502/13309>. Acesso em: 31 jan. 2024.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. II, n.1, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2091/1830>. Acesso em: 19 jan. 2024.

SILVA, Maria Stella Galvão. Gêneros jornalísticos e o debate polarizador entre opinião e informação. **Revista Latino-americana de Jornalismo**, João Pessoa, ano 6, vol.6, n.1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ancora/article/view/46585/27788>. Acesso em: 18 abr. 2024.

SOUSA, Natália. SUAREZ, Joana. **Médicos quebram sigilo e denunciam mulheres por aborto.** **AzMina**, 16 ago. 2023. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/medicos-quebram-sigilo-e-denunciam-mulheres-por-aborto/>. Acesso em: 03 dez 2023

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum.** Rosa dos Tempos, Rio de Janeiro, 2018.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do Jornalismo no século XX.** São Leopoldo: Unisinos, 2001.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. A Tribo Jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional.** Florianópolis, Insular: 2005.

TUCHMAN, Gaye. As notícias como uma realidade construída. In: ESTEVES, João Pissarra (Org.). **Comunicação e sociedade.** Lisboa: Livros Horizonte, 2002. p. 93-106.

VASCONCELOS, Augusto Acosta de. **Jornalismo opinativo na revista GQ Brasil: sentidos sobre a masculinidade autorizada.** Santa Maria, 2014. Disponível em: <https://acesse.dev/dVilQ>. Acesso em: 13 abr. 2024.

VEIGA DA SILVA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. 2010. 250 F. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Porto Alegre, 2010. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25629/000753018.pdf?sequence=1&origin=publication_detail. Acesso em: 04 set. 2023.

WINQUES, Kérley. Pesquisas qualitativas. *In*: WINQUES, Kérley (Org.) **Nos caminhos da iniciação científica**: guia para pesquisadores em formação. Joinville: Faculdade Ielusc, 2022.

WOITOWICZ, Karina Janz. AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. ROCHA, Paula Melani. **Decolonialidade na produção jornalística**: direitos humanos e interseccionalidade de gênero, raça e classe no site Elos. Mujeres, comunicación y cambio social. Bogotá: Ediciones USTA, 2022.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação. Mass media: contextos e paradigmas; Novas tendências; Efeitos a longo prazo; O newsmaking**. 5.ª edição, Lisboa, Setembro, 1999.